



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS**

RAQUEL FERREIRA DA SILVEIRA

AS ADAPTAÇÕES DA CINDERELA SURDA E O VISUOLEITOR



SÃO CRISTÓVÃO-SE

2024

RAQUEL FERREIRA DA SILVEIRA

AS ADAPTAÇÕES DA CINDERELA SURDA E O VISUOLEITOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe.

Área de concentração: Estudos literários.
Linha de pesquisa: Criação e Processos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Magno Santos Gomes.

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Carlos Magno Santos Gomes (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Letras (Universidade Federal de Sergipe)

Prof. Dr. Fernando de Mendonça (Avaliador interno)
Programa de Pós-Graduação em Letras (Universidade Federal de Sergipe)

Prof. Dr. Fabiano Souto Rosa (Avaliador externo)
Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal de Pelotas

Aprovada em: 21/02/2024

SÃO CRISTÓVÃO-SE
2024

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Silveira, Raquel Ferreira da

S587a As adaptações da Cinderela surda e o visualeitor / Raquel
Ferreira da Silveira ; orientador Carlos Magno Santos Gomes

– São Cristóvão, SE, 2024.

140 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de
Sergipe, 2024.

1. Literatura - Adaptações. 2. Língua brasileira de sinais - Estudo e
ensino. 3. Surdos - Meios de comunicação. 4.. I. Gomes, Carlos
Magno Santos, orient. II. Título.

CDU 81'221.24

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, pela oportunidade de poder fazer parte de um “algo muito maior”.

À minha família em especial ao meu pai Manuel (in memoriam) um homem requintado para a música, aos meus irmãos: Adriana - a realizadora dos desenhos desta dissertação, Emanoela, minha querida caçula, Yuri, meu irmão bonitão. Sobrinhos entre esses a Valentina, Yslla e Emanuel.

Aos meus primos surdos Marcelo e Marcio Silveira, ao meu primeiro professor surdo José Tadeu Raynal, a Comunidade Surda da Bahia em especial ao CESBA – Centro de Surdos da Bahia, entre esses Joselito, Mauricio e Marcia e a de Sergipe e do Brasil por me receber e me amar me dando algo tão precioso como a LIBRAS.

Ao meu orientador Carlos Magno Gomes, que eu amo de paixão desde “quando eu era pequena em Barbacena”, e aos professores do Departamento de Letras Libras como Fernando Mendonça, Claudio Manuel, Alzenira Aquino e Raquel Pereira, pelo suporte muitas vezes concedido.

Aos meus amigos pets: Bethovem (In Memoriam), Pequeno Príncipe, Menino, Lilica, Zambia (In Memoriam), Shevá, Delegado (In Memoriam), Nina, Sofia, Ilê, Olga, Clarice, Mamãezinha, Amarelinha, Maju e Julius e as duas tartarugas.

E aos meus amigos, em especial a Elza Ferreira Santos, Wagner Guimarães e a Flor por me ouvirem.

Eu queria ser surda, pois me perdi em meio a esse mundo de silêncio.

Eu queria ser aceita, pois no meio deles, me sinto mais eu.

Eu mergulho nas águas profundas da cultura surda e da Libras de tal forma, que eu muitas vezes nem me lembro de voltar a superfície dos ouvintes.

Raquel Silveira

Figura 1 – Capa de todas as Cinderelas Ouvintes e Surda



Fonte: Silveira (2023)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre as adaptações dos contos de fadas “Cinderela” e “Cinderela Surda”, a partir de discussões sobre traduções, adaptações literárias e o conceito de visualeitor, visando atualizar os significados dessas recriações em Língua Brasileira de Sinais – Libras. O estudo busca comparar as diferentes estratégias usadas na tradução de ambas as versões do conto, destacando a importância da performance visual na interpretação do vídeo de "Cinderela Surda" em Libras. A versão "Cinderela Surda" representa um empoderamento da identidade Surda e fortalece a visibilidade da Libras e da cultura Surda. Nas versões clássicas, Cinderela é uma personagem ouvinte que perde um dos sapatinhos, enquanto, na adaptação Surda, ela deixa uma das luvas, que é encontrada pelo príncipe também Surdo, construindo assim um novo referencial identitário para os visualeitores Surdos. Como metodologia, foi realizada uma análise comparativa entre o livro em PDF da história original e os vídeos do canal Chaplim no YouTube, que apresentam a versão em Libras da "Cinderela Surda". A pesquisa também examinou a tradução/interpretação do clássico “Cinderela” para Libras, além de comentar as estratégias visuais de adaptação no vídeo da “Cinderela Surda”, com ênfase nos elementos que favorecem a interpretação do visualeitor. O arcabouço teórico inclui contribuições de estudiosos da literatura Surda, como Claudio Mourão, que discute o poder das mãos na construção dessa literatura e a especificidade do visualeitor, além das sugestões pedagógicas de Lodenir Karnopp sobre os processos de adaptação no ensino de literatura Surda. Ademais, o estudo aborda os debates de Linda Hutcheon e Rachel Sutton-Spence sobre a adaptação como um ato performático de criação, destacando que cada versão é um diálogo entre autores, leitores e visualeitores, deixando marcas concretas na criação e adaptação das obras.

Palavras-chave: Adaptações. Cinderela Surda. Libras. Literatura Surda. Visualeitor.

ABSTRACT

This research aims to reflect on the adaptations of the fairy tales "Cinderella" and "Deaf Cinderella," based on discussions about translations, literary adaptations, and the concept of the visuoreader, with the goal of updating the meanings of these recreations in Brazilian Sign Language (Libras). The study seeks to compare the different strategies used in the translation of both versions of the tale, highlighting the importance of visual performance in the interpretation of the video "Deaf Cinderella" in Libras. The "Deaf Cinderella" version represents an empowerment of Deaf identity and strengthens the visibility of Libras and Deaf culture. In the classic versions, Cinderella is a hearing character who loses one of her slippers, whereas in the Deaf adaptation, she leaves behind a glove, which is found by the Deaf prince, thus constructing a new identity reference for Deaf visuoreaders. As a methodology, a comparative analysis was conducted between the PDF book of the original story and the videos from the Chaplin YouTube channel, which presents the Libras version of "Deaf Cinderella." The research also examined the translation/interpretation of the classic "Cinderella" into Libras and discussed the visual adaptation strategies in the video of "Deaf Cinderella," with an emphasis on elements that favor visuoreader interpretation. The theoretical framework includes contributions from scholars of Deaf literature, such as Claudio Mourão, who discusses the power of the hands in constructing Deaf literature and the specificity of the visuoreader, as well as Lodenir Karnopp's pedagogical suggestions on the adaptation processes in Deaf literature education. Additionally, the study engages with debates by Linda Hutcheon and Rachel Sutton-Spence on adaptation as a performative act of creation, highlighting that each version is a dialogue between authors, readers, and visuoreaders, leaving concrete traces in the creation and adaptation of the works.

Keywords: Adaptations. Deaf Cinderella. Libras. Deaf Literature. Visuoreader.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa de todas as Cinderelas Ouvintes e Surda	00
Figura 2 – Literatura Surda em Construção.....	20
Figura 3 - Arte Surda	244
Figura 4 - Bases Essenciais do Sujeito Surdo.....	277
Figura 5 - Características Linguísticas da Literatura Surda	344
Figura 6 – Configuração de Mão Simetricamente.....	366
Figura 7 - Bolinha de Ping-Pong	377
Figura 8 - Poesia Voo sobre o Rio de Janeiro	39
Figura 9 - Incorporação de um Pássaro	400
Figura 10 - Sistema de escrita de dança	Erro! Indicador não definido.6
Figura 11- Ensino de escrita de sinais	Erro! Indicador não definido.7
Figura 12 – Cinderela surda com a escrita de sinais.....	49
Figura 13 –Sinal para Visuoliterária.....	52
Figura 14- Sinal de Visuoleitor frente	56
Figura 15- Sinal de Visuoleitor de outro ângulo	56
Figura 16- O clássico branca de neve em lingua de sinais	68
Figura 17- Materiais bilingue da editora Arara Azul	69
Figura 18- Adaptação de pinóquio para a Libras	73
Figura 19- Adaptação do clássico pinóquio no Letras Libras UFS	74
Figura 20- Os efeitos estéticos.....	75
Figura 21- Cinderela chinesa e seu sapatinho	77
Figura 22- O sapatinho perdido	78
Figura 23- Cinderela em Libras - INES.....	81
Figura 24- Cinderela em Libras - INES.....	81
Figura 25- Cinderela em Libras - INES.....	81
Figura 26- Cinderela com tradução em lingua de sinais americana	86
Figura 27- Cinderela na lingua de sinais americana.....	87
Figura 28- Cinderela em BSL.....	89
Figura 29- Cinderela na lingua de sinais britânica	89
Figura 30- Tradução de cinderela em BSL.....	90

Figura 31- Capa do livro em PDF	93
Figura 32- A recepção do visualeitor	95
Figura 33- Cinderela e a LSF	97
Figura 34 – Ensino da LSF ao príncipe	99
Figura 35- Alfabeto em LSF e Libras.....	101
Figura 36 – O falecimento do pai de Cinderela Surda	102
Figura 37 – Cinderela Surda limpando tudo sozinha	104
Figura 38- Convite para o baile	966
Figura 39- O dia do baile e seu vestido	109
Figura 40 – Fada madrinha	10010
Figura 41- A magia.....	112
Figura 42 - O baile e o príncipe	113
Figura 43- Meia noite	1055
Figura 44- O apice da história a luva que fica com o príncipe.....	1076
Figura 45- Em busca da dona da luva.....	1097
Figura 46- Final feliz	1100

LISTA DE SIGLAS 0

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CEFET - Fundação de Apoio a Educação e Desenvolvimento Tecnológico

CESBA - Centro de Surdos da Bahia

DELI - Departamento de Letras Libras da Universidade Federal de Sergipe

Libras - Língua Brasileira de Sinais

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PNE - Plano Nacional de Educação

UFS - Universidade Federal de Sergipe

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSCAR -Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 LITERATURA SURDA EM CONSTRUÇÃO	20
2.1 A peculiaridade da cultura e da identidade Surda	24
2.2 Literatura surda e seus recursos linguísticos	32
3 CONCEPÇÕES DE LETRAMENTO LITERÁRIO E DO VISUOLEITOR.....	411
3.1 Letramentos e formação do leitor	411
3.2 Literatura surda.....	466
3.3 As abordagens do visuoleitor	49
3.4 O visuoleitor e os desafios multimodais.....	59
4 LITERATURA SURDA E SUAS ADAPTAÇÕES	665
4.1 As adaptações por meio de linguagens visuais.....	710
4.2 As adaptações para cultura surda.....	721
4.3 Uma homenagem a primeira Cinderela dos Contos de Fadas	776
4.4 Cinderelas encontradas no Youtube com tradução em Libras	79
4.5 A cinderela com interpretação em Língua de Sinais	854
5 O VISUOLEITOR E AS ADAPTAÇÕES DA CINDERELA SURDA.....	921
5.1 A cinderela surda e o seu visuoleitor modelo.....	933
5.2 Análise comparativa entre o livro digital e o vídeo.....	1213
5.3 Síntese para proposta de vídeo performático em Libras....	Erro! Indicador não definido. 5
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	1267
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	1313
ANEXOS	137



1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação investiga como os contos de fadas “Cinderela” e “Cinderela Surda” são traduzidos para Libras e para a Cultura Surda em vídeos disponíveis no YouTube. São dois exemplos de textos usados nas aulas de literatura surda, pois ora é apresentada uma versão traduzida para Libras, em uma perspectiva interlingual¹, ora é apresentada uma versão adaptada para cultura surda, com inclusão de elementos próprios da identidade surda. Nos dois casos, o papel do intérprete é muito importante, pois pode haver uma tradução linguística ou uma tradução estética como tentaremos debater nesta pesquisa, tendo como horizonte de expectativa o leitor surdo, que estamos nomeando como um visuoleitor² aquele que tem acesso ao texto por meio da linguagem visual, com destaque para Libras, linguagens visuais e gestuais.

Nas atividades de um intérprete, temos que exercer diversos papéis no processo de comunicação, que passam pela seleção dos sinais e pela performance. Tanto o uso dos sinais adequados como a performance estética são fundamentais para que haja compreensão adequada do texto literário por parte do leitor surdo. Esses dois momentos podem ser preparados, priorizando o leitor visual, que, nesta dissertação, está sendo reconhecido como o visuoleitor. Esse leitor precisa ser pensando como um leitor para além da tradução da Libras, pois na interpretação do texto literário está em jogo a performance do intérprete, com sua capacidade gestual e facial, como tentaremos provar nesta dissertação.

Esta pesquisa vincula-se à área de concentração Estudos literários e à linha de pesquisa de Criação e processos literários do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS). Como corpus, estamos interessados em analisar o papel do intérprete em vídeos em Libras das diversas versões do conto “Cinderela” e “Cinderela Surda”. No processo de tradução de Língua portuguesa para Libras, entendemos que o texto em língua de sinais pode ser visto como uma adaptação, pois acreditamos que os recursos estéticos, gestos e performance, incluídos na tradução interlingual são indispensáveis para a recepção do leitor surdo.

¹ Refere-se a algo que envolve ou está relacionado a diferentes idiomas ou ao processo de tradução entre idiomas. Pode se referir à tradução, interpretação ou qualquer comunicação que cruze fronteiras linguísticas.

² O termo visuoleitor é um neologismo que criamos a partir dos estudos de Claudio Mourão, que propõe em sua tese de doutorado a valorização da comunicação visual. Ele defende que as *mãos literárias* são usadas no processo de criação/tradução de um texto em Libras e a *visualiterária* é uma produção visual em línguas de sinais (2016, p. 19).

Nas aulas de literatura surda, a troca de experiências e vivências que acontece entre professores, intérpretes e discentes surdos passa por uma dinâmica que requer um mapeamento das técnicas usadas pelos intérpretes para a adaptação de um texto literário para Libras. A importância de essa adaptação privilegiar o campo visual é fundamental para a ampliação do horizonte cultural do surdo, por isso precisa ser articulada para além de uma interpretação interlingual, necessitando de expressões gestuais e performáticas.

Sabemos que a sociedade ouvinte, em sua grande parte, desconhece a cultura surda e, nos moldes que a conhece, geralmente é através do olhar do próprio sujeito ouvinte. Ao terem diante de si a possibilidade de se expressar, reconstruindo as narrativas ouvintes sobre a sua língua, histórias e cultura, a representação surda começa a ter outros apontamentos, criando inúmeras formas de pensar e conhecer a surdez.

Nas aulas bilíngues, o papel do intérprete é muito importante para a produção de adaptações que sejam entendidas pelos surdos. Nesse processo, práticas de leitura da literatura surda estimulam o conhecimento, a interação com o outro, o desenvolvimento do vocabulário e o desenvolvimento da percepção estética, a qual está atrelada às emoções e sentimentos dos surdos no processo de interpretação e compreensão de um texto, proporcionando-lhe novas experiências como sujeito surdo. Assim, acreditamos que a literatura surda estimula o potencial artístico dos leitores envolvidos em recontar a história a partir de seu contexto social.

Esse interesse por estudar questões estéticas no processo de tradução interlingual vem da minha jornada de vida, de convivência profissional e social com a comunidade surda. Sou intérprete de Libras, servidora nesta Universidade desde o ano de 2014. Em minha formação, sou Bacharel em Tradução e Interpretação de Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e com pós-graduação de Tradução e Interpretação em Libras pela Universidade Federal do Vale de São Francisco.

Sou uma integrante da comunidade surda há muito tempo, lembro-me que certa vez eu estava na rodoviária aguardando, junto com os meus pais, um ônibus para viajar para a casa de meus avôs maternos e, de repente, um homem aproximou-se com um pedacinho de cartolina branca com o alfabeto em cor vermelha. Meu pai comprou e me deu, e eu guardei por muitos anos aquele alfabeto manual, pois aquele surdo tinha me chamado atenção, mesmo eu não sabendo nada sobre pessoas surdas.

Iniciei no ano de 1995³, a minha convivência com os surdos em Salvador, em uma associação de surdos chamada CESBA – Centro de Surdos da Bahia⁴, criada em 2 de julho de

³ Anexo A - Foto

⁴ Anexo B - Foto

1979. Trata-se da segunda associação mais velha do Brasil, com a sua sede localizada no bairro Soledade. Fiz o meu primeiro e único curso em de Libras⁵ básico na Comunidade Taizé, comunidade ecumênica que foi fundada em 1940 pelo Irmão Roger, que permaneceu como seu Prior até sua morte, em 16 de agosto de 2005, e é dedicada à reconciliação, constituída por mais de cem homens de várias nacionalidades, representando protestantes e católicos da cristandade.

Esse curso aconteceu em Alagoinhas, interior da Bahia, com o meu professor surdo Tadeu Raynal Rocha⁶, ele que me tomou pelas mãos, apresentou-me à comunidade surda e confiou-me a oportunidade de trabalhar no CESBA - Centro de Surdos da Bahia, instituição fundada por pessoas surdas com 41 anos de lutas e conquistas na sociedade baiana. Trabalhamos pelo desenvolvimento educacional, socioemocional e pela qualidade de vida, gerenciando contratos que visam quebrar as barreiras na comunicação, através da difusão da Libras e da inclusão do cidadão surdo.

Trabalhei no ano 2008 como secretária e intérprete de Libras, e o contato diário com a comunidade surda me fez emergir nesse mundo de sinais. Tive o prazer de conhecer e conviver com o monsenhor Padre Vicente Burnier⁷, o primeiro padre surdo, e de assistir a várias missas ministradas por ele em língua de sinais em Salvador, na Igreja da Piedade. Viajei para vários estados do Nordeste para campeonatos esportivos⁸ em associações entre os surdos do sexo feminino e masculino, como futsal, futebol de campo e handebol. Também tive a oportunidade de participar de eventos como miss surda, festas de halloween, festas juninas, teatro surdo, assembleias para discussões diversas, como eleição de presidente da associação, e demais reuniões, nas quais adquiri muitas experiências do universo surdo. Essas participações contribuíram para minha formação profissional e pessoal e em minha jornada; dia após dia, conheci um povo que me acolheu e com eles aprendi o sentimento de amizade, solidariedade e percepção visual.

Na trajetória familiar, fui casada com surdo e tenho primos surdos, minha convivência com eles sempre foi distante até que a minha família veio morar no Nordeste. Eu aprendi Libras antes mesmo que os meus primos surdos, e como eles eram oralizados, fiz questão de apresentá-los à comunidade surda. Atualmente, na minha família são seis surdos, pois os mesmos casaram com esposas surdas e um deles tem duas filhas surdas. Tenho muito orgulho de pertencer a uma família com surdos.

⁵ Anexo C - Foto

⁶ Anexo D - Foto

⁷ Anexo E - Foto

⁸ Anexo F - Foto

Eu fui presenteada com a Libras, por isso posso dizer com propriedade que faço parte de uma história na comunidade surda. Aqui em Sergipe, principalmente, no curso Letras Libras, tive a oportunidade privilegiada de conhecer muitos discentes surdos e de mergulhar em seus diferentes universos. A necessidade de entender mais sobre a aprendizagem dos surdos me motivou a ser pesquisadora.

O interesse pela literatura surda surgiu quando o professor Fernando Mendonça⁹ da UFS, do Departamento de Letras Libras – DELI, pediu-me para que interpretasse o poema “Uma Carniça” do livro *as Flores do Mal*, de Charles Baudelaire¹⁰. Nesse momento, ao interpretar o poema, senti que os alunos surdos me acompanhavam, e, ao término, um deles estava emocionado. Ou seja, ele compreendeu o poema, atribuindo a ele emoção e sentido. Nesse momento, acendeu uma lâmpada no meu interior, que me dizia: Vamos trilhar o caminho da literatura e da literatura surda.

Desde então, avaliei que a literatura surda pode mudar as nossas vidas. Para tanto, os surdos precisam ter acesso a essa literatura para que eles mesmos possam fazer as suas escolhas: adaptá-las, recriá-las, traduzi-las. Enfim, com a estética e a performance da Libras possam conduzi-los a esse caminho libertador: o da leitura visual. Minha contribuição como intérprete é buscar estratégias de tradução que facilitem o processo de interpretação dos surdos, visuoleitores, e que desenvolvam o gosto pelo ato de ler e de criar literatura surda em Libras.

Entende-se como visuoleitor aquele que tem acesso à literatura surda visual, isto é a visualiterária, a partir de vídeos em Libras e de textos multimodais. Para Cláudio Mourão (2016, p. 19), a visualiterária é composta por textos literários em línguas de sinais, na modalidade visual dessa língua, utilizando recursos estéticos e a arte de sinalizar. Para entender um texto em Libras, precisamos pensar na recepção do visuoleitor, o destinatário. Os textos visuais combinam diferentes modalidades de comunicação, como Libras, sinais visuais, gestos, expressões faciais e, às vezes, texto escrito ou falado, para transmitir informações de forma mais abrangente e compreensível.

A fim de levantar um estudo sobre qual o melhor caminho para um intérprete traduzir um texto literário para Libras, vamos analisar diferentes traduções do clássico “Cinderela” para

⁹ Escritor. Em 2012, publicou seu primeiro romance (*Um Detalhe em H* - Ed. Grupo Paés) e sua pesquisa vencedora do Prêmio Melhor Dissertação do Ano - PGLetras/UFPE (*A Modernidade em Diálogo* - Editora UFPE); em 2014, publicou mais uma obra de ficção (*23 de Novembro* - Ed. Grupo Paés); em 2020, sua Tese de doutoramento (*O Desamparo do Verbo* - Editora UFS), e em 2022, o seu mais recente romance (*A Queda de José Luz* - J. Andrade). Professor de Teoria Literária na Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde atua como Chefe no Departamento Letras LIBRAS (DELI), e colabora no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema (PPGCINE).

¹⁰ Charles Pierre Baudelaire foi um poeta boêmio, dândi, flâneur e teórico da arte francesa.

língua de sinais e como a adaptação “Cinderela Surda” é traduzida para Libras em vídeos do Youtube. Nessa trajetória de estudo, incluímos em nossas análises tanto os aspectos interlinguais como os intersemióticos, imagens, cores e tamanho das fontes.

Metodologicamente, esta pesquisa combina métodos qualitativos e pesquisa bibliográfica. Especificamente, vamos analisar como a versão “Cinderela Surda”, publicada em formato de livro digital com trinta e seis páginas, da autoria de Caroline Hessel, Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa, foi adaptado em Libras em diferentes vídeos. Essa obra já conta com três edições: a primeira no ano de 2003, a segunda no ano de 2007, e a terceira no ano de 2013, pela editora ULBRA. Suas ilustrações, que foram feitas por Caroline Hessel, contribuem para a contextualização desta adaptação na cultura surda, pois trazem imagens do campo visual e está escrito em Português e em Signwriting. Consiste em uma adaptação da história clássica “Cinderela”, mas com personagens surdos e inclusão de elementos da cultura e de marcas identitárias surdas.

Essa obra traz uma boa estrutura de adaptação de um clássico para a cultura surda. Trata-se de um exemplo de como histórias tradicionais podem ser adaptadas para incluir representação da comunidade surda. As adaptações em vídeo dessas das versões de “Cinderela” podem ser analisadas como modelos de interpretação interlingual, identificando os elementos estéticos usados pelo intérprete/tradutor para elaborar a tradução para Libras.

Em nossa trajetória investigativa, procuramos pesquisar sobre a literatura surda, identidades plurais sinalizantes e sobre a cultura surda em suas adaptações. Realizamos, também, leituras de fichamento de livros, teses, artigos, dissertações e de trabalhos de conclusão de curso. Além desse material, ressaltamos que as disciplinas Literatura Comparada e Estudos de Leitura, cursadas durante o mestrado, também contribuíram para a lapidação da pergunta inicial que motivou esta pesquisa: como posso analisar a performance de um intérprete nas aulas de literatura no curso de Letras Libras da UFS?

Entre as obras consultadas, damos destaque: aos estudos de Cláudio Henrique Nunes Mourão (2016) sobre “Literatura Surda: experiência das mãos literárias”; aos exemplares didáticos em PDF de Literatura surda, de Lodenir Karnopp (2008), e Metodologia de Ensino da Literatura Surda de Lodenir Karnopp e Caroline Hessel (2009), disponíveis no curso de licenciatura Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); e ao livro Literatura em Libras, de Raquel Sutton-Spencer, pela editora Arara Azul (2021). Além de outros estudos acerca da Libras e da cultura surda e do ensino de literatura e semiótica, publicados por Karin Strobel, Gladis Perlin, Carlos Magno Gomes, Stuart Hall, Paulo Freire, Lucia Santaella, entre outros.

Realizamos a análise de textos escritos em línguas de sinais ou recursos visuais usados na literatura surda, como vídeos ou desenhos. Isso inclui a busca por adaptações da Cinderela em línguas de sinais ou representações visuais da história, como vídeos na plataforma do Youtube de diversas histórias recriadas e/ou adaptadas. Dentre elas, priorizei as histórias da Cinderela chinesa, conhecida como "Ye Xian" (叶限), que é uma das versões mais antigas e famosas da história da Cinderela. Ela foi criada muito antes da versão ocidental mais popular de Cinderela, que todos nós conhecemos dos contos de fadas europeus. A história de Ye Xian remonta a cerca de 850 d.C., durante a Dinastia Tang, na China.

Ao assistir a esses vídeos, fomos realizando observações nas quais constatamos os aspectos técnicos e estéticos das produções. Observamos também que os vídeos conseguiram melhor transmitir a literatura surda. Tentamos observar como o léxico dos sinais poderia atingir o público de faixas etárias distintas. Quanto ao conto "Cinderela Surda", realizamos um trabalho interpretativo para saber se o uso de Libras vai além da tradução interlingual e explora aspectos estéticos da língua dos surdos.

O objetivo geral desta pesquisa é comparar as diferentes estratégias usadas para a tradução do conto "Cinderela" e "Cinderela Surda" do português para Libras, destacando a importância da performance visual na interpretação do vídeo de Cinderela Surda em Libras. Já os objetivos específicos são: a) Analisar e comentar a tradução/interpretação do clássico "Cinderela" para Libras; b) comentar as estratégias de tradução/adaptação do conto "Cinderela Surda" para o vídeo, dando destaque aos elementos visuais que favorecem a interpretação do visuoleitor;

Esta dissertação é composta de quatro sessões. Na primeira, abordaremos a literatura surda em construção, trataremos do conhecimento sobre o povo surdo, das peculiaridades da cultura e da identidade surdas, juntamente com a literatura surda e seus recursos estéticos, o letramento literário e multimodalidade para o surdo e também a escrita de sinais na versão impressa do conto "Cinderela Surda". Debateremos a questão do visuoleitor a partir das contribuições de Mourão para ampliarmos a importância de uma tradução literária voltada para os aspectos estéticos da Libras.

Na segunda sessão, retomamos as reflexões sobre o letramento literário e a formação do leitor, posteriormente abordaremos as questões sobre a multimodalidade e as possibilidades de interpretação de um texto visual e, em seguida, vamos detalhar as concepções acerca do visuoleitor. Demonstrando alguns exemplos sobre as adaptações em diferentes culturas. Entre os destaques dessas versões, faremos uma homenagem à primeira Cinderela dos contos de fada,

fazendo referências a Cinderelas encontradas no Youtube com tradução em Libras e a Cinderela com interpretação em Língua de Sinais.

Na terceira sessão, trataremos das diferentes versões do conto “Cinderela” em traduções interlinguais em língua de sinais de outros países, destacando as questões culturais próprias das identidades surdas e como cada adaptação usa recursos estéticos diferentes como desenhos, imagens e foto para alcançar o visualeitor. Esse levantamento foi importante para que pudéssemos analisar a versão adaptada para a cultura surda.

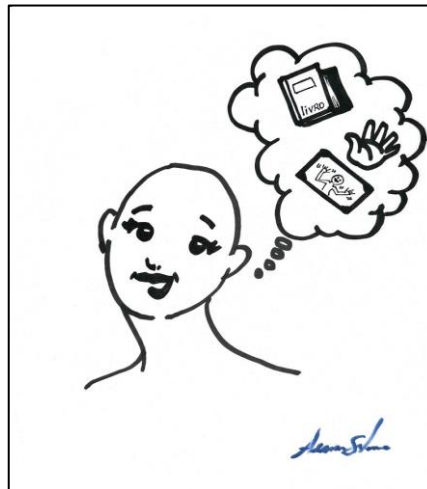
Na quarta sessão, vamos analisar detalhadamente como o livro “Cinderela Surda” é traduzido para Libras. Vamos comentar como o intérprete narra em Libras as diferentes linguagens do livro: a parte em Português como L2, os desenhos, e a versão em *SignWriting*. Nesta parte da pesquisa, comentaremos tanto a tradução interlingual como também os signos não-verbais e da transposição de textos literários para outras artes e mídias, ilustração, filmagem e edição do vídeo. Constatamos que há uma boa transposição intersemiótica, pois são explorados diversos sinais gestuais e expressões faciais para ampliar os sentidos do conto adaptado.

Com esta pesquisa, pretendemos aprofundar nosso conhecimento sobre as melhores estratégias para traduzirmos um texto literário do Português para Libras sem perder os principais elementos estéticos da obra original. Reconhecemos inicialmente que uma boa tradução passa pela exploração de uma performance estética do intérprete que vai além da tradução interlingual. Essa performance é fundamental para que o visualeitor se sinta motivado para participar das aulas de literatura surda. Como contribuição, iremos expor algumas dicas para um processo de interpretação/tradução de um texto literário em Libras a partir da performance do intérprete.



2 LITERATURA SURDA EM CONSTRUÇÃO

Figura 2 – Literatura Surda em Construção



Fonte: Silveira, (2023).

Neste capítulo, abordaremos o seguinte tema: a literatura surda em construção, esse é um termo que se refere ao desenvolvimento contínuo da literatura criada por e para pessoas surdas, e que engloba uma variedade de formas de expressão literária, incluindo poesia, prosa, drama, ensaios e contos. Estes são criados por autores surdos ou por quem aborda temas relacionados ao surdo e à cultura surda. Entre esses temas, há a peculiaridade da cultura e das identidades plurais sinalizantes, que nos revelam com que frequência essa comunidade explora suas experiências cotidianas, desafios e triunfos em uma sociedade dominada pelo ouvir.

Também será apresentado como é importante ter uma compreensão da literatura surda atuando em conjunto com os seus recursos linguísticos, valorizando a performance e a estética da língua no momento em que são apresentadas essas expressões literárias em Libras. Esses autores, ouvintes ou surdos que dominam não somente a Libras, mas também a cultura e as identidades plurais sinalizantes, frequentemente experimentam e inovam a forma e a estrutura literária, incorporando elementos visuais e sensoriais em suas obras. Essas performances podem incluir elementos teatrais, musicais e de dança, adicionando camadas de expressão artística à obra.

Nas aulas de literatura surda, exploramos reflexões sobre o letramento literário e sobre a multimodalidade como ferramentas poderosas para o desenvolvimento pessoal, acadêmico e cultural de pessoas surdas. Isto as ajuda a melhorar suas habilidades de linguagem,

compreensão da Libras, do português escrito e da sua criatividade, bem como a se conectarem com sua própria cultura e com o mundo ao seu redor.

Nessas aulas, o processo de interpretação demanda um preparo/planejamento para que os textos literários sejam traduzidos/adaptados para Libras de forma coerente com o universo do surdo. Assim, o profissional tradutor/intérprete de Libras deve ampliar seu vocabulário para valorizar a modalidade visual-gestual, visto que os textos literários necessitam de uma performance gestual mais dinâmica no processo de tradução do português para Libras. Para isso, os intérpretes de Libras precisam ser capazes de compreender as nuances da língua de sinais e transmiti-las de forma eficaz, acrescentando sua experiência como um dos elementos diferenciais em sua performance.

Antes de partirmos para nossas análises de vídeos, vamos retomar alguns importantes estudos sobre Libras, cultura surda e literatura surda. Para conhecermos a literatura surda, faz-se necessário, primeiramente, sabermos o que é um povo surdo em sua construção. A pesquisadora Karin Strobel, surda, nos diz que o povo surdo é:

Um conjunto de sujeitos surdos que não habitam o mesmo local, mas que estão ligados por uma origem, tais como a cultura surda, uso da Língua de Sinais, têm costumes e interesses semelhantes, histórias e tradições comuns e qualquer outro laço compartilhado. Como a referência de povo surdo, como qualquer outro grupo, eles também não constituem um grupo homogêneo. Têm distintas identidades surdas, múltiplas e multifacetadas, construídas também a partir de "marcadores de diferença" (2008, p.22).

A expressão "povo surdo" se refere à comunidade de pessoas surdas que compartilham uma cultura, língua e identidade comuns. Os surdos constituem uma comunidade diversificada e vibrante em todo o mundo, e muitas vezes se identificam como parte do "povo surdo". É importante notar que ser surdo não é apenas uma questão de deficiência auditiva, mas também fazer parte de uma comunidade de identidades plurais e sinalizantes.

A história deste povo surdo foi tomando novas proporções a partir do momento que o mesmo deixou de ser figurante em seus papéis sociais, tornando-se personagens principais em suas próprias histórias.

Durante cem anos, ouvintes leigos, no que diz respeito à subjetividade da pessoa surda, determinaram a forma como eles deveriam se comunicar. Não houve em nenhum momento uma empatia com os sentimentos daqueles que estavam literalmente "mudos", sendo privados de usar sua língua materna, tendo as mãos e almas acorrentadas em prol de uma cultura majoritária que julgou saber o que era melhor para a educação dos surdos. (Strobel, 2008, p.30).

Portanto, os surdos têm desempenhado um papel fundamental na construção de sua própria jornada, na preservação de sua língua e cultura e na luta por igualdade de direitos. Eles

continuam a desempenhar um papel ativo na sociedade, contribuindo para diversas áreas, como arte, literatura, política e educação. Sua história é um testemunho de resiliência e de determinação em face de desafios únicos.

A narrativa da história de muitos surdos tem mudado, apesar de alguns surdos continuarem invisíveis diante da sociedade, sem o reconhecimento ou consciência da opressão linguística que deixou muito poucas pessoas surdas aptas (ou predispostas) a apresentar e representar as suas ideias e manifestações culturais e identitárias. Sendo assim, o reconhecimento da sua história, da sua cultura e da sua identidade é de extrema relevância para que essa minoria possa reafirmar as suas tradições, recuperar a sua história, transcender o condicionamento social e concebê-las de forma plena, construindo-as e desconstruindo-as não só como um coletivo de uma língua, mas também como pessoas fortalecidas.

As histórias iniciadas com registros contadas pelos surdos legitimam e conotam um novo olhar de mudanças para o seu povo. Nesse sentido, a lei que legaliza a Língua Brasileira de Sinais é um elixir para a alma daqueles que tiveram duras marcas de uma grande lacuna na sua história. Seus direitos foram capturados e agora são trazidos de volta, a Lei da Libras é um marco muito importante para a história de um povo surdo brasileiro.

Art.1º. É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras, além de outros recursos de expressão associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002).

Em 2005, o Decreto 5.626 regulamenta, complementa e ativa a Lei 10.436/02, que trata sobre o uso e difusão da Língua de Sinais. Nela, define-se quem é o sujeito surdo e quem é a pessoa com deficiência auditiva, contemplando vários aspectos da vida de um cidadão no que diz respeito ao direito à educação, saúde e acesso à informação.

Embora tenha sido um grande e precioso passo, a lei não abrange todas as necessidades do sujeito surdo. Ela traz pontos importantes, como a garantia por parte do poder público, o apoio ao uso e à difusão da língua, a garantia ao atendimento de saúde e a obrigatoriedade do ensino da língua nos cursos de magistério e licenciaturas. Porém, negligenciou a necessidade de escolas bilíngues e a presença de tradutores e intérpretes de Libras em todos os espaços públicos e telejornais em canais abertos.

Sendo assim, a literatura surda tem se desenvolvido no Brasil juntamente com este povo surdo, em um encontro simultâneo no avanço político e linguístico da comunidade surda. Ou seja, à medida que a Libras conquista novos espaços educacionais de pesquisas científicas e um

status importante, a literatura surda também inicia uma ação perceptível na comunidade surda, organizando-se com mudanças profundas de modo que os surdos passam a lidar e demonstrar essas manifestações literárias em suas produções e recepções. Essas produções começam a ser compartilhadas entre os surdos como o exemplo da Libras e ASL - *American Sign Language*.

A interação entre a Libras e a ASL na literatura surda é importante não apenas para preservação e difusão das línguas de sinais, mas também para a promoção da cultura surda global, para a inclusão e para as pesquisas na área da literatura e linguística. Elas desempenham um papel fundamental na promoção da diversidade linguística e cultural na comunidade surda, além da interação entre as diferentes línguas de sinais, podendo enriquecer a cultura surda e as línguas em si. Podem-se explorar as diferenças e semelhanças entre Libras e ASL, que podem ser usadas criativamente na literatura para criar significados adicionais ou únicos.

Com essas experiências, o movimento surdo no Brasil desempenhou um papel fundamental na promoção desta literatura. Esse tipo de ação tem trabalhado para garantir os direitos dos surdos e promover sua cultura, incluindo a literatura, como uma parte importante de sua identidade. É importante lembrar que a cultura surda não é homogênea, e as experiências e perspectivas individuais podem variar significativamente. No entanto, essas peculiaridades destacam o papel fundamental da língua de sinais e da identidade surda na vida das pessoas que fazem parte desse meio.

A cultura surda é diversificada. Assim como qualquer outra cultura, existem diferenças nas línguas de sinais, nas experiências de surdez e nas identidades individuais dentro da comunidade Surda. Paddy Ladd é um dos maiores estudiosos e pesquisadores dentro da comunidade surda. Foi ele quem criou e desenvolveu o conceito de *Deafhood*, que trata da afirmação e reconhecimento dos surdos de forma positiva, ajudando na ressignificação do “ser surdo”. “A cultura surda não é apenas sobre a língua de sinais, é sobre a identidade, a comunidade e o orgulho de ser surdo” (Ladd, 2013, p. 56). O orgulho de ser surdo é um sentimento sentido por muitas pessoas surdas ao redor do mundo; é importante entender que a surdez não é uma deficiência, mas sim uma característica da diversidade humana.

É importante observar que nem todas as pessoas surdas se identificam com a cultura surda. Algumas podem preferir uma abordagem mais médica ou auditiva para a surdez, enquanto outras se sentem parte tanto da cultura surda quanto da cultura auditiva. A diversidade de perspectivas e experiências dentro da comunidade surda é reconhecida e respeitada. A cultura surda refere-se a um conjunto de valores, crenças, tradições, línguas e identidades compartilhadas por pessoas surdas. Ela se desenvolveu como resposta à experiência compartilhada de ser surdo em uma sociedade sem deficiências auditivas. Isso pode ocorrer

quando as pessoas não consideram as perspectivas surdas ou não tomam medidas para garantir a inclusão desta parcela da sociedade em ambientes e situações que envolvam a comunicação.

Para promover a inclusão e evitar o uso pejorativo do termo "ouvintista", é importante que as pessoas se eduquem sobre a comunidade surda, aprendam sobre as suas necessidades e respeitem suas escolhas de comunicação, como o uso de Língua de Sinais, por exemplo. A empatia e o respeito mútuo são fundamentais para criar uma sociedade mais inclusiva e igualitária para todos. No tópico a seguir, detalhar-se-á como a cultura e a identidade surda desempenham um papel significativo neste cenário, pois colaboram com a expressão e celebração da rica herança cultural e linguística da comunidade surda. Elas mantêm a preservação da história da comunidade surda que pode ser recontada através dos documentários, exposições e projetos de histórias que possibilitam a valorização e compartilhamento desta identidade e cultura desta comunidade.

Um exemplo disso são as manifestações artísticas, em demonstração ao almejo por uma igualdade social e de respeito. A imagem a seguir foi produzida por Betty G. Miller, ou Bettigee, como é mais conhecida. É uma artista plástica surda norte-americana. Filha de pais também surdos, Bettigee foi professora de artes na *Gallaudet College*, durante a década de 1970. O nome da arte é *If My Hands Could Speak*, a tradução em português é “Se as minhas mãos pudessem falar”.

2.1 A peculiaridade da cultura e da identidade Surda

Figura 3 - Arte Surda



Fonte: Word Press (2023)

A interpretação de imagens com a representação de mãos e olhos pode variar dependendo do contexto, do artista e das intenções por trás da obra. A arte surda é muitas vezes subjetiva e aberta a diferentes interpretações. A comunidade surda expressa-se através das mãos e olhos, partes do corpo humano, mas que desempenham um papel fundamental na comunicação e na expressão emocional do sujeito surdo. Esses elementos podem simbolizar a importância da conexão humana com o mundo e do contato visual com a sociedade.

Muitas pessoas ouvintes não têm a oportunidade de conhecer e/ou conviver com pessoas surdas, desconhecendo e não compreendendo muitas questões. Seria impossível mensurar o que é viver e constituir-se em um mundo sem som. É encantador e magnífico adentrarmos nesse mundo surdo cheio de expressões corporais, faciais e cheio de emoções em diversos níveis. Após conhecermos e convivermos neste contexto, é possível ter uma noção de fragmentos da sua vida cotidiana.

Partindo do pressuposto que o primeiro artefato social muito importante é o uso efetivo da língua, que é uma das atividades mais fantásticas da nossa vida, este é o sistema mais complexo usado no dia a dia, e está presente em todas as nossas atividades, existindo variações linguísticas nas comunidades surdas, mesmo situadas geograficamente dentro de um mesmo país. A língua não serve apenas para transmitir e receber informações, é essencial para que os surdos acessem informações em igualdade de condições com os ouvintes. Isso inclui acesso a serviços de saúde, educação, emprego, entretenimento e informações cotidianas. Sem a Libras, muitos surdos ficariam excluídos e isolados da sociedade.

A exemplo das crianças surdas que crescem, na maioria das vezes, sem a aquisição de uma língua estabelecida, em muitos casos elas criam uma forma emergente de sinais caseira. Este método pode ser até uma forma criativa de comunicação para algumas situações específicas, para aqueles membros da família ou amigos não-surdos. No entanto, é importante entender que as línguas de sinais são línguas complexas e ricas, com gramáticas e vocabulários próprios. Criar uma comunicação caseira não substitui o aprendizado de uma língua de sinais reconhecida.

Quando muitas crianças, jovens ou adultos surdos tem contato com a Libras, geralmente é de uma forma tardia, sendo com professores ouvintes, intérpretes de Libras ou uma pessoa surda usuário da língua. Desta forma, entre a comunidade surda tem existido uma preocupação em como deixar a língua como uma herança de extremo valor, principalmente para as crianças surdas, dando a elas esse contato prévio com a língua.

A maioria dos surdos nascem em famílias ouvintes que não conhecem a Libras, dependendo da posição desses pais e das orientações que recebem ao tomarem

conhecimento da surdez de seu filho, essas crianças contarão com a aquisição da Libras precocemente, ou não. (Quadros¹¹, 2019 p. 41).

Sendo assim, quando não é proporcionada a aquisição de uma língua para o desenvolvimento linguístico da criança surda para com os seus pares (outras crianças surdas) ou com referenciais de adultos surdos sinalizantes da Libras, a criança surda só virá a ter contato com a Libras de forma tardia, causando vários comprometimentos de ordem linguística e cognitiva.

É o impacto do contato com a Libras nesta criança, principalmente na comunidade surda e nos espaços escolares, que faz com que ela esteja sujeita a desenvolver-se de forma positiva e significativa numa relação de pertencimento, a partir da condição da sua própria surdez. Esse território é demarcado de forma subjetiva, em que os surdos descobrem a sua própria identidade e cultura surda a partir desta relação com o outro surdo.

A autora Gladis Perlin¹² é uma pesquisadora e educadora surda brasileira conhecida por seu trabalho no campo da educação de surdos e na promoção da identidade surda. Ela é uma das vozes importantes na defesa dos direitos das pessoas surdas e na valorização desta cultura. Perlin (1998, p. 56), traz em suas análises a descoberta, demonstrada através da metáfora de uma arca com o seu tesouro muito valioso: a pessoa surda descobre, relacionando-se com os seus pares, os adereços sociais, a língua, as identidades plurais sinalizantes e a sua própria cultura.

A experiência visual dos surdos é um traço cultural muito importante; dentre aqueles que compõem a cultura e a literatura surda, a autora Gladis Perlin discute a importância da experiência visual: “Essas culturas são multifacetadas, mas apresentam características que são específicas em relação às experiências surdas, elas são visuais, elas traduzem-se de forma visual, traduzem-se por meio da língua de sinais” (Perlin, 1998, p. 54).

A identidade é interessante porque permite ver um surdo “consciente” ou não de ser surdo, porém, vítima da ideologia ouvintista que segue determinando seus comportamentos e aprendizados. Existem alguns surdos que querem ser ouvintizados a todo o custo. Desprezam a cultura surda, não têm compromisso com a comunidade surda. Outros são forçados a viver a situação como que conformados (Perlin, 2005, p. 65).

11 Ronice Muller de Quadros é uma linguista e pedagoga brasileira conhecida por seus trabalhos sobre a Língua Brasileira de Sinais, tratando especialmente de sua aquisição e do bilinguismo bimodal.

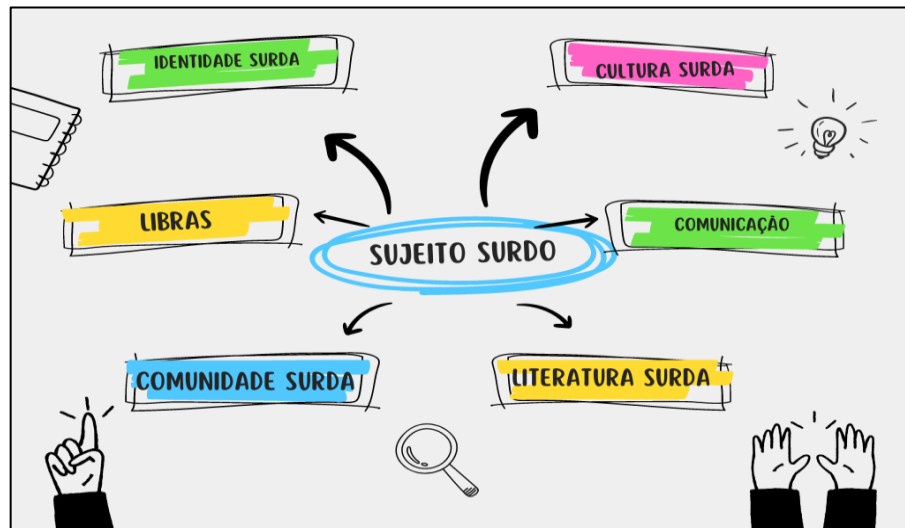
12 A primeira surda a obter título de doutora em Educação no Brasil, Gládis Perlin, com vasta experiência na área de Educação de Surdos, Gládis atualmente é professora adjunta e pesquisadora pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

As identidades plurais sinalizantes são um conceito que se refere à maneira como as pessoas surdas se identificam e se relacionam entre si e com a sua cultura. Essa identidade não se limita apenas à condição auditiva, mas também envolve aspectos culturais, linguísticos e sociais. Muitas pessoas surdas consideram-se parte de uma comunidade cultural surda que compartilha uma língua de sinais, valores e experiências únicas. A identidade surda é uma construção complexa que varia de pessoa para pessoa, dependendo de diversos fatores, incluindo sua experiência pessoal, cultural e história de vida. De acordo a autora:

É importante ressaltar que a identidade plurais sinalizantes surda é uma construção pessoal e pode evoluir ao longo da vida de uma pessoa. “Algumas pessoas podem se sentir mais fortemente conectadas à identidade surda em certos momentos de suas vidas do que em outros. Além disso, a diversidade de experiências e perspectivas dentro da comunidade surda é ampla, e cada indivíduo pode ter sua própria compreensão única de sua identidade surda”. (Perlin, 2005, p. 64).

A inclusão abaixo de um infográfico é uma maneira mais eficaz de transmitir algumas informações de forma visual e mais atrativa, principalmente nessa construção do sujeito surdo com os seus artefatos sociais. A construção de um sujeito surdo envolve muitos aspectos, pois ser surdo não é apenas uma característica física, mas também uma parte importante da identidade de uma pessoa surda. Essa construção do sujeito está sendo discutida ao longo da dissertação.

Figura 4 - Bases Essenciais do Sujeito Surdo



Fonte: Autoria própria

Os espaços sociais de aprendizado, tais como as escolas ou as associações de surdos, são muito significativos para a construção da "subjetividade surda". De acordo o autor Skliar¹³ (1998), é importante notar que a surdez não é apenas uma condição médica, mas também uma identidade cultural para muitos surdos. Portanto, a subjetividade surda envolve a forma como as pessoas surdas se veem, se relacionam com o mundo e constroem a sua identidade como sujeitos surdos através da comunicação da sua língua visual, das suas vivências e dos seus conhecimentos empíricos de mundo, principalmente quando esse encontro e esse convívio são coletivos e constantes com pessoas surdas. Muitos destes sujeitos surdos têm orgulho de sua identidade surda e veem sua surdez como uma parte valiosa de quem realmente são. Eles podem até mesmo rejeitar a ideia de que precisam ser "corrigidos" para conformar uma sociedade com as normas auditivas predominantes.

Assim sendo, a literatura surda tem um papel social muito importante, de acordo as autoras Strobel e Karnopp, em retratar, em uma descrição completa, esses aspectos sociais, culturais e a subjetividade surda:

A literatura surda refere-se às várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e ou vitórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas. (Strobel, 2008, p. 56).

Lodenir Karnopp também explicita que: “Literatura surda é uma literatura que respeita a cultura surda e suas identidades, é feita pelo surdo, com histórias de surdos e voltada para o público surdo. Faz-se necessário viabilizar uma produção em forma de imagens para criar condições que atenda a característica viso-espacial do surdo. (1999, p. 102). Assim, estar atento a essa construção em uma cultura majoritária constitui ao sujeito surdo uma vivência muito importante para ele mesmo. Se imaginarmos um bebê surdo que nasce em uma cidade do estado do Nordeste, em uma família de pais ouvintes, este bebê irá crescer em um ambiente cultural nordestino, com costumes e tradições da região nordestina. Porém, essa criança tem uma particularidade: ela não ouve, é surda.

O bebê receberá, de forma fragmentada, a cultura majoritária da sua cidade e estado nordestino. Durante o seu processo de aquisição na infância, frequentará escolas e espaços que farão parte da sua fundamentação de conhecimentos. Se por sorte tiver acesso à Língua de Sinais e à comunidade surda, que é a minoria, passará a adquirir também a cultura surda.

¹³ Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação. Atuando principalmente nos seguintes temas: Comunicação, Inteligência, Surdos.

Talvez seja fácil definir e localizar, no tempo e no espaço, um grupo de pessoas, mas quando se trata de refletir sobre o fato de que nessa comunidade surgem – ou podem surgir – processos culturais, é comum a rejeição à ideia da "cultura surda", trazendo como argumento a concepção da cultura universal, a cultura monolítica. Não me parece possível compreender ou aceitar o conceito de cultura surda senão através de uma leitura multicultural, ou seja, a partir de um olhar de cada cultura em sua própria lógica, em sua própria historicidade, em seus próprios processos e produções. No contexto, a cultura surda não é uma imagem velada de uma hipotética cultura ouvinte. Não é seu revés. Não é uma cultura patológica (Skliar, 1998 *apud* Witkoski, 2015, p. 85).

Para o autor Steven Pinker:

A palavra cultura outrora se referia a nobilitados gêneros de entretenimento, como poesia, ópera e balé. Em outro sentido bem conhecido – ‘a totalidade de padrões de comportamento socialmente transmitidos, artes, crenças, instituições e todos os outros produtos do trabalho e pensamento humano’ - essa mudança idiomática é apenas um dos legados do pai da antropologia moderna, o pesquisador e antropólogo Franz Boas: ‘O sistema de ideias e valores disseminado pela língua e outras formas de comportamento social, associados a cultura social’ (Pin *apud* Pinker, 2004, p. 44).

Os humanos são uma espécie cooperativa e usuária de conhecimento, e a cultura emerge naturalmente neste estilo de vida; são pessoas que se reúnem, e acumulam suas descobertas e instituem convenções.

A cultura para ser ligada às ciências humanas e ser reconhecida da sua importância é necessário entender que ela não é um miasma que penetra nas ‘pessoas através da pele’. A cultura depende de um conjunto de circuitos neurais responsável pela proeza que denominamos aprendizado. Esses circuitos não fazem de nós imitadores indiscriminados; têm que funcionar de modo surpreendentemente sutis para possibilitar a transmissão da cultura. (Pinker, 2004, p. 93).

Busquemos entender o exemplo de um papagaio e de uma criança ouvinte, que aprendem alguma coisa quando são expostos à fala. No entanto, só a criança possui um algoritmo mental que extrai palavras e regras das ondas sonoras e as usa para emitir e entender um número ilimitado de novas sentenças e sintaxe da língua oral. No caso da criança surda, ela não pode ser somente uma mera câmera de vídeo e registrar passivamente as visões que lhe são apresentadas. O ensino de operacionalizar os códigos visuais é fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo, linguístico e social.

A linguagem visual desempenha um papel crucial na comunicação e na compreensão do mundo ao seu redor. Com mecanismos mentais e visuais capazes de extrair crenças e valores que fundamentam o comportamento para que possam tornar-se, eles próprios, membros competentes de uma língua e de uma cultura surda; lembrando que cada criança é única, e as estratégias de ensino devem ser adaptadas às necessidades individuais. O apoio da família, dos educadores e de profissionais especializados desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das habilidades visuais e de comunicação das crianças surdas.

A concepção socioantropológica parece se referir a uma perspectiva ou abordagem que combina elementos da sociologia e da antropologia para se compreenderem as questões relacionadas à sociedade e à cultura. Entende-se que a surdez, em uma experiência visual, tem a sua forma distinta de perceber o mundo e de construir a realidade histórica, política e social (Skliar, 1998).

Essas representações mentais acontecem em conformidade com o desenvolvimento e etapas da infância, momento em que o repertório cultural do indivíduo vai gradativamente sendo enriquecido e influenciado pela cultura na qual está inserido. Esse aprendizado cultural, por sua vez, estará sempre relacionado com a quantidade de estímulos recebidos, os quais terão influência direta também no desenvolvimento cognitivo da criança (pensamento, raciocínio e aprendizagens). Não existindo essas experiências cognitivas através de uma língua (no caso a Libras), a imersão de uma cultura surda, o reconhecimento a um pertencimento territorial e identitário enquanto criança, ficará fragmentado.

A autora Strobel relata um ocorrido em suas experiências enquanto pessoa surda, principalmente pela barreira de comunicação em espaços de escola de ouvintes:

Além de muitas outras disciplinas, tinha aulas de religião que eu não entendia muito, as únicas coisas que sabia era que Deus era muito importante e, se morresse, iria falar de frente com Ele, e isto me incomodava, me deixando muito ansiosa. Minha mãe percebeu e me questionou, expliquei a ela através de gestos e vocabulários isolados que, se eu morresse, como Deus iria me entender? Não sabia falar. Minha mãe explicou que Deus entendia qualquer língua. (Strobel, 2008, p. 44).

A citação mostra uma experiência pessoal relacionada à religião e à compreensão de Deus por uma pessoa que estava tendo aulas de religião, mas não conseguia entender completamente. Assim como o público ouvinte, os surdos também necessitam ter uma compreensão dos acontecimentos sociais, sejam em momentos de lazer, no esporte, na cultura ou na religião. E para isso, é necessário que ocorra o compartilhamento de informações e de conhecimento, que é uma das características muito importantes da cultura surda, uma vez que há situações difíceis de comunicação durante toda a trajetória de vida para a pessoa surda.

Outro mecanismo de sobrevivência da cultura surda é o que Karnopp, Klein e Lazzarin (2011, p. 140), chamam de “Arena Educacional”. Embora arena pareça ser uma palavra inadequada, por remeter à ideia de combates, lutas e batalhas, muitas vezes é assim que a pessoa com surdez se sente no ambiente escolar. “A escola é a instituição responsável pelo ensino/aprendizagem, então, envolver a cultura surda nesse espaço pode ser uma forma de

despertar a pessoa surda a conhecimentos externos e internos” (Karnopp; Klein; Lazzarin, 2011, p. 140).

Para isso, tanto a figura do professor quanto a do profissional intérprete de Libras devem estar em todos os momentos buscando compreender e conhecer esse aluno surdo que está sob sua responsabilidade. Assim, será mais fácil traçar e atingir objetivos de aprendizagem, diminuindo a sensação de que a maioria dos surdos sentem, como se fossem estrangeiros em seu próprio país. A experiência visual de uma pessoa surda e o uso da Libras se entrelaçam de uma forma positiva na literatura surda, dando-se de uma forma muito mais ampla a visibilidade de expressões linguísticas, literárias e artísticas. Estas expressões contam com produções cada vez mais ricas e exóticas, com elementos narrativos literários e tecnológicos, fazendo com que as produções sejam esteticamente prazerosas e muito belas de se assistirem. Dentro da cultura surda, a percepção ou experiência visual traz para a pessoa surda informações muitas vezes reais ou não, como o exemplo mais uma vez da autora Strobel, que traz no seu livro:

Uma vez a empregada doméstica estava lavando o quintal no fundo de casa e eu ficava sentada observando a água suja de lama e sabão correndo até o bueiro. No meio dessa sujeira estava um bicho estranho de mais ou menos uns seis centímetros que estava morto. Assustei-me porque o associava com o bicho que vi na televisão outro dia, jacaré enorme que comia as pessoas e tive muitas noites de insônias com medo da existência desse bicho no nosso quintal e que viria me pegar e me comer. Só agora eu entendo que não era jacaré e sim simplesmente uma lagartixa. Não havia ninguém que me informasse sobre isto. (Strobel, 2008, p. 39).

Através deste relato, percebe-se como é forte a experiência visual vivida pela pessoa surda. A dificuldade de uma comunicação faz com que muitos surdos percebam o mundo de uma forma peculiar. Podemos imaginar quantas cenas descontextualizadas o surdo vivencia diariamente, muitas vezes pela falta de uma Língua. Muitas pessoas surdas desconhecem os fatores que foram influenciando a comunidade, com suas memórias coletivas sendo construída dentro de um círculo marcado pela comunicação em Libras.

Na *web*, por exemplo, é cada vez mais frequente as narrativas performáticas em Libras, nas quais o sinalizador surdo utiliza de forma intensa o uso das características atribuídas à arte. Por exemplo: Visual Vernacular – V de Visual, relacionado à visão, imagens, ou algo que é percebido através dos olhos, e V de Vernacular, que se refere à linguagem, estilo ou padrão de comunicação usados por um grupo específico de pessoas em uma região ou cultura.

Com base nessas definições, "Visual Vernacular" faz referências a comunicação ou a expressões que utilizam imagens, símbolos, ou elementos visuais em vez de palavras escritas ou faladas. Isso pode ser aplicado em várias áreas, como arte, design, comunicação gráfica, ou até mesmo na maneira como as pessoas se comunicam por meio de *emojis* em mensagens de

textos ou mídias sociais. O uso intenso do VV, iniciou com Bernard Bragg¹⁴. Consiste em um novo estilo, com técnicas que a partir das décadas de 60 e 70 aproximam a língua de sinais da linguagem corporal, em que a sinalização é usada de forma econômica e cinematográfica, como o zoom, câmera lenta e performance, uma forma de mímica diferente da tradicional.

A maioria dos surdos não conhece este fato histórico, mas, muito provavelmente, são influenciados por eles. De acordo com o artista e poeta Claudio Mourão (2011), em sua dissertação, “reconhecer esse novo contexto é propício para a ampliação da comunicação e armazenamento das memórias dos surdos [...] mesmo nos tempos de web 4.0 a comunidade surda existe e age como comunidade” (Mourão, 2011). Desta forma, as informações e as memórias coletivas têm sido construídas dentro de um círculo marcado pela comunicação em língua de sinais. Neste objetivo, adentraremos no próximo tópico para compreender como esses recursos linguísticos, dentro da literatura surda, fazem literatura surda através das mãos de quem as usam.

2.2 Literatura surda e seus recursos linguísticos

A abordagem do ensino de literatura surda envolve diversos conceitos e compreende diferentes coleções de textos e memórias do povo surdo. Fazem parte da literatura surda obras produzidas pelo povo surdo, que vão desde relatos de suas vidas e lutas a diferentes textos performáticos, como piadas e anedotas e até produções autorais. No processo de ensino de literatura surda, temos duas abordagens: as traduções de clássicos para Libras e as adaptações desses clássicos para a cultura surda, gravados em Libras.

De acordo a autora surda, portuguesa, Marta Morgado¹⁵, “A literatura surda é uma forma de expressão artística e literária criada por pessoas surdas que utilizam a língua de sinais como meio de comunicação” (Morgado, 2011 p. 20). Em seus estudos, Morgado destaca que essa literatura possui recursos linguísticos e estilísticos únicos, que refletem a cultura, identidade e experiências das comunidades surdas ao redor do mundo. Aqui estão alguns dos recursos linguísticos e características da literatura surda propostos por Morgado (2011):

¹⁴ Outra versão para o surgimento da Visual Vernacular situa a sua origem como uma criação do artista Bernard Bragg, falecido em 2018. Ele conta que aceitou o convite de Marcel Marceau para estudar mímica em Paris, e a partir deste curso desenvolveu uma técnica de performance que batizou de VV - Visual Vernacular. Na verdade, Bragg disse que a VV é uma forma de mímica, mas fora da estrutura da mímica tradicional, pois recorta na performance um espaço menor e usa procedimentos da linguagem cinematográfica, como a sobreposição de imagens, a aceleração ou a diminuição da velocidade do filme e o emprego de imagens borradas.

¹⁵ Morgado é uma pesquisadora portuguesa que tem desenvolvido estudos para ampliar as possibilidades de ensino de literatura para surdos. Ela é também uma renomada escritora da literatura surda infantil tornando-se referência no estudo e na promoção da Literatura Surda.

1. Língua de Sinais: A língua de sinais é a base da literatura surda. Ela é uma língua visual-gestual, com sua gramática e sintaxe próprias. Os artistas surdos usam a língua de sinais para criar narrativas, poesia, peças teatrais e outras formas de expressão literária.

2. Visualidade: A literatura surda é altamente visual, fazendo uso de expressões faciais, movimentos corporais, espaço e gestos para transmitir significado. Esses elementos visuais são usados de maneira criativa para contar histórias e evocar emoções.

3. Jogo de Mãos: As mãos desempenham um papel central na língua de sinais e, por consequência, na literatura surda. Os movimentos das mãos podem representar objetos, ações, personagens e emoções, permitindo que os artistas criem imagens vívidas na mente do público.

4. Narrativa Visual: A literatura surda muitas vezes se concentra em narrativas visuais, nas quais a história é contada principalmente por meio de imagens e de ações em vez de texto escrito. Isso pode incluir a performance de histórias usando a língua de sinais em frente a uma audiência.

5. Cultura e Identidade Surda: Muitas obras de literatura surda exploram temas relacionados à cultura e à identidade surda. Isso pode incluir reflexões sobre o orgulho surdo, as lutas e conquistas das pessoas surdas e as experiências únicas desta comunidade.

6. Tradução Cultural: Quando a literatura surda é traduzida para outras línguas, é importante ter em mente a tradução cultural, pois a língua de sinais e a cultura surda não são facilmente traduzíveis para o texto escrito. As traduções podem perder alguns dos elementos visuais e culturais da obra original.

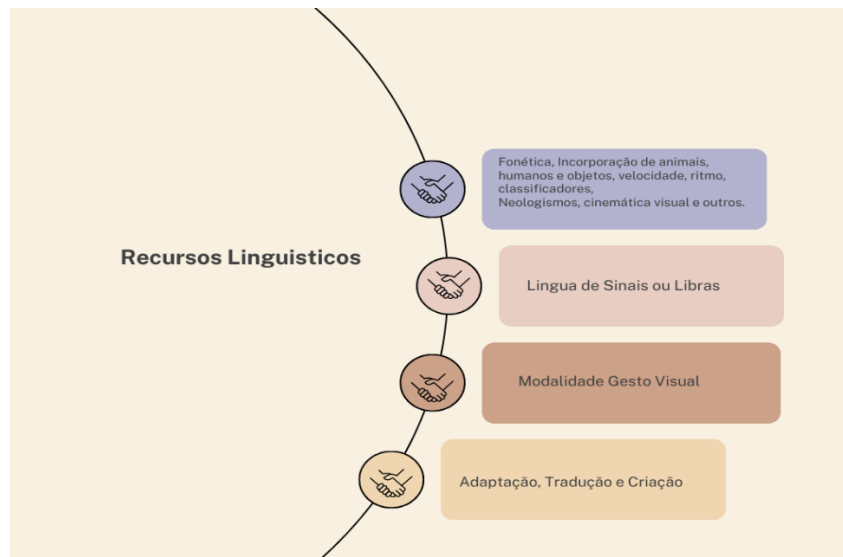
7. Variação Regional: Assim como as línguas orais, as línguas de sinais têm variações regionais. Isso significa que a literatura surda também pode ser influenciada pelas diferenças regionais na língua de sinais, o que pode enriquecer ainda mais a diversidade dessa forma de expressão.

8. Performance: Muitas vezes, a literatura surda é performática por natureza. Os artistas surdos podem se apresentar em palcos ou em vídeos, usando a língua de sinais e a expressão corporal para dar vida a suas histórias e poesias.

À medida que exploramos os meandros da cultura surda, mergulhando em sua rica história e identidade vibrante, uma verdade incontestável ressoa: a expressão artística é um fio vital que tece o tecido dessa comunidade única e diversificada. No coração dessa expressão está a literatura surda, uma manifestação de criatividade que transcende as barreiras do ouvintismo e nos transporta para um mundo repleto de histórias, emoções e visões que são genuinamente surdas.

Na figura 05, foi elaborado um infográfico que nos remete às características linguísticas da literatura surda, que são fundamentais para a preservação e expressão da cultura e identidade.

Figura 5 - Características Linguísticas da Literatura Surda



Fonte: Autoria Própria

De acordo a autora Sutton-Spencer¹⁶, atualmente, a palavra "literatura" passou a incluir mais do que a palavra escrita. Pode significar uma forma especial de trabalhar criativamente com a língua em qualquer modalidade. Assim, a forma da Língua de Sinais é respeitada e valorizada pelas comunidades surdas como uma forma de arte que representa a sua cultura, e que também pode ser chamada de literatura surda. Criada em uma língua gestual e visual, muitas vezes a literatura feita em língua de sinais é mais parecida com a pintura, a dança ou com um filme do que com a literatura propriamente escrita. (Sutton-Spencer, 2021, p.43-44).

A literatura surda é "uma união da língua e de gestos que resulta em movimento estético, linguisticamente, organizado". (Heidi Rose, 1992 apud Sutton Spencer, 2021). Essa citação destaca como a literatura surda é uma forma de expressão cultural rica, que combina elementos visuais, gestuais e linguísticos para criar obras que são distintas e significativas para a comunidade surda. Essa forma de literatura pode incluir histórias narradas em língua de sinais, performances teatrais visuais e poesia em língua de sinais, além de desempenhar um papel importante na preservação e celebração da cultura surda.

¹⁶ É uma das principais autoridades no campo dos estudos de língua de sinais e linguística da língua de sinais britânica (British Sign Language, BSL). Ela é conhecida por seu trabalho significativo na pesquisa em Literatura Surda pela UFSC.

A literatura, em qualquer língua de sinais, mescla a língua, as imagens visuais e a dança, sendo uma mistura de sinais e gestos, uma literatura do corpo e uma literatura de performance. “A ‘literatura do corpo’ mostra pontos de vista das pessoas surdas sobre seu lugar no mundo”. (Heidi Rose¹⁷, 1992, Apud Sutton-Spencer, 2021 p. 83). Embora a língua de sinais seja frequentemente vista como uma forma de comunicação gestual, ela é linguisticamente estruturada e possui sua própria gramática, vocabulário e regras de organização textual. Todavia, a literatura surda vai além dessa estrutura, por ser uma construção performática gesto-visual:

É importante ressaltar que a Libras tem a liberdade de brincar e de explorar o seu potencial criativo, principalmente, para o prazer e efeitos estéticos. A teoria linguística lida “com uma descrição de ‘unidades’ delimitadas da língua, descrevendo os fonemas, morfemas, os sinais, os itens do vocabulário e a sintaxe das sentenças, mas a língua artística vai além dos limites dessas unidades fundamentais da Libras” (Sutton-Spencer, 2021, p. 56).

É válido ressaltar que os recursos utilizados no momento da sinalização se diferenciam dos recursos linguísticos utilizados nas performances, e diferenciam-se esteticamente no contexto da literatura surda. Tais recursos são: a velocidade; o espaço e a simetria; as mesmas configurações de mão; o morfismo; mostrar humanos por incorporação; mostrar não humanos (animais e objetos inanimados) por incorporação; os classificadores (e novos classificadores), e elementos não manuais.

Iremos destacar como são utilizados, no contexto literário, alguns parâmetros fundamentais nas performances e na estética dos sinais em dois exemplos com vídeos selecionados do Youtube. Salientando que a nossa proposta de pesquisa não é o enfoque destes dois vídeos, mas é preciso compreender a transformação da linguagem em algo mais estético e literário, envolvendo o uso de recursos linguísticos que vão além da comunicação puramente funcional.

Na Libras, o movimento é um dos parâmetros linguísticos fundamentais que compõem a gramática da língua. Os parâmetros da Libras são os elementos que os sinais utilizam para se distinguir uns dos outros, e o movimento desempenha um papel crucial nesse processo. Aqui estão algumas informações sobre o parâmetro de movimento na Libras.

Tipos de Movimento: Podem ser classificados em vários tipos, incluindo: a) Movimento único, no qual o sinal é formado por um único movimento de mãos; b) Movimento repetido, em que o sinal é repetido uma ou mais vezes; c) Movimento contínuo, em que o sinal envolve um movimento contínuo das mãos, sem parar; d) Direção do movimento, que desempenha um

¹⁷ Heidi Rose pesquisou a literatura surda em ASL em 1992.

papel importante na identificação de um sinal. As mãos podem mover-se para cima, para baixo, para os lados ou em arcos; e) Velocidade do movimento com que as mãos se movem, que também é um elemento distintivo. Alguns sinais são executados rapidamente, enquanto outros são mais lentos; f) Tamanho do movimento, que pode variar e afetar a interpretação do sinal; g) Intensidade do Movimento: A intensidade do movimento refere-se à força ou vigor com que as mãos se movem, além de ser um elemento importante na gramática da Libras; h) Movimento facial: além do movimento das mãos, a expressão facial também desempenha um papel no movimento na Libras. As expressões faciais podem alterar ou modificar o significado dos sinais.

Figura 6 – Configuração de Mão Simetricamente



Fonte: Segala (2010)

O material selecionado na Figura 06 e na Figura 07 são exemplos de produções de Rimar Segala,¹⁸ postadas no YouTube, nas quais ele mesmo conta uma história de um jogo de pingue-pongue, com muito humor, em que o principal personagem é uma bolinha de pingue-pongue. O Artista Rimar utiliza em seu vídeo o movimento estético, dando ao seu leitor um outro tipo de experiência na literatura surda, algo fascinante. A exploração da língua de sinais, da cultura surda e da identidade surda como elementos centrais na expressão artística e na apreciação literária podem incluir elementos visuais e gestuais para criar uma experiência estética. Dentre eles estão a expressão facial, o uso de espaço e movimento das mãos e até mesmo a escolha de roupas e adereços para enfatizar o significado da história ou mensagem sendo transmitida.

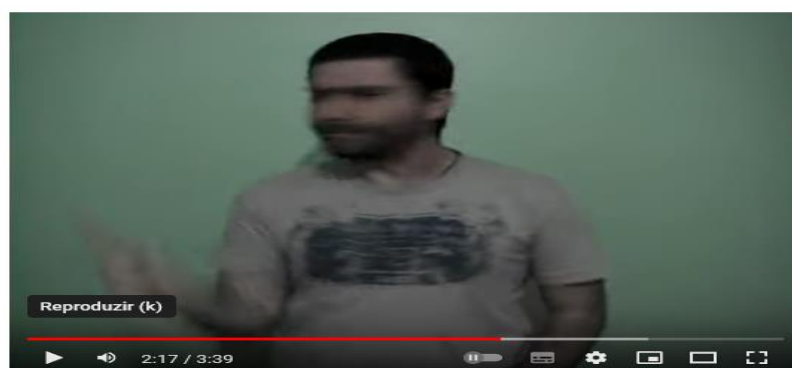
18 Doutor em Linguística pela Universidade Estadual Paulista, "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) e Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC - 2010). Possui graduação em Letras Libras (Licenciatura) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012) em Matemática pelo Centro Universitário Assunção (2004). Atualmente é Professor Assistente II do Departamento de Psicologia no Curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Tem experiência na área de Letras, tradução, educação, arte e literatura com ênfase em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

O jogo de "pingue-pongue," que também é conhecido como tênis de mesa, é um esporte de raquete que é jogado em uma mesa dividida por uma rede no meio. A incorporação de forma artística de todos os personagens na história, como os dois atletas que irão se confrontar, o juiz da partida, a plateia que assiste e principalmente a bolinha demonstra que, no enredo da história, existe o espaço que é uma mesa de pingue e pongue, em uma quadra esportiva, pois existe uma plateia que é destacada na parte atrás do artista.

O tipo de movimento em que todos olham as jogadas fazem a velocidade ir aumentando gradativamente criando no público uma sensação prazerosa de que estaríamos assistindo à partida. O jogo começa lento e se torna mais rápido. De repente, todos movimentos diminuem a velocidade e entramos em “câmera lenta”, vendo as ações dos jogadores e da bola destacada; as emoções ficam mais intensas por causa desse uso dos movimentos.

A respiração ofegante do artista surdo reforça uma incorporação e tensão entre os competidores, no momento em que as jogadas são sincronizadas em um vai e vem contínuo das raquetes e da bolinha. A sonoridade visual também está associada a estes níveis de movimentos, como o olhar, o tronco e os braços e a alternância dos movimentos dos sinais e também dos próprios sinais, indo para a esquerda e a direita, à proporção que o artista estabelece no momento da sinalização. A amplitude do olhar e o movimento da cabeça faz a simetria ser estabelecida na apresentação de forma sutil, de modo que quem não conhece a riqueza da língua não consegue perceber em primeira apresentação.

Figura 7 - Bolinha de Ping-Pong



Bolinha de ping-pong - Rimar R. Segala

Fonte: Segala (2010)

Eis outro exemplo de recurso linguístico para a incorporação de humanos, animais e objetos: “No lugar de contar ao público acerca dos personagens literários, a Libras frequentemente os apresenta através do recurso da incorporação, e um aspecto da sinalização estética altamente valorizado é a habilidade de imitar pessoas” (Sutton-Spence, 2021, p. 51).

Muitas vezes, a Libras o faz incorporando elementos visuais, como expressões faciais, movimentos corporais e língua de sinais. A incorporação de humanos, animais e objetos na literatura surda pode ocorrer de várias maneiras, e isso contribui para a riqueza e diversidade dessa forma de arte.

As expressões faciais e os movimentos corporais na língua de sinais são altamente dependentes para transmitir nuances e emoções. Portanto, personagens e histórias na literatura surda frequentemente incorporam expressões faciais e movimentos corporais de maneira proeminente, a fim de transmitir emoções, intenções e detalhes. A autora Morgado (2011) afirma que tal recurso é particularmente agradável quando a pessoa é caricaturada através do exagero de sua expressão ou aparência, seja de suas características físicas ou de seus movimentos, ao descrever os personagens fisicamente através da incorporação, e continuam a enfatizar esses aspectos nas expressões faciais e corporais enquanto contam a história. Mostrar essas nuances dos personagens é algo visualmente muito satisfatório para a plateia.

Conforme a autora Fernanda Machado cita em sua dissertação:

As línguas orais podem ser compreendidas pelo valor sonoro que carregam, enquanto as línguas de sinais possuem valor visual expressos pelo corpo. Ambas, em suas particularidades, podem estar combinadas em uma tradução, porém diferem-se enquanto línguas de modalidades diferentes. Sendo assim, o tipo de recepção e percepção é diferente assim como os componentes gramaticais que as constituem. Estas diferenças reafirmam que cada modalidade conserva um estilo próprio. (Machado, 2013, p. 52).

Queremos salientar que essas diferenças reafirmam que cada modalidade de língua, seja oral ou de sinais, possui seu próprio estilo e riqueza. Essas diferenças devem ser valorizadas e respeitadas, pois refletem as diversas maneiras pelas quais as culturas e comunidades se comunicam e se expressam. As línguas orais se baseiam no valor sonoro, ou seja, na produção e percepção de sons vocais, enquanto as línguas de sinais são predominantemente visuais, expressas por meio de gestos, expressões faciais e movimentos corporais. Essa diferença fundamental na modalidade de comunicação tem um impacto significativo na forma como as informações são transmitidas e recebidas.

Uma referência é o cânone na literatura surda, o vídeo “Voo sobre o Rio”, que nos apresenta os elementos linguísticos literários e estéticos de uma poesia elaborada por Fernanda Machado.¹⁹ Com uma estética muito bem elaborada, mostra uma poesia que é um exemplar de produção de gênero poético; sua principal marca se faz pelas associações harmoniosas de sinais, gestos, ritmos e expressão corporal em Libras. Algo que comove e sensibiliza o leitor.

19 Fernanda Machado é artista plástica, atriz e poetisa surda brasileira. O grupo de Teatro Brasileiro Surdo (TBS) do Centro Integração Arte de Cultura Surda (CIACS) e grupo de palavras invisíveis no grupo moitara.

A autora foi motivada pelo amor que tem pelo Rio de Janeiro, um orgulho dessa cidade chamada de maravilhosa. Na poesia, a autora destaca os pontos turísticos (Copacabana, Corcovado e Cristo Redentor), que recebem pessoas do mundo todo. Um local de muito amor, que comporta muitas comidas e sempre de braços abertos.

Na literatura surda, muitas vezes é comum descrever cenários e ambientes visualmente ricos e detalhados, o que pode enfatizar a importância da experiência visual na cultura surda. Isso pode incluir descrições detalhadas de paisagens naturais, edifícios ou lugares icônicos.

Machado (2011) e todas as suas produções que enaltecem aspectos importantes da literatura surda, dentro dos quais, a estética da Libras, configuram-se em enorme contributo para as pesquisas acadêmicas. Uma das referências é a estética da Libras. De acordo a autora, “A língua de sinais é carregada de elementos pertinentes somente a ela, tem estética e estilo próprios e cada usuário apropria-se da língua de maneira diferente. Nesse sentido, a língua de sinais não é somente uma vocação, mas sim uma construção que acontece por meio das experiências, por isso existem pessoas que sinalizam de modo mais brando e suave, enquanto outras, de modo mais firme e vibrante”. (Machado, 2011). Mesmo sendo toda sinalização uma forma de inspiração, nunca será reproduzida no mesmo estilo, pois a língua é dinâmica.

Figura 8 – Poesia Voo sobre o Rio de Janeiro



Fonte: Isurdo (2013)

Alguns artistas surdos têm explorado a interseção entre a poesia visual e a Libras. Eles criam obras que incorporam sinais, rimas, estética, expressões faciais de maneira altamente estilizada e artística. Isso demonstra como a Libras pode ser utilizada como forma de arte em si, combinando estética e comunicação.

A rima com a configuração de mão motivada pelo antropomorfismo se faz presente na poesia de Fernanda Machado. Na poesia, o narrador deixa de ser ela e passa a ser a entidade

incorporada, algo aparente no corpo e nas expressões faciais. Ela passa a representar dois pássaros que se encontram, utilizando o tronco, o movimento de cabeça e a direção do olhar para indicá-los; um na mão direita e outro na mão esquerda. A composição da rima também pode ser observada no meio de associações de locações que, combinadas em uma sequência de versos, compõem um padrão rítmico marcado. (Klamt, 2014).

A utilização de animais e outros símbolos visuais na literatura surda podem representar conceitos, valores ou características específicas. Por exemplo, um lobo pode ser usado como símbolo da solidão ou da resistência. A literatura surda frequentemente explora as experiências únicas dos surdos, incluindo questões de identidade, comunicação, discriminação e pertencimento. Isso pode ser feito por meio de histórias de vida, ensaios, poesia ou qualquer forma de expressão literária.

Figura 9 – Incorporação de um Pássaro



Fonte: Isurdo (2013)

Diante dos novos contextos de publicação e consumo de literatura surda devido à popularização das tecnologias digitais, o formato de obras digitais e multimodais, ou seja, com linguagens híbridas, têm se multiplicado. Esses autores fizeram o uso de plataformas midiáticas como Instagram, Facebook e Youtube para divulgar os seus materiais. Essas plataformas permitem compartilhamentos em redes sociais pessoais e disponibilização do link por outros meios eletrônicos, como e-mail ou WhatsApp. Essas ferramentas desempenham um papel crucial na disseminação de informações e no alcance de públicos diversos, possibilitando o letramento literário, além dos muros dos espaços educacionais.



3 CONCEPÇÕES DE LETRAMENTO LITERÁRIO E DO VISUOLEITOR

Neste capítulo, vamos tratar de abordagens teóricas que são fundamentais para uma boa atuação do intérprete/tradutor. Num primeiro momento, vamos retomar reflexões sobre o letramento, o letramento literário e a formação do leitor. Num segundo momento, vamos abordar questões sobre a multimodalidade e as possibilidades de interpretação de um texto visual. Por último, vamos detalhar as concepções acerca do visuoleitor.

3.1 Letramentos e formação do leitor

De acordo o minidicionário enciclopédico escolar, a palavra leitor é o “Que, ou o que lê” (Rocha, 2001, p. 371), sendo assim, seria aquele que é capaz de ler textos escritos, geralmente em sua língua de comunicação preferida, como a língua nativa do seu país. Nesta pesquisa, iremos discutir sobre a pessoa surda enquanto leitor. As pessoas surdas podem aprender a ler e escrever, assim como as pessoas ouvintes, e utilizar a leitura como uma importante forma de comunicação e acesso à informação. É importante observar que, devido à diversidade linguística e cultural das pessoas surdas, a forma como elas leem e compreendem o texto pode variar de uma para a outra, o que irá depender de suas próprias habilidades linguísticas.

A existência de uma pluralidade de manifestações linguísticas dentro do universo da pessoa surda muitas vezes somatiza o desconhecimento de uma boa parte dos educadores em relação a esses alunos como sujeitos bilíngues. Na maioria das vezes, essas manifestações linguísticas diferentes são tratadas nas escolas como deficiências linguísticas.

A relação dos surdos com os textos escritos, principalmente com os literários, não era de interação comum; a ênfase das escolas era o estudo de vocabulário e memorização de palavras e das regras gramaticais tradicionais, fatores que pouco contribuíram para o surdo se desenvolver em sua leitura e escrita do português. (Karnopp; Quadros, 2004, p. 54).

A utilização de um texto multimodal em Libras é uma representação visual que combina elementos da língua de sinais com outros modos de comunicação, como legendas, áudio, imagens e animações. Isso é feito para tornar a informação acessível tanto para pessoas surdas que usam Libras, quanto para aquelas que podem se beneficiar de diferentes modalidades de comunicação. Esses textos são uma ferramenta essencial para garantir a inclusão de pessoas surdas em uma sociedade que predominantemente utiliza a língua oral. Eles permitem que as

peessoas surdas tenham acesso a informações em diferentes contextos, como educação, mídia, saúde e serviços públicos.

Na era digital, a inclusão on-line é essencial para que os textos multimodais em Libras possam ser usados em sites, redes sociais e aplicativos para tornar o conteúdo acessível às pessoas surdas. Isso é especialmente importante em plataformas de vídeo, nas quais a adição de interpretação em Libras pode garantir que todos tenham acesso a informações importantes. Com o avanço da tecnologia, aplicativos e ferramentas estão sendo desenvolvidos para facilitar a criação e distribuição de textos multimodais em Libras. Isso amplia ainda mais o acesso à informação para a comunidade surda. Os textos multimodais desempenham um papel vital na promoção da acessibilidade e inclusão de pessoas surdas na sociedade. Eles são uma ferramenta poderosa para tornar a informação acessível e compreensível em diferentes contextos, permitindo que todos os surdos participem plenamente em todos os aspectos da vida.

O letramento literário faz parte dessa expansão do uso do termo letramento, isto é, integra o plural dos letramentos, sendo um dos usos sociais da escrita. Todavia, ao contrário dos outros letramentos e do emprego mais largo da palavra para designar a construção de sentido em uma determinada área de atividade ou conhecimento, o letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita e, por consequência, é um tipo de letramento singular. (Cosson, 2006, p.14-16).

Em primeiro lugar, o letramento literário é diferente dos outros tipos de letramento porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem. Ou seja, cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (Cosson, 2006, p. 17).

Depois, o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo imaginário, posto que conduz ao domínio do conhecimento. Para isso, é necessário o espaço da escola para se concretizar, isto é, demanda um processo educativo específico que a mera prática da compreensão dos textos literários não consegue por si só efetivar.

Paulo Freire²⁰, conhecido pelo método de alfabetização de adultos que leva seu nome, desenvolveu um pensamento pedagógico que defende que o objetivo maior da educação é conscientizar o estudante. Para a pessoa integrar a significação das respectivas palavras geradoras do seu contexto social e existencial, ele redescobre no seu mundo como a significação

20 Paulo Freire (1921-1997) é Patrono da Educação Brasileira e autor da “Pedagogia do Oprimido”. Conhecido pelo método de alfabetização de adultos que leva seu nome.

se constitui em suas interações de significantes, este é um lugar de encontro de cada um consigo mesmo e com os demais. (Freire, 1996, p.11).

Nos pressupostos Freirianos, a descodificação está sempre relacionada a uma análise crítica de uma situação que se encontra em códigos. No conceito encontrado nos dicionários, a descodificação seria a conversão em linguagem de mensagens apresentadas em códigos.

Mas sobre a relação da pessoa surda com a codificação e descodificação dos textos, sejam eles escritos ou em Libras, na maioria das vezes existe uma dificuldade de compreender o alcance do encontro da percepção destes signos para que se obtenha a codificação e descodificação imediata. Assemelha-se a construir um conhecimento em um vácuo, o que infelizmente foi sendo feito por anos pensando-se que alfabetizar era aprender a repetir inúmeras vezes a escrita daquelas palavras. Entretanto, isto nunca foi de fato conscientizar politicamente a sua própria história com o conhecimento.

Freire relata que a “consciência do conhecimento transcende o comportamento social e cultural, existindo a comunicação e colaborando para a construção da consciência e o reconhecimento de si mesmo”. (Freire, 1996, p. 19-20). Em muitos momentos, na experiência de intérprete de libras, foi possível perceber que, enquanto eram ministradas disciplinas de teorias da literatura, ou até mesmo da literatura surda, alguns discentes surdos, mesmo tendo acesso aos materiais em Libras, com imagens, vídeos com os ajustes e avanços tecnológicos e todos os elementos da literatura surda, tinham dificuldades em alguns momentos para decodificar com exatidão os significados das histórias apresentadas em momento de aulas.

A importância de se elaborarem materiais didáticos no contexto da literatura surda para a acessibilidade destes discentes surdos tem se tornado meta de muitas instituições, entre essas, a Universidade Federal de Santa Catarina²¹- e em parceria com a Editora Arara Azul. A análise dos materiais utilizados na literatura surda para o letramento literário requer sensibilidade cultural e respeito pela comunidade surda. É muito importante analisar o conteúdo antes de compartilhar, e estar ciente das questões éticas relacionadas à pesquisa e à comunidade surda.

As universidades têm desempenhado um papel significativo no desenvolvimento e na promoção da literatura surda. Muitas universidades oferecem programas acadêmicos dedicados ao estudo da língua de sinais, da cultura e da literatura surda. Isso proporciona um ambiente onde estudantes surdos e ouvintes podem aprender sobre a história, a linguagem e as tradições da comunidade surda. Portanto, embora as universidades não sejam diretamente regidas pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC, elas estão inseridas no contexto da educação

21 <https://librando.paginas.ufsc.br/> Muitos materiais estão disponibilizados neste site, sendo uma referência de extrema importância para professores que ensinam crianças e jovens surdos.

brasileira, que busca promover uma progressão mais consistente e integrada da aprendizagem desde a educação infantil até o ensino superior. As universidades podem considerar as diretrizes da BNCC ao elaborar seus currículos e programas, visando uma formação mais alinhada com as necessidades e expectativas da educação básica.

No entanto, a BNCC pode influenciar indiretamente o ensino nas universidades, pois, ao definir as expectativas de aprendizagem para a educação básica, ela pode impactar a formação prévia dos estudantes. Além disso, a BNCC também busca promover uma formação mais sólida e integrada ao longo da educação básica, o que pode contribuir para uma melhor preparação dos estudantes para o ensino superior. Em parceria do MEC – Ministério da Educação e Cultura - com outras secretarias, a executiva e a de educação básica, homologaram-se novas diretrizes: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um documento de caráter normativo e que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE).

Este tipo de documento é relevante para uma educação com mais igualdade, produções de materiais didáticos e pedagógicos, acompanhando as inovações tecnológicas e de temas propostos pela sociedade com objetivo de preparar estes alunos para um futuro acadêmico e promissor.

Uma parte considerável das crianças e jovens que estão na escola hoje vai exercer profissões que ainda nem existem e se deparar com problemas de diferentes ordens e que podem requerer diferentes habilidades, um repertório de experiências e práticas e o domínio de ferramentas que a vivência dessa diversificação pode favorecer. O que pode parecer um gênero menor (no sentido de ser menos valorizado, relacionado a situações tidas como pouco sérias, que envolvem paródias, chistes, *remixes* ou condensações e narrativas paralelas), na verdade, pode favorecer o domínio de modos de significação nas diferentes linguagens, o que a análise ou produção de uma foto convencional, por exemplo, pode não propiciar (Brasil, 2018, p. 69).

Essas profissões já existem, pois muitas pessoas atualmente trabalham como influenciadores digitais que escolhem um tipo de nicho, de acordo com a área de interesse que a pessoa deseja abordar em suas redes sociais. Pode ser referente a moda, comida, tecnologia, viagens, beleza, *fitness* e jogos. Geralmente os surdos escolhem um nicho que os apoie a direcionarem seu conteúdo para um público específico, no caso os surdos, apresentando um conteúdo de qualidade em forma de vídeos, fotos, textos ou *podcasts*.

A exemplo do influenciador Gabriel Isaac, com o canal no Youtube chamado “Isflocos”, há muitos vídeos de conteúdos diversos, como exemplo: “De volta no tempo”;

“Porque nasci Surdo” e “Perguntas absurdas que fazem aos surdos”. Os seus materiais postados são em libras e legendados em português e outros idiomas. Há também outros *Youtubers*, como Leonardo Castilho²², Alex Alves²³ e Léo Viturino²⁴.

A cultura digital implementada nos currículos, e principalmente em sala de aula, possibilita que os vários tipos de linguagem possam contribuir no processo de ensino e aprendizado, principalmente à comunidade surda. O uso da tecnologia para este público surdo é um processo de informações, contribuições em qualidade de vida e independência, causando um impacto social. De acordo com Gomes, “A cultura digital é marcada por produções híbridas compostas por diferentes tipos de linguagens estéticas e digitais como as narrativas audiovisuais, jogos eletrônicos, as histórias em quadrinhos, tais textualidades pedem aos leitores que sejam capazes de utilizar esses novos formatos” (Gomes, 2019, p. 2).

Para a educação escolar, pode-se refletir de forma muito positiva, tornando-a inclusiva, igualitária e respeitando as culturas destes alunos.

Outro aspecto que aproxima o manifesto da BNCC é a importância atribuída valorização da diversidade linguística. Se críticas foram feitas ao manifesto por não se pensá-lo adequado a países como o Brasil, enganosamente pensado como um país monolíngue, cabe lembrar “que se estima que mais de 250 línguas são faladas no país – indígenas, de imigração, de língua de sinais, crioulas e afro-brasileiras, além do português e de suas variedades (Brasil, 2018, p. 70).

A importância de poder ter o conhecimento e valorizar a diversidade linguística fez com que a comunidade surda, juntamente com a evolução das tecnologias nos espaços das universidades, pudesse documentar visualmente as produções e divulgá-las em um processo rápido e temas diversos. Claudio Mourão cita um exemplo:

No curso de Letras/Libras, disciplina de Literatura Surda, produzimos momentos importantes de aprendizagem da forma discursiva literária. Esses discursos atravessam diversas fronteiras, levando ao reconhecimento e à valorização da cultura surda. Lembro que a forma de representação surda sempre ocorre “coletivamente” ou “face a face” (duas pessoas), em que são produzidos significados compartilhados, com a subjetividade que entram em circulação e em trocas. (Mourão, 2011, p. 89).

As escolhas dos materiais didáticos para serem apresentados aos alunos são de muita relevância, pois o docente precisa ficar atento ao processo de escolarização da literatura surda, com um processo do tipo ritual, como o conhecimento de materiais e histórias em gêneros diversos.

²² É MC do Slam do Corpo e foi repórter em Libras para o canal Multishow no Rock in Rio 2017.

²³ Alex é um surdo oralizado, ou seja, utiliza a leitura labial para compreender a mensagem falada pelo outro e se expressar verbalmente.

²⁴ É um ator surdo que usa a língua de sinais.

3.2 Literatura surda

Com a tecnologia avançada e com o acesso fácil a dispositivos como celular e *tablets*, e com a possibilidade de ler textos e ver imagens pela internet, assim como as pesquisas em escrita de sinais, a literatura surda se expande na contemporaneidade. Outro artefato linguístico também muito importante citado em muitos materiais adaptados seria a escrita de sinais, o *SignWriting* (SW), que partiu do pressuposto de que a língua do povo surdo não poderia ser legalizada por ser ágrafa. O estudo teve início na Dinamarca, quando pesquisadores de Língua de Sinais desse país conheceram o sistema de escrita da bailarina Valerie Sutton²⁵, que utilizava códigos para registrar os passos de suas danças, isso no ano de 1974. Aqui no Brasil, quem apresenta essa pesquisa em sua tese é a doutora surda Marianne Stumpf, que é conhecida por causa da ELS – Escrita de Língua de Sinais. O intuito desse sistema de escrita não é substituir o português escrito, e sim servir como um instrumento de apoio para a aquisição da modalidade escrita da língua do seu país.

O sistema de escrita para línguas de sinais, denominado *SignWriting*, foi inventado há cerca de 30 anos por Valerie Sutton, que dirige o DAC – *Deaf Action Committee*, uma organização sem fins lucrativos sediada em La Jolla, Califórnia, USA. Trata-se de um sistema para representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático, funcionando como um sistema de escrita alfabético. O *SignWriting* pode registrar qualquer Língua de Sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada Língua de Sinais adaptaria a sua própria ortografia. Para escrever em *SignWriting* é preciso saber uma Língua de Sinais (Stumpf, 2004, p. 147).

Figura 100 - Sistema de escrita de dança

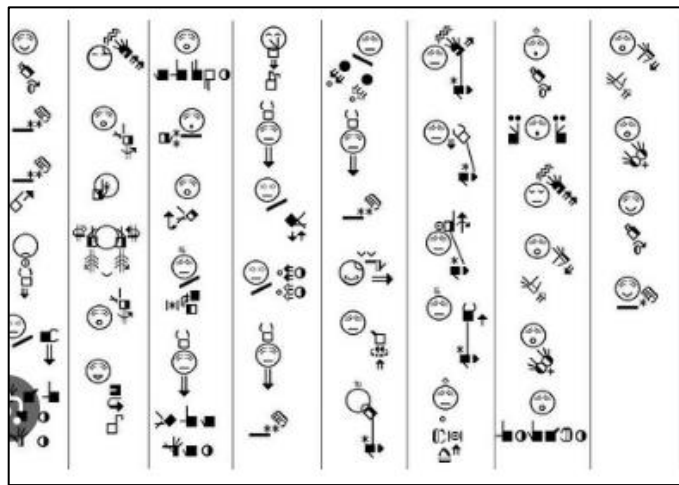


Fonte: Uniasselvi (2018)

²⁵ Valerie Sutton é uma dançarina estadunidense. Embora dedicada à carreira artística, tornou-se conhecida pelo desenvolvimento de sistemas de escritas que se popularizaram pela comunidade surda e acadêmica.

É importante observar que o *SignWriting* é uma forma altamente especializada de escrita e requer aprendizado e prática para ser usado com precisão. Além disso, a forma exata de representar sinais em *SignWriting* pode variar dependendo da convenção utilizada em um determinado país ou comunidade de língua de sinais. Logo, a literatura surda vem percebendo a importância desta utilização do SW, e, em algumas histórias, já consta a escrita de sinais.

Figura 11 – Ensino da Escrita de Sinais



Fonte: Silva; Córdula (2017)

Ensinar a escrita de sinais é uma parte importante da educação para surdos. Muitos materiais didáticos têm sido confeccionados; como exemplo, cartões de memória com desenhos ou imagens dos sinais e suas respectivas escritas em SW, o que pode ser usado para jogos de memória e prática individual.

Diante deste fato, Karnopp acrescenta que a escrita de sinais (*SignWriting*) é uma forma potencial de registro da literatura surda, possibilitando que os textos sejam impressos e divulgados em diferentes tempos e espaços. Ela ressalta que as publicações em *SignWriting* têm sido uma inovação na tradição de contar e recontar histórias e, por outro lado, divulgam e imprimem materiais na Libras (Karnopp; Klein; Lazzarin, 2011, p. 90).

A escrita de sinais para a literatura surda é uma forma de expressão artística que se baseia na língua de sinais, uma língua visual-gestual usada pela comunidade surda em todo o mundo. Assim como a escrita em língua falada se baseia em palavras e letras, a escrita de sinais se baseia em sinais e gestos.

As histórias ganham cores, novas formas, e são contadas aos olhos e mãos dos surdos. Os livros recebem sinais em Libras, e a escrita de sinais e a criatividade tornam-se uma variável cada vez mais presente. Os clássicos infantis recebem adaptações na Língua Brasileira de

Sinais, que passam a ter mudanças nos seus roteiros, em que os personagens centrais tradicionais tornam-se personagens centrais surdos e autores surdos surgem em vários pontos do país.

A partir da década de 90 do século XX, grupos de instrutores surdos e professores de surdos iniciaram a produção de materiais filmados, com a finalidade de utilização em atividades, principalmente nos espaços escolares. A princípio as filmagens eram de contação de histórias clássicas traduzidas em suas aulas com alunos surdos (Karnopp; Klein; Lazzarin, 2011, p. 94).

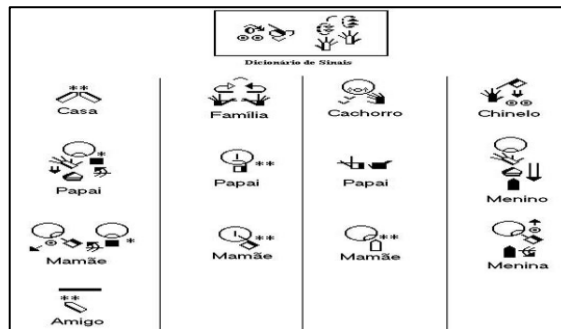
Era uma tentativa de adequar um texto escrito e pensado para o leitor ouvinte, com a intenção de torná-lo acessível ao usuário surdo. Não deixa de ser uma forma de aproximar a literatura ouvinte das crianças surdas, e também de aproximar a Língua de Sinais das crianças ouvintes.

As adaptações se iniciam a partir do processo da recepção do público alvo: crianças e jovens surdos. Assim, ao se pensar em adaptação, deve-se iniciar pensando sobre o que seria possível ser adaptado, quem será o adaptador, e principalmente para quem, como, quando, onde e o que pode ser adaptado.

Dentro dessas experiências, Strobel cita:

A literatura surda refere-se às várias experiências pessoais do povo surdo. Este, muitas vezes, expõe as dificuldades e/ou vitórias das opressões ouvintes, de como se sai em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militantes surdos e sobre a valorização de suas identidades surdas (Strobel, 2008, p. 56).

A literatura surda, conforme mencionado por Strobel (2008, p. 56), é uma poderosa ferramenta para compartilhar as experiências pessoais da comunidade surda. Ela não apenas expõe as dificuldades e vitórias enfrentadas nas mãos das opressões ouvintes, mas também ilumina as jornadas únicas dos surdos em uma sociedade predominantemente auditiva. É através dessas narrativas que testemunhamos as ações inspiradoras de líderes e militantes surdos que lutaram incansavelmente pelos direitos e pela inclusão. Além disso, a literatura surda destaca a importância da valorização das identidades surdas, reforçando a riqueza da diversidade cultural e da linguística literária.

Figura 12 - Cinderela Surda com Escrita de Sinais

Fonte:Karnopp (2010).

À medida que exploramos a literatura surda em construção, podemos mergulhar profundamente na jornada dos protagonistas surdos em suas lutas e triunfos. Agora, iremos propor reflexões sobre a recepção visual do surdo. Nesse contexto, o leitor surdo será tratado como um visuoleitor.

3.3 As abordagens do visuoleitor

A interligação entre a literatura surda e o visuoleitor nasce da necessidade de ampliarmos estratégias de tradução/interpretação de um texto em português para Libras. Diferente de uma interpretação simultânea, essa atividade demanda mais conhecimentos estéticos e visuais do intérprete, pois consideramos uma adaptação como a obra traduzida, visto que essa língua é transmitida por uma performance na qual o corpo do intérprete pode ser uma extensão, usado como signos estéticos e culturais; sobretudo, suas expressões faciais e a velocidade como os sinais são organizados, revelando-se como uma forma única de expressão artística.

A literatura surda não é estática, conforme as citadas pesquisas de Sutton-Spance (2021), Morgado (2011) e Mourão (2016), mas sim um processo dinâmico que se completa quando essas pesquisas se entreolham; a forma lançada de se entreolharem pode ser interpretada como uma maneira poética de dizer que essas pesquisas estão conectadas de alguma forma e que uma pesquisa pode se beneficiar ou ser enriquecida por outra.

Isso é uma indicação de que o campo da literatura surda é interdisciplinar e que diferentes pesquisadores estão contribuindo para a compreensão do desenvolvimento desse campo por meio destas releituras. Por exemplo, a proposta de um “visuoleitor” nasce do diálogo com a pesquisa de Claudio Mourão (2016), que construiu o sinal de “Visualiterária”.

Essa combinação de mãos literárias e visualiterária produzida por Mourão (2016, p. 19) para leitura e produção de textos literários é fundamental para a reconfiguração do papel do intérprete nas aulas de literatura surda. Esse pesquisador criou esses conceitos para melhor explorar as especificidades da literatura surda. Tratam-se de neologismos mãos literárias é utilizada “para as mãos (incluindo o corpo e as expressões faciais) que produzem língua de sinais em forma literária”. Já a visualiterária pode ser identificada “para referir aos textos literários em línguas de sinais, na modalidade visual dessa língua”. O autor ainda defende o termo “visualiterária” para priorizar “a visualidade do povo surdo e produz significados em sinais, utilizando recursos estéticos e a arte de sinalizar” (Mourão, 2016, p. 19).

Como intérprete, penso que a Libras pode ser usada como um elemento literário, pois, quando usada de forma performática, não é apenas um meio de comunicação, mas também uma forma de expressão artística que pode transmitir significados mais profundos e complexos, criando uma experiência de leitura que se transporta além da simples tradução de um texto escrito. Para nós, quando temos uma tradução performática de Libras, estamos diante de uma adaptação que demanda etapas de preparação dessa tradução, conforme explicaremos no último capítulo.

Estamos propondo o “visuoleitor” como uma categoria para as aulas de literatura surda, pois se trata do sujeito que só vai interpretar usando o campo visual, o surdo. Tal preocupação tentar estruturar uma técnica que contribua para que o intérprete/tradutor tenha mais liberdade de adaptar as obras em Português para uma performance em Libras. Portanto, o “visuoleitor” foi desenvolvido como parte desta pesquisa, com apoio nas leituras e pesquisas que foram se constituindo de acordo as indagações que ocorriam em sala de aula entre mim e o meu orientador, que é uns dos professores das disciplinas de literatura surda e teoria literária que são ministradas na graduação Letras Libras Licenciatura, na UFS.

As indagações eram: como chamar aquele que lê através de imagens, leitor ou visuoleitor? A palavra “leitor”²⁶ geralmente se refere a alguém que lê e ouve textos escritos ou declamados/dramatizados, seja de textos informativos, acadêmicos, teatrais, artísticos ou literários, que podem ser disponibilizados em formatos de livros, jornais, revistas ou plataformas digitais. Nesta pesquisa, vamos nos preocupar em relacionar o “visuoleitor” como um leitor surdo que decodifica diferentes signos gestuais e visuais de textos literários. Mas sabemos que esse conceito pode ser ampliado para outros contextos acadêmicos e profissionais.

²⁶ De acordo o Dicionário Escolar Cegalla de Domingos Paschoal em língua portuguesa, a definição de Leitor p. 535 é: que ou aquele que lê para si, mentalmente, ou para outrem, em voz alta, textos escritos.

Essa conceituação vem da cisão de conceitos de leitor que tive na disciplina Estudos da Leitura, como “leitor modelo”, de Umberto Eco e “leitor implícito”, de Wolfgang Iser. Esses leitores são os que leem a partir das pistas do texto. Essas pistas são os espaços vazios que o leitor deve ir completando. No caso do visuoleitor, acreditamos que é aquele que consegue interpretar os códigos visuais de forma estética e artística, isso é, consegue entender as relações entre os sinais e a performance do intérprete.

Portanto, para chegarmos ao visuoleitor experimentamos diversos conceitos e possibilidades. Cabe destacar que as contribuições de Cláudio Mourão, são muito ricas para ampliarmos os sentidos da leitura literária de um surdo. Ele primeiro propôs o termo “Mãos literárias”, que amplamente conhecido pelos pesquisadores da área de Literatura Surda. Esse termo foi criado com a finalidade de representar as experiências visuais de Mourão, enquanto pessoa surda com identidade surda, nas vivências em contato com outros artistas surdos e com a própria literatura surda.

Suas contribuições com a construção de “mãos literárias” inovam e ampliam os conceitos de autor e leitor surdos, pois passou a valorizar a mão como um importante recurso na construção do texto da literatura surda, contribuindo para repensarmos as dinâmicas das interpretações/adaptações dos textos literários. Em seguida, ele faz uma associação ao termo Mãos Literárias, que surgiu o neologismo de “visualiterária” que enfatiza a importância da multimodalidade na comunicação e na apreciação da literatura por parte da comunidade surda. Mourão (2016) utiliza o termo “Mãos Literárias” em simbologia com as mãos (incluindo o corpo e as expressões faciais), que produzem língua de sinais em forma literária, propondo em comunhão com o sinal de “visualiterária”, que sugere a combinação de elementos visuais (vídeos e imagens) com elementos literários (como texto escrito em português e Libras).

Na Figura 13 na página seguinte, o próprio autor Cláudio Mourão faz a representação do sinal de visualiterária, a qual traz uma reflexão sobre suas experiências como pessoa surda. Integrado na literatura surda, ele busca integrar o texto e a imagem de maneira harmoniosa e significativa. Isso pode ser feito de várias maneiras, como incorporar palavras ou frases em uma imagem, usar o texto para complementar ou comentar a imagem, ou criar uma narrativa que se desenvolva tanto por meio do texto quanto das imagens. Explorando diferentes mídias, a visualiteratura não se limita a um único meio. Ela pode ser encontrada em pinturas, fotografias, quadrinhos, ilustrações, instalações de arte, animações e até mesmo em formas digitais, como arte interativa em aplicativos ou *websites*.

Com o sinal visualiterária, é possível compreender que algumas adaptações de sinais existentes na Libras podem representar novos conceitos, envolvendo uma modificação sutil no

sinal existente para torná-lo mais apropriado. É importante observar que a criação de neologismos na Libras é um processo orgânico que geralmente envolve a participação da comunidade surda e de intérpretes de Libras.

Na Libras, assim como em outras línguas de sinais, os neologismos podem surgir de várias maneiras. A exemplo do empréstimo de outra língua, a Libras pode adotar um sinal de outras línguas de sinais, especialmente se um conceito é semelhante ou idêntico mesmo em diferentes comunidades que utilizam a língua de sinais. Por exemplo, o sinal para "computador" em Libras é semelhante ao sinal em *American Sign Language* (ASL). (Quadros, 2019. p.78).

Figura 13 - Sinal para visualiterária²⁷



Em muitos casos, a visualiteratura é utilizada para contar histórias ou transmitir mensagens de uma maneira que não pode ser totalmente alcançada apenas com texto ou imagens. Essa abordagem combina as forças de ambos os meios para criar uma experiência mais rica e envolvente. Em resumo, a visualiteratura é uma forma de arte que busca criar uma sinergia entre o texto escrito e elementos visuais, a fim de enriquecer a experiência artística e comunicativa. Ela não exclui os livros ou textos escritos, mas os incorpora de maneira inovadora e interativa. É uma área de exploração criativa que pode ser muito rica e inspiradora para artistas e apreciadores da arte surda.

A literatura surda é um campo que se concentra na expressão artística e literária dos surdos, muitas vezes usando línguas de sinais e formas de comunicação visual para contar histórias e transmitir ideias. Há várias figuras proeminentes na literatura surda que desempenharam um papel significativo na promoção da cultura surda e na criação de obras literárias. Essas figuras incluem escritores, poetas, dramaturgos e artistas visuais que usam a

²⁷ Visualiterária: É proposto pelo o autor, na Libras, o uso de sinal com três dedos estendidos (polegar, indicador e médio). Para iniciar com essa configuração de mãos, o indicador toca nos olhos e se desloca para frente do corpo em movimento circular. Fonte TESE disponível: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151708/001012805.pdf> > Acesso 28 Jul 2023.

língua de sinais e outras formas de expressão visual. Claudio Mourão tem contribuído com suas pesquisas para a literatura surda de uma forma muito rica.

Mourão (2016) diz que o termo “visualiterária” valoriza a visualidade do povo surdo e produz significados em sinais, utilizando recursos estéticos e a arte de sinalizar. Ele complementa com a citação de Barthes: “A literatura não permite caminhar, mas permite respirar”. A Literatura Surda me permite respirar! (Mourão, 2016 p. 19). Ao parafrasear Barthes, Mourão ressalta que a literatura surda é vida para ele, pois respirar é viver. Podemos entender também que a literatura não nos conduz diretamente pela vida, mas nos proporciona uma maneira de respirar, refletir e de explorar experiências humanas de forma muito mais profunda e significativa. Ela nos permite entrar nas mentes e vidas de personagens, vivenciar diferentes perspectivas e emoções, e, assim, enriquecer nossa compreensão do mundo.

Ao olharmos para a perspectiva da literatura surda, referimo-nos a uma literatura criada por pessoas surdas, ou que abordam temas relacionados à cultura e à experiência surda. Para muitas pessoas com surdez, a literatura surda desempenha um papel importante na expressão de sua identidade e na promoção da compreensão e das experiências surdas.

Sendo desta forma, o termo "visuoleitor" é introduzido nesta pesquisa para descrever as experiências de leitura para os surdos. De acordo com Arbex (2006), A escrita nasceu da imagem, e seja qual for o sistema escolhido, o de ideograma ou do alfabeto, a sua evolução procede unicamente dela. Podemos compreender que a escrita teve sua origem na representação visual de conceitos, seja através de ideogramas ou do alfabeto. Além disso, a eficácia da escrita, independentemente do sistema escolhido, depende da capacidade desse sistema em transmitir informações de forma clara e eficiente. Portanto, a imagem e sua capacidade de representar conceitos desempenham um papel fundamental na sua eficácia, independentemente do sistema utilizado.

“Sendo assim, se a escrita nasceu da imagem, já que a escrita é uma invenção, deduz-se que a imagem é um produto direto do pensamento”. (Arbex, 2006, p.14). Portanto, podemos destacar a importância da imagem e do pensamento na origem e na eficácia da escrita como meio de comunicação e expressão humanas. Ela enfatiza que a escrita não é apenas uma representação arbitrária, mas sim uma forma de expressão profundamente enraizada em nossa capacidade de pensamento e na nossa habilidade de criar imagens que representem as nossas ideias.

Na literatura, a rigidez da escrita alfabética vem sendo questionada desde do século XIX, revelando que a escrita ocidental não cortou totalmente os seus laços com a sua origem icônica [...] Mallarmé reintegrou ao alfabeto o seu elemento visual e espacial

[...], a cultura alfabética foi tomada pelas imagens, tanto a literatura quanto as artes viram surgir inúmeros exemplos de reintegração da parte visual e da escrita, como cartazes, pinturas e outras artes. (Arbex, 2006. p.15).

Stéphane Mallarmé foi um influente poeta francês do século XIX, conhecido por sua inovação na poesia e na exploração de novas formas de expressão literária. A frase "Mallarmé reintegrou seu alfabeto ao elemento visual e espacial" refere-se ao fato de que Mallarmé experimentou a tipografia e a disposição visual das palavras em suas obras poéticas. Mallarmé acreditava que a poesia não era apenas sobre o conteúdo das palavras, mas também sobre a maneira como elas eram apresentadas visualmente na página. Ele buscava integrar o aspecto visual e espacial da poesia com o significado das palavras.

A partir de Mallarmé, e com mais evidências no século XX, a literatura se reinventa e integra a parte visual. Da mesma forma, a arte incorpora a escrita; ou seja, as fronteiras entre a escrita e a imagem começam a se cruzar, surgindo estes dois movimentos da imagem a letra e a letra a imagem; “O mesmo traço a mesma mão que vai a caligrafia à figuração”. (Arbex, 2006, p.24). Ambos os campos operam em uma multimodalidade, utilizando múltiplas formas de comunicação simultaneamente. Na arte, isso pode ser visto na combinação de texto e imagem. Em Libras, é evidente na utilização simultânea de gestos, expressões faciais e espaço corporal.

Com o surgimento de gêneros emergentes do século XX, os antigos paralelos começam a se descolar em uma nova reformulação, chamados textos híbridos (Arbex, 2006, p.35). Os estudos da hibridez são muito mais pertinentes atualmente, pois, apesar de ser uma categoria de gênero literário que emergiu no século XX, têm dado continuidade aos tempos contemporâneos. Com isso, novas artes vêm surgindo, uma vez que misturam características de diferentes formas de expressão textual e, com isso, renovam-se. O conceito de "textos híbridos" abrange uma ampla variedade de obras literárias que desafiam as fronteiras tradicionais dos gêneros literários, misturando elementos de prosa, poesia, ensaio, jornalismo, ficção e não-ficção.

Um texto em Libras é um texto visual que difere da leitura de textos escritos. Compreender como o surdo faz esse tipo de leitura por imagens demanda um certo conhecimento e sensibilidade para perceber como elas se apresentam e como se representam para eles, “como as imagens significam, como elas pensam, quais são os seus modos específicos de representar a realidade.” (Santaella, 2012, p. 13).

A leitura de imagens é uma habilidade valiosa em diversas áreas, como na arte, comunicação, publicidade e na análise de mídia. Ela permite compreender o mundo visual que nos rodeia de maneira mais profunda e crítica. Para interpretar as imagens, é útil ter conhecimento sobre o contexto em que a imagem foi criada e sobre os elementos visuais

utilizados. Isso pode incluir conhecimento cultural, histórico, artístico e técnico. Este tipo de dinâmica deve estar presente na realidade do visuoleitor ao ter o seu contato visual com a literatura surda e com os recursos apresentados.

De acordo com a autora Novaes²⁸ (2019) nas pesquisas em antropologia visual, a imagem desempenha um papel significativo na compreensão e na pesquisa das culturas e sociedades humanas. A imagem é vista como uma forma de comunicação e representação cultural que pode transmitir uma ampla gama de significados e informações. A comunicação intercultural em relação às imagens destaca de forma eficaz os desafios e nuances que não estão presentes na comunicação entre pessoas da mesma cultura. Esses desafios podem incluir diferenças na linguagem, normas sociais, valores, crenças, costumes e até mesmo na maneira como as pessoas percebem o mundo ao seu redor. É importante entender a cultura do visuoleitor, na qual inclui-se o conhecimento sobre sua própria história.

Esse acesso permite que pessoas de diferentes culturas compreendam melhor umas às outras. Elas podem transcender as barreiras linguísticas e ser usadas para promover a compreensão mútua. (Novaes, 2019). As imagens muitas vezes refletem a identidade de um grupo cultural, mostrando como os membros desse grupo se veem e como desejam ser vistos pelos outros. Elas podem revelar elementos de orgulho cultural, identidade étnica e pertencimento. Portanto, o surdo toma a palavra, encontrando na literatura surda vários tipos de formas para se expressar em um contexto social, quebrando as barreiras existentes em textos escritos para uma apropriação de leitura híbrida e aproveitando o advento da educação bilíngue, vitalizando cada vez mais a Libras.

O termo "visuoleitor" é introduzido para descrever a transformação da experiência de leitura para os surdos. Isso implica que a combinação de elementos visuais e estéticos, como exemplo os vídeos e textos em Libras, recriam uma experiência única de leitura que difere da leitura tradicional.

O sinal visuoleitor se inicia com a configuração de mão da tabela Configurações de Mãos número 01, associado com a CM número 58 e finalizando com a CM de número 61. A Configuração de Mãos (CM) engloba componentes cruciais na gramática da Língua Brasileira de Sinais (Libras), as configurações de mãos referem-se às diferentes formas das mãos que os sinais utilizam para representar palavras, conceitos ou ideias. Existem várias configurações de mãos em Libras, cada uma com um significado específico, e seu uso correto é fundamental para a compreensão da língua (Quadros, 2019, p. 101).

²⁸ Sylvia Caiuby Novaes é Professora Associada no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo e Coordenadora do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia – LISA _ USP.

Na imagem da Figura 14, o sinal se inicia da direita para a esquerda. O primeiro contato seriam as mãos em configuração 01, que estão próximas aos olhos. No segundo movimento para frente, ela modifica para a CM 58, e gradativamente se finaliza na CM 61. A mensagem passada, pois, é que os surdos sinalizam e têm toda essa percepção literária pelos olhos, o seu canal de sensações.

Figura 14 - Sinal Visuoleitor de Frente



Fonte: Autora própria (2023)

Figura 15 - Sinal Visuoleitor de outro ângulo



Fonte: Autoria própria (2023)

Para fundamentar esta forma de percepção visual, a semiose é um conceito fundamental na área da semiótica, que é o estudo dos signos e dos processos de comunicação. De acordo o autor e pesquisador Cláudio Correia (2021), a semiose, enquanto processo, é o termo que define a ação, a atividade dos signos que estruturam um determinado sistema de linguagem. Na geração dos sinais na mente do intérprete, a semiose é o processo que transforma os fenômenos existentes na esfera da experiência concreta em representações (Correia, 2021, p. 252). A semiose refere-se ao processo pelo qual os signos (símbolos, palavras, gestos, etc.) são produzidos, interpretados e atribuídos significados. Charles Sanders Peirce, um dos fundadores da semiótica, descreveu a semiose como um processo contínuo e dinâmico, no qual um signo

(ou "representamen") está ligado a um objeto e é interpretado por um intérprete (ou "semiose"). Esse processo envolve três elementos principais:

1. O "representamen" é o próprio signo ou símbolo. Pode ser uma palavra, uma imagem, um gesto, um som, etc.
2. Objeto: O objeto é aquilo a que o signo se refere ou representa. Pode ser uma coisa real, uma ideia, um conceito, uma emoção, etc.
3. Intérprete: O intérprete é a mente ou o sistema cognitivo que atribui significado ao signo, relacionando-o com o objeto. O intérprete desempenha um papel crucial na interpretação dos signos, pois é influenciado por sua experiência, cultura, contexto e outros fatores.

A semiose ocorre em diferentes níveis e em diferentes contextos. Por exemplo, quando o visualeitor lê uma palavra em um livro, está envolvido em um processo de semiose no qual a palavra (representamen) evoca um significado (objeto) em sua mente (intérprete). Da mesma forma, a comunicação visual, gestual e até mesmo a linguagem corporal envolvem processos de semiose.

Todo esse processo é, em seu movimento, um processo de evolução. Na introdução das inferências sociais e psicológicas do intérprete na geração dos interpretantes, ou seja, no processo de transformação de uma realidade empírica para uma realidade mental na consciência do intérprete, as interpretações são completadas por elementos da esfera extra objetiva. A dinâmica real do processo de geração das semioses está na introdução de elementos subjetivos em representações objetivas. O signo, como uma forma de representação, não possui a capacidade de abarcar a totalidade do objeto que representa, ou seja, o signo representa o seu objeto em uma certa medida, com uma certa capacidade (Correia, 2021.p. 252 -253).

De acordo a teoria do autor, podemos compreender que o visualeitor, em todo esse processo e em seu movimento, é uma constante evolução ao longo do tempo. Na introdução das inferências sociais e psicológicas do visualeitor na geração dos interpretantes, ou seja, no processo de transformação de uma realidade empírica para uma realidade mental na consciência do visualeitor, a citação aborda a ideia de que durante o processo de interpretação, o visualeitor incorpora suas próprias inferências sociais e psicológicas, transformando uma realidade observável em uma realidade mental dentro de sua própria consciência. As interpretações são completadas por elementos da esfera extra objetiva, significando que as interpretações não são apenas baseadas em dados objetivos, mas também são influenciadas por elementos que vão além do objeto observável, como perspectivas pessoais, emoções e crenças do próprio visualeitor.

A dinâmica real do processo de geração da semiose está na introdução de elementos subjetivos em representações objetivas, destacando que a verdadeira dinâmica do processo de geração de significados (semioses) está na interação entre elementos subjetivos (pensamentos, emoções, interpretações pessoais) e representações objetivas (dados observáveis). O signo, como uma forma de representação, não possui a capacidade de abarcar a totalidade do objeto que representa; ou seja, o signo representa o seu objeto em uma certa medida, com uma certa capacidade. Isso sugere que qualquer representação, como um signo ou símbolo, tem limitações e não pode capturar totalmente a complexidade ou totalidade do objeto que representa. Ela só pode fornecer uma representação parcial e limitada.

A experiência não é representada em toda a sua totalidade: há a necessidade da geração de signos por parte do intérprete. Características do objeto são transpostas para a mente do intérprete no processo de semiose e, assim, a necessidade lógica de gerar a interpretação se estabelece. Os signos, as abstrações lógicas, representam os seus objetos de forma incompleta, reclamando às mentes interpretadoras inferências sociais, psicológicas e culturais no processo de interpretação. (Correia, 2021. p. 253)

Há a necessidade da geração de signos por parte do intérprete, a citação enfatiza que, para entender ou representar a experiência, o intérprete deve criar signos ou símbolos que representem aspectos específicos da experiência. Isso sugere a necessidade de traduzir a experiência em formas simbólicas ou linguísticas. Características do objeto são transpostas para a mente do intérprete no processo de semiose e, assim, a necessidade lógica de gerar a interpretação se estabelece, destacando que a interpretação é uma parte fundamental do processo de representação. “À medida que o intérprete recebe características do objeto através dos signos, surge a necessidade de gerar uma interpretação para dar sentido a essas características” (Correia, 2021. p. 254).

Os signos e as abstrações lógicas representam os seus objetos de forma incompleta, reclamando às mentes interpretadoras inferências sociais que se referem ao processo cognitivo pelo qual as pessoas observam o comportamento de outras pessoas e tiram conclusões sobre seus estados mentais, intenções, personalidades e características, com base nesse comportamento observado. Aqui, a citação salienta que os signos, mesmo sendo abstrações lógicas, são representações incompletas dos objetos reais. Portanto, os intérpretes devem fazer inferências sociais, que são uma parte fundamental da vida cotidiana e desempenham um papel importante na forma como as pessoas se relacionam e interagem com outras pessoas. Ela nos ajuda a entender o mundo social ao nosso redor, mas também pode ser complexa e sujeita a interpretações subjetivas, psicológicas e culturais para preencher as lacunas e compreender plenamente o significado por trás desses signos.

Em resumo, a semiose é o processo fundamental pelo qual os seres humanos e outros sistemas semióticos atribuem significado aos signos e compreendem o mundo ao seu redor, por meio da interpretação de símbolos e signos. Ela desempenha um papel crucial na linguagem, na comunicação e na compreensão da realidade.

3.4 O visualeitor e os desafios multimodais

O surdo vive a remoldar essas significações, fazendo emergirem sentidos em seus textos visuais, em um processo de reordenação continuada de símbolos intercorrente com a cultura surda. O perfil cognitivo de um visualeitor é de alguém que se envolve profundamente na leitura visual, sendo capaz de visualizar e imaginar vividamente o conteúdo enquanto o vê.

Os visualeitores tendem a ter uma mente altamente visual, eles podem facilmente criar imagens mentais dos personagens, cenários e eventos descritos no texto. Essa habilidade de imaginação visual é uma parte essencial de sua experiência de percepção visual, podendo eles se lembrarem de detalhes específicos da história, como a aparência de um personagem, o layout de um local ou objetos descritos em detalhes. Esse perfil cognitivo de um visualeitor pode variar de pessoa para pessoa, dependendo de suas experiências de vida, interesses e conhecimento prévio da literatura surda.

De acordo com Santaella (2012), a hipermídia é uma forma de mídia que vai além dos meios tradicionais de comunicação, como texto impresso ou mídia audiovisual linear. Em vez disso, a hipermídia envolve a interconexão de diferentes tipos de mídia, como texto, imagem, som e vídeo, de modo que os usuários possam navegar por essa rede de informações de forma não linear. Lúcia Santaella argumenta que a *web* é um exemplo clássico de hipermídia, na qual os usuários podem navegar por páginas que incluem vários tipos de conteúdo e clicar em links para acessar informações relacionadas.

É um fenômeno fundamental na cultura contemporânea, pois reflete a maneira como a população consome e produz informações na era digital. A internet e as tecnologias digitais desempenham um papel central na criação de ambientes hipermídia, em que os usuários podem seguir seus próprios caminhos de exploração e construir significado de maneira individualizada.

A área de hipermídia contribuiu significativamente para a compreensão das mudanças na comunicação e na cultura na era digital. Seu trabalho continua sendo uma referência importante para acadêmicos e profissionais interessados nas interseções entre mídia, tecnologia e sociedade. É por meio da interatividade, e da não linearidade, que a hipermídia se destaca, colocando em ação habilidades muito distintas daquelas que são empregadas pelo leitor de um

texto impresso, como o livro. A conexão com uma tela, através de movimentos e comandos de um mouse, vai unindo informações de natureza diversas, experimentando uma interação dialógica multilinear e labiríntica.

Ou seja, eles criam, renovam, interferem, transformam, reformulam, sumarizam ou alargam a sua compreensão das coisas em suas ideias, por meio da percepção visual. Assim, o processo de adaptação é mais dinâmico quando são explorados aspectos da produção em linguagem audiovisual, pois “a relação intertextual do texto literário com outras artes possibilita diversos processos de recriação do universo ficcional”. (Gomes, 2019, p.85). Neste tipo de adaptação, a intertextualidade ocorre quando um texto faz referência, explicita ou implicitamente, a outro texto, criando uma rede de conexões entre obras diferentes. Nesse contexto da produção de vídeos em Libras, é cada vez mais urgente uma educação digital, visto que o leitor digital explora diferentes linguagens na produção de vídeos e tal processo “demanda novas práticas de letramentos” (Gomes, 2019, p.81).

A literatura surda frequentemente incorpora elementos das linguagens digitais, ao explorar traduções tanto interlingual como intersemiótica. Nesse processo de produção de textos híbridos, pode-se destacar como as diferentes mídias dialogam e se conectam, tornando as histórias mais acessíveis e envolventes para a comunidade surda. Assim, a linguagem é trazida para o primeiro plano (Sutton-Spence; Quadros, 2006, p. 160).

Os poemas em Libras ou vídeo-poemas expressam e refletem a identidade surda da comunidade. Estudos da poesia em Libras mostram que essa é uma forma de arte com regras e padrões próprios e que está crescendo e mudando rapidamente. Muitos artistas surdos criam poemas visuais, nos quais as palavras são incorporadas em vídeos, juntamente com gestos, expressões faciais e movimentos corporais. Isso adiciona uma dimensão extra à experiência literária, permitindo que os visuoleitores compreendam não apenas o texto, mas também a interpretação emocional do autor.

A literatura surda frequentemente utiliza a hipermídia, vídeos que mostram histórias contadas em língua de sinais, com legendas em um idioma escrito. Isso torna as histórias acessíveis tanto para os usuários de língua de sinais, quanto para aqueles que não a entendem, mas podem ler o texto nas histórias em Língua de Sinais com legendas. As mídias sociais, como o Instagram e o TikTok, são usadas por escritores e artistas surdos para compartilhar trechos de suas obras, como a poesia visual em vídeos curtos, alcançando um público mais amplo. Além disso, alguns aplicativos e plataformas digitais foram criados para contar histórias no formato de hipermídia, permitindo que o visuo leitor escolha diferentes caminhos na narrativa, explorando conteúdo adicional, como vídeos ou imagens, ou personalizem a experiência de

leitura de acordo com suas preferências. Um outro ponto importante a ser discutido é referente à codificação e à decodificação de autoria de Stuart Hall.²⁹

O autor Stuart Hall, renomado teórico cultural, é conhecido por suas contribuições à compreensão da cultura, da identidade e da comunicação. Embora ele não seja amplamente conhecido por desenvolver uma teoria específica de "codificação e decodificação" para o "visuoleitor", é possível adaptar alguns de seus conceitos e ideias gerais para analisar como a comunicação visual é percebida e interpretada pelos surdos. O modelo proposto por Hall, de codificação e decodificação é uma maneira de entender como as mensagens são transmitidas e recebidas para o visuoleitor.

Hall (2003, p. 366), então, problematiza sobre “uma noção de poder e de estruturação no momento de codificação que, todavia, não [apaga] todos os outros possíveis sentidos”. As mensagens hegemônicas pretendem que o sujeito leia o conteúdo de uma determinada maneira; contudo, outras leituras podem e são feitas. Igualmente, “uma leitura preferencial nunca é completamente bem-sucedida: é apenas o exercício do poder na tentativa de hegemonizar a leitura da audiência” (Hall, 2003, p. 366).

O argumento é que a comunicação não é simplesmente a transferência de informações, mas sim um processo em que as mensagens são codificadas por produtores e decodificadas por receptores. Existem três posições principais nesse processo, mas iremos apresentar somente aquela que se aproxima do nosso visuoleitor: a decodificação negociada. Os receptores (ou visuoleitores, no contexto visual) podem decodificar a mensagem de acordo com sua própria perspectiva, mas ainda levam em consideração a intenção do produtor.

Decodificar, dentro da versão negociada, contém uma mistura de elementos de adaptação e de oposição: reconhece a legitimidade das definições hegemônicas para produzir as grandes significações (abstratas), ao passo que, em um nível mais restrito, situacional (localizado), faz suas próprias regras –funciona com as exceções à regra. Confere posição privilegiada às definições dominantes dos acontecimentos, enquanto se reserva o direito de fazer uma aplicação mais negociada às ‘condições locais’ e às suas próprias posições mais corporativas. Essa versão negociada da ideologia dominante está, portanto, atravessada por contradições, apesar de que isso só se torna visível em algumas ocasiões (Hall, 2003, p. 401)

Eles podem concordar ou discordar parcialmente da mensagem. A decodificação negociada é um conceito importante na teoria da comunicação, especialmente no campo da

²⁹ As considerações sobre codificar e decodificar de Hall são muito importantes para um texto literário em Libras. De acordo as minhas experiências, como tradutora e intérprete de Libras e como docente no estágio da disciplina de Literatura Surda, em várias situações, observei muita dificuldade do aluno surdo decodificar um material apresentado pela falta de repertório de sinais dos textos literários, dos léxicos relacionados, da interpretação de imagens polissêmicas, de experiências de vida diferenciadas, entre outros fatores que dificultam o entendimento do texto traduzido para Libras. Diante dessas dificuldades, defendo a performance do intérprete como uma estratégia para despertar a atenção do visuoleitor.

semiótica e da teoria da comunicação de massa. Ela se refere à maneira como os receptores de uma mensagem, ou seja, o público ou os destinatários, interpretam e compreendem essa mensagem de acordo com sua própria perspectiva, experiências e contexto, ao mesmo tempo em que levam em consideração a intenção do produtor da mensagem.

Imagine-se que um artista surdo crie uma poesia utilizando o *Visual Vernacular* de forma muito abstrata e a exiba em um vídeo nas redes sociais. O artista surdo tem uma intenção específica ao criar a obra, transmitir uma sensação de luta e movimento surdo. No entanto, o visualeitor, ao observar o vídeo, pode decodificar a mensagem de forma diferente, dependendo de suas próprias experiências e perspectivas.

- Um visualeitor pode interpretar o vídeo como uma representação do estresse³⁰ e da ansiedade, concordando parcialmente com a intenção do artista surdo;
- Um segundo visualeitor, por outro lado, pode ver o mesmo vídeo como uma expressão de liberdade e criatividade, discordando da intenção original do artista surdo;
- Um terceiro visualeitor pode simplesmente apreciar a estética do vídeo, sem atribuir qualquer significado profundo a ele;

Nesse exemplo, a decodificação negociada ocorre porque os receptores da mensagem (os visualeitores) interpretam o vídeo em *Visual Vernacular*, de acordo com a sua própria perspectiva, mas ainda estão cientes da intenção do produtor (o artista surdo). Eles podem concordar parcialmente, discordar ou até mesmo reinterpretar a mensagem de maneiras que o artista surdo não antecipou. Isso demonstra como a comunicação é um processo dinâmico e subjetivo, sujeito à influência da bagagem individual de cada receptor.

Segundo Hall (2003), transmitir a mensagem não é uma atividade tão transparente e simples, precisa-se de fato saber quais são os obstáculos que serão encontrados no percurso até chegar ao outro lado da ponta, que seria o receptor, pois esta cadeia comunicativa não opera de uma forma unilinear.

O conceito de codificação e decodificação de Hall pode ser aplicado ao contexto de comunicação visual, no qual a imagem ou o elemento visual são a principal forma de mensagem. São selecionados vários itens visuais, cores, composições e outros elementos literários em sua mensagem. Os visualeitores interpretam a mensagem visual de acordo com sua própria bagagem cultural, experiência e perspectiva pessoal, além de que podem perceber

³⁰ Essas suposições foram referenciadas, de acordo as nossas observações feitas em sala de aula na disciplina de Literatura Surda, na qual podemos observar os tipos de comportamentos sugestionados acima, causando um efeito sobre a compreensão do Visualeitor.

a mesma imagem de maneiras diferentes, o que seria a decodificação visual. Assim como no modelo original de Hall, a decodificação visual pode variar. Alguns visualetores podem decodificar de acordo com a intenção do produtor visual (decodificação dominante), enquanto outros podem reinterpretar a mensagem de forma diferente (decodificação negociada ou oposicional).

O homem vê as coisas do mundo e as remolda por sua faculdade simbolizadora, na medida em que as vê umas em relação às outras. Constrói relações simbólicas entre o que conhece, o que se guarda na arca da memória e o que alimenta com sua experiência (Loureiro, 2007 p.14).

Nesta citação de Loureiro, podemos compreender que o leitor está se moldando ou reformulando a compreensão do seu conhecimento. Em outras palavras, estamos constantemente ajustando nossa percepção e compreensão das coisas com base em novas informações ou experiências. Na citação de Loureiro, há a menção "as fronteiras entre a escrita e a imagem começam a se cruzar, surgindo estes dois movimentos da imagem a letra e a letra a imagem; 'O mesmo traço a mesma mão que vai da caligrafia à figuração'", ele está apontando para um processo dinâmico e interativo de compreensão e criação. A síntese nesse contexto refere-se à combinação e integração de diferentes formas de conhecimento e expressão.

Para Iser, a relação existente entre o leitor nos textos literários é deixada pelo autor com enunciados vazios, que exigem do leitor o seu preenchimento, o qual se realiza mediante a projeção do leitor. Assim, a interpretação do texto é fomentada tanto pelas pistas do texto como pela expectativa do leitor, que deve ser estimulado a ir descobrindo as pistas do texto (Iser, 1994, p.50-51).

Esses espaços vazios, para que o próprio leitor possa ter uma participação e preenchê-los através de seus conhecimentos textuais e empíricos, permitem que o leitor possa ter o estímulo à imaginação, podendo o mesmo se movimentar no texto, mas ao mesmo tempo o leitor implícito iseriano, na verdade, seria aquele que o leitor é capaz de resgatar o significado da obra de acordo com um horizonte de exigências e expectativas historicamente que ele esteja vinculado. Ao deixar partes da narrativa incompletas ou abertas à interpretação, o autor permite que o leitor preencha essas lacunas com sua própria compreensão e experiência pessoal. Isso cria uma conexão mais profunda entre o leitor e a história, tornando a experiência de leitura mais envolvente, sobretudo quando exploramos “o texto literário como um construtor cultural, com suas marcas sociais e pistas identitárias” (Gomes; Silveira, 2023, p. 93).

Acreditamos que a presença de lacunas no texto visual estimula a imaginação do leitor surdo, levando-o a criar suas próprias imagens mentais, conceitos e desfechos para a história.

Isso torna a leitura mais interativa e permite que cada pessoa tenha uma experiência única ao preencher esses espaços com sua própria criatividade, podendo criar um senso de movimento dentro do texto. À medida que o leitor surdo se move de uma parte para outra do texto visual, ele está conectando os pontos, as imagens, o contexto em Libras e reconstruindo a história. Isso pode tornar a narrativa mais dinâmica e envolvente. Embora o autor permita que o leitor participe ativamente da narrativa, ele ainda mantém um certo controle sobre as narrativas, fornecendo pistas e direcionando a interpretação de algumas maneiras. Isso cria um equilíbrio entre a liberdade do leitor e a intenção do autor.

Em resumo, a utilização de espaços em branco nas narrativas literárias é uma técnica eficaz para envolver os leitores, estimular sua imaginação e criar uma experiência de leitura mais interativa e significativa. Ela permite que os leitores se tornem coautores da história, preenchendo as lacunas com seus próprios conhecimentos e perspectivas. Enquanto Iser se concentra na experiência do leitor ouvinte e na criação de significado a partir de lacunas e ambiguidades textuais, Hall está mais interessado nas influências sociais, culturais e políticas que moldam a interpretação e a realidade de cada leitor. Essa perspectiva da decodificação do texto visual é muito importante para a formação do visualeitor literário.

Iser argumenta que a leitura é uma interação ativa entre o texto e o leitor, na qual o leitor preenche as lacunas deixadas pelo autor. Hall, por outro lado, destaca como as experiências e identidades podem influenciar a forma como o leitor interpreta um texto, especialmente no que diz respeito a questões de identidade cultural e política.

Hall enfatiza a importância da identidade cultural e social do leitor, sua influência no momento da leitura, pois ele traz suas próprias experiências e perspectivas para a interpretação. Iser, embora não ignore a influência do leitor, concentra-se mais nas estratégias textuais usadas pelo autor para envolver o leitor ouvinte.

Hall destaca a importância do contexto cultural e político na interpretação de textos, que será apontada especificamente para o visualeitor. Ele argumenta que a leitura é influenciada por fatores como raça, classe social e identidade cultural. Iser, embora reconheça a importância do contexto, concentra-se mais na análise das estruturas textuais. Ele argumenta que os textos frequentemente contêm lacunas e ambiguidades que exigem a participação ativa do leitor na construção do significado. Hall, embora reconheça a importância da interpretação ativa, também destaca como as interpretações podem ser influenciadas por estruturas de poder e ideologia.

Portanto, pode-se concluir que ambos os teóricos abordam a leitura e a interpretação de textos, mas o fazem de maneiras diferentes, com ênfase em aspectos distintos, como identidade,

contexto cultural e estruturas textuais. Em relação ao nosso visualeitor, dialogando com a proposta de Hall, sabemos que o visualeitor precisa compreender a cultura surda, a língua de sinais e ter um bom repertório para entender um texto visual. No entanto, para haver uma melhor recepção do texto literário, a performance do intérprete é um caminho para termos experiências exitosas de visualeitores. Essa performance artística passa pela estética da Libras e pode ser melhor explorada por intérpretes tradutores, quando planejada antecipadamente. Portanto, é importante haver uma seleção de sinais e recursos que serão usados na tradução.



4 LITERATURA SURDA E SUAS ADAPTAÇÕES

Neste capítulo, vamos ampliar nossa visão para examinar como a literatura surda tem se adaptado e evoluído, oferecendo uma janela para a riqueza da expressão literária na comunidade surda. Considerando as produções culturais, descortinam-se o compartilhamento das identidades, as narrativas de si, rastros de histórias e as construções de subjetividades que ficaram na memória em seus registros das histórias de um povo surdo. Em sua maioria, foram feitos por ouvintes, narrados por aqueles que não vivem a surdez.

Certamente esse fato traz implicações na constituição das narrativas surdas, porque a literatura surda tem uma tradição diferenciada se comparada à literatura oral e escrita. Ela se manifesta em suas histórias contadas em sinais, o que nesse caso será em Libras.

Segundo Cláudio Mourão (2016), a literatura brasileira do séc. XVI “foi iniciada com a carta de Pero Vaz de Caminha, sobre o Descobrimento do Brasil, explicando detalhes do que havia acontecido na terra brasileira” (Mourão, 2016).

Uma das características da literatura brasileira é o registro escrito. Muitas são as obras literárias de valor imensurável para o povo brasileiro, com registros históricos que nos proporcionam conhecer a nossa própria história. Já a literatura surda se estabelece a partir das histórias que têm a presença da Língua de Sinais, aquelas histórias contadas em grupos de forma manual, trazendo a identidade e a cultura surda em narrativas.

O fato de como a literatura surda se desenvolve no Brasil, em similaridade aos avanços políticos e linguísticos da comunidade surda, tem sido tema de ascensão, à medida que a mesma tem conquistado espaços mais visíveis; como exemplo, nas universidades em suas graduações, como no curso de licenciatura Letras Libras, nos Mestrados e Doutorados, além da visibilidade nos concursos federais em território brasileiro.

Lodenir Karnopp³¹ é uma renomada pesquisadora brasileira que se dedica ao estudo da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e à literatura surda. Ela é conhecida por seu trabalho acadêmico e suas contribuições para a promoção da cultura surda e da literatura surda no Brasil. A adaptação de literatura surda refere-se à prática de transformar textos escritos em obras acessíveis às pessoas surdas. Isso geralmente envolve a tradução de textos escritos para a Libras

31 Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Departamento de Estudos Especializados e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Possui graduação em Letras, Mestrado e Doutorado em Linguística e Letras (PUCRS, 1999). Desenvolve pesquisas no campo dos Estudos Culturais em Educação, com ênfase em Educação de Surdos.

ou a criação de obras literárias diretamente na forma de língua de sinais. Lodenir Karnopp tem desempenhado um papel fundamental na promoção da literatura surda e na adaptação de textos literários para a Libras.

A adaptação de literatura surda é importante porque permite que pessoas surdas tenham acesso a uma variedade de obras literárias e culturais em sua língua e no formato preferido. Isso incentiva a promover a inclusão e a valorização da cultura surda. Apesar de termos o conhecimento de que o histórico percorrido pela pessoa surda no contexto escolar não tem sido uma tarefa fácil, nestes espaços, infelizmente, não havia legitimidade para produções literárias em sinais. No entanto, acredita-se que entre os surdos já circulavam histórias sinalizadas, piadas, poemas, relatos e experiências de vida. É provável que os surdos já estivessem envolvidos de várias outras maneiras com suas produções culturais sem se darem conta de que estavam fazendo isso, seja em circos ou em pequenas apresentações teatrais.

É necessário compreender que as adaptações dos clássicos existentes e todos os seus percursos históricos foram legitimando para que a literatura em Libras pudesse apontar com um referencial e, ao mesmo tempo, poder dar seguimentos paralelos às adaptações, contribuindo de forma diacrônica com um público de pessoas surdas com referenciais mais amadurecidos e com a literatura surda com maior propriedade de conhecimento, a língua de sinais. (Karnopp, 2006).

A comunidade surda, em grande maioria, sempre é incentivada a contar alguns casos interessantes, fazendo piadas entre si ou trazendo contextos históricos com nuances de ironia e humor. Esse tipo de diálogo sempre fez parte do cotidiano dos surdos, incluindo os elementos da cultura surda, com personagens surdos. Mas, infelizmente, muitos destes registros se perderam ou não eram cientificamente reconhecidos como estudos na literatura surda.

Portanto, quanto aos aspectos históricos, percebe-se que a literatura surda foi surgindo paralelamente à cultura surda, uma vez que, nos encontros de surdos, as histórias, contos, piadas, anedotas e fábulas se faziam presentes. Acontecia de forma natural, apesar de encontros de surdos serem intencionais. Aqui no Brasil, os estudos sobre literatura surda são recentes e têm desempenhado um papel vital na promoção da cultura e da identidade surda, fornecendo uma voz às experiências únicas dos surdos brasileiros, e contribuindo para a diversidade literária do país. Ela também desafia estereótipos e preconceitos, promovendo a inclusão e a conscientização sobre a comunidade surda.

De acordo com Mourão:

A noção de literatura surda começou a circular em alguns países da Europa e nos Estados Unidos, principalmente onde existiam escolas de surdos. Em 1864 foi

fundada a Universidade Gallaudet (Gallaudet University), em Washington D.C., onde, com o passar do tempo, os sujeitos surdos, acadêmicos e pesquisadores construíram significados em torno da literatura surda, espalhando para seus próximos, na comunidade surda, como nos encontros de surdos, escolas de surdos, associação de surdos etc. Alguns alunos surdos estrangeiros formados na Universidade Gallaudet voltaram para sua terra natal espalhando a notícia para a comunidade surda local. Os acadêmicos e pesquisadores começaram a divulgar materiais empíricos, fazendo distribuição de livros, vídeos, etc. de fontes da literatura surda (Mourão, 2011, p. 72).

A disseminação de materiais didáticos relacionados à literatura surda pode ocorrer de várias maneiras, incluindo publicações acadêmicas, eventos de divulgação, canais de mídia social e plataformas on-line. É importante que esses recursos estejam acessíveis a todos, incluindo pessoas surdas e com deficiência auditiva, para garantir uma verdadeira inclusão. A literatura, de modo formal, sucede-se na maioria das vezes no espaço escolar. É desta forma que, em parte, as crianças teriam o contato com contos, fábulas e histórias, que, em geral, são contados pelos professores.

Se esses professores não tiverem um olhar atento para as crianças surdas, esses momentos lúdicos podem distanciá-las da literatura. A falta de acesso a esses materiais interfere significativamente no processo de aquisição da escrita, podendo implicar também na criação do jogo simbólico, na imaginação e na criatividade, causando assim uma cascata de prejuízos que podem acarretar na defasagem e insucesso escolar. “A literatura dos livros é fundamental para as crianças surdas, para que elas possam desenvolver a língua portuguesa, necessitam de ter contato com a língua materna, praticá-la, e a literatura é uma fonte rica para desenvolver as competências linguísticas da criança” (Karnopp; Klein; Lazzarin, 2011, p. 152).

Existe uma diferença entre uma clássica história que se mantém em sua estrutura original e aquela que apenas é traduzida para a Língua de Sinais, muitos são esses tipos de histórias encontradas na internet. O Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES³² e a Editora Arara Azul³³ produzem inúmeros materiais de excelente qualidade.

Esses materiais são utilizados de forma didática, seja para um público de surdos ou para ouvintes. Tanto o INES como a Editora Arara Azul são referências em materiais preparados para a educação dos surdos. A qualidade do conteúdo publicado pelas instituições, incluindo a seleção de autores, a edição e a produção dos materiais, é um fator crucial. As inovações que apresentam em novos formatos, as tecnologias ou as abordagens para a publicação têm apresentado um impacto significativo, de acordo com as pesquisas. A contribuição e o desempenho é um papel importante na promoção da literatura, cultura e história da comunidade surda em sua literatura.

Figura 16 - O clássico Branca de Neve em Língua de Sinais

³² Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br>. Acesso em jan. de 2024.

³³ Disponível em: <https://www.editora-arara-azul.com.br/site/>. Acesso em jan. de 2024.

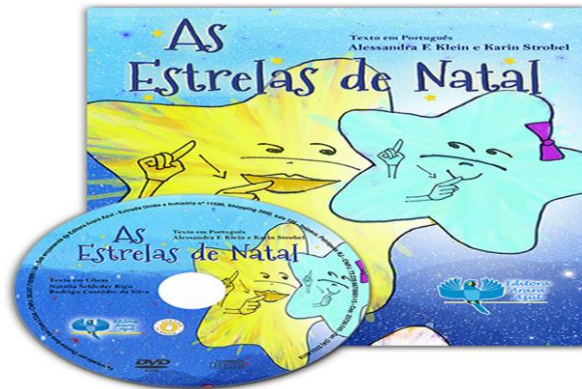


Fonte: Carvalho (2015)

Esse material, postado na data de 1 de maio ano de 2015 no Youtube, no canal de Vanessa Carvalho, já teve mais de 6.260 visualizações. O vídeo inicia com uma proposta de atividade lúdica para crianças com o tema da Branca de Neve, e apresenta o sinal em libras da Branca de Neve, iniciando a história que é contada somente em Libras com acompanhamento de algumas imagens de forma simultânea à sinalização, principalmente imagens relacionando os personagens.

O vídeo tem a duração de 14 minutos e 21 segundos, e, ao término da história, Branca de Neve acrescenta a apresentação dos sete anões, com os seus respectivos sinais. Percebe-se que o vídeo da tradução em libras é bem sinalizado, de forma bem pausada e com muita clareza na utilização dos seus referenciais e marcações. O ponto positivo seria pelo menos para os personagens principais, os sinais e as características de cada um. Já o ponto negativo seria que estes sinais deveriam ser para todos da história; acredita-se que pelo ano de 2015 os sinais ainda não estivessem totalmente concretizados. Todavia, percebe-se que existe uma gama de muitos materiais em libras do conto da Branca de Neve e os Sete Anões, disponibilizados nas redes sociais

Figura 17 - Material bilíngue da Editora Arara Azul



Fonte: Arara Azul (2023)

Esse material é vendido pela Editora Arara Azul, em seu site, pelo valor de R\$ 50,00. O material contém o livro com um CD, sendo as autoras responsáveis Karin Strobel e Alessandra F. Klein. O material bilíngue seria o acesso da história em Libras e português escrito.

O canal no Youtube chamado “Cada Encontro Eu Conto um Conto” postou um vídeo em 23 de dezembro do ano de 2022, devido ao período de natal. Este vídeo consiste em uma adaptação audiovisual do conto sobre a história em que os reis magos encontram o local do nascimento de Jesus, estrelas ouvintes e surdas tem que se juntar e, unidas, terão que manter a estrela de Belém brilhando com vigor para guiar os sábios do oriente até o acontecimento do primeiro natal.

O vídeo inicia com uma apresentação em português oralizado, uma vez ou outra que acontece uma sinalização ao fundo com as imagens. De acordo com a narrativa da história, logo nos três minutos em diante acontece o bimodalismo, que consiste na oralização, misturando a sinalização ao mesmo tempo. Neste tipo de método, sempre existem perdas em uma das línguas, geralmente quem é ouvinte irar dar mais ênfase ao português do que à Libras, ou poderá ser um português sinalizado, não acompanhando a gramática da Libras.

A história das pessoas surdas é uma narrativa fascinante e multifacetada, que abrange milênios de evolução. As primeiras obras que abordam essa história são cruciais para entender como as atitudes e a percepção da surdez mudaram ao longo do tempo. As atitudes e abordagens em relação à surdez evoluíram muito, desde os primeiros esforços para a educação de surdos até debates sobre comunicação e identidade surda que continuam até os dias atuais.

4.1 As adaptações por meio de linguagens visuais

Ao estudarmos a questão das adaptações dos clássicos para a literatura surda, nos deparamos com a perspectiva do intérprete como um tradutor de línguas, pois o que está em jogo é um processo de codificação-decodificação, que envolve a performance do tradutor/adaptador. Em nossa pesquisa, consideramos a tradução do português para Libras uma adaptação performática, visto que estamos pensando em um visualeitor, leitor de Libras. Nesse tipo de comunicação, quanto mais performática for a interpretação, mais próximo ao destinatário ela poderá chegar.

Essa perspectiva da tradução/interpretação de uma língua para outra demanda diversas habilidades que vão além do conhecimento de Libras. De acordo com Linda Hutcheon, a adaptação estaria direcionada a vários tipos de situações, como a poesia, as peças de teatro, a dança e a música. Constantemente, são adaptados de uma mídia para a outra e depois readaptados novamente (Hutcheon, 2013, p. 11). O termo adaptação, defendido por Hutcheon, retoma a importância dos diálogos textuais, isto é intertextualidade, ou seja, a relação entre diferentes textos e formas artísticas.

No caso da adaptação de um texto ouvinte para cultura surda, temos as mesmas relações intertextuais, pois exploramos diferentes elementos/textos das duas culturas no processo de tradução. Compreendemos que, segundo Hutcheon, uma adaptação artística é uma recriação que pode ter diferentes tons do texto original, que vão dos “amavelmente arrancados” de obras anteriores aos que apontam relações mais nítidas, indicando que em criações artísticas, “a adaptação é a norma, não a exceção” (Hutcheon, 2013, p.235).

Acreditamos que, em traduções de texto literários, o processo de adaptação de uma língua ouvinte para uma língua de sinais demanda um conhecimento prévio do intérprete e tomada de decisões que são muito importantes para o visualeitor. Um dos pontos que defendemos é que para haver uma adaptação de uma obra em Português para Libras, o intérprete precisa pontuar o processo de contextualização, que será mais explicado adiante. Hutcheon chama a atenção para o fato de que o contexto de recontagem de uma história pode mudar seus sentidos, visto que “O contexto pode modificar o sentido, não importa onde ou quando” (Hutcheon, 2013, p. 147).

Essa perspectiva mais ampla sobre a adaptação reforça sua importância não apenas como um fenômeno limitado à transposição entre diferentes mídias, mas como uma necessidade das traduções/adaptações de um texto em Português para Libras. O processo de adaptação nesses casos envolve uma considerável dose de criatividade do intérprete de um texto literário,

pois, assim como um adaptador, também precisa tomar decisões artísticas, quando pensamos na performance em Libras, e estilística, ao pensarmos nas possibilidades dos sinais usados para traduzir efetivamente as particularidades de uma obra literária para Libras, mantendo-se sensíveis às peculiaridades da obra traduzida e da cultura surda. (Hutcheon, 2013). Nessa perspectiva, defendemos uma performance do intérprete que explore as marcas da adaptação ao traduzir um texto literário para Libras, visto que esse processo passa pela exploração de uma estética da adaptação, que é estimulada ao decodificarmos um texto já conhecido, envolvendo “o prazer intelectual e estético” (Hutcheon, 2013, p.161).

3.2 As adaptações para cultura surda

As adaptações para a cultura surda têm uma tradição, conforme material já apresentado. As adaptações têm peculiaridades que serão comentadas a partir desse tópico. De acordo com a *Teoria de Adaptação* de Linda Hutcheon (2013), a autora amplia a noção de adaptação além das simples transposições de uma mídia para outra. Ela argumenta que a adaptação é um processo de reescrita criativa, no qual uma obra original é reinterpretada e recontextualizada em uma nova forma. Isso pode envolver mudanças significativas na narrativa, personagens, estilo e temas.

A importância da intertextualidade significa que as adaptações são inseparáveis de suas fontes originais, e estão em constante diálogo com elas. As adaptações não são simples cópias, mas sim novas interpretações que constroem uma relação complexa com o material de origem (Nitrini, 2000 p. 12). A intertextualidade refere-se à prática de um autor em incorporar elementos, temas, imagens, estilos ou referências de outras obras literárias em sua própria criação. Na literatura surda, isso pode ocorrer de diversas maneiras.

Essas referências a obras literárias existentes, como quando autores surdos fazem referências a obras literárias tradicionais ou contemporâneas escritas por autores surdos ou ouvintes, podem reinterpretar ou adaptar histórias, personagens ou temas dessas obras em seu próprio contexto surdo, no uso de elementos visuais e gestuais. A literatura surda frequentemente reflete os movimentos culturais e políticos da comunidade surda. Autores surdos podem incorporar ideias e conceitos de movimentos, como o movimento surdo ou o movimento cultural surdo em suas obras, criando assim uma intertextualidade cultural. Um exemplo clássico de intertextualidade cultural é a obra "Romeu e Julieta" de William Shakespeare, que foi adaptada e reinterpretada em várias culturas e épocas, dando origem a uma variedade de versões e adaptações em diferentes formas artísticas.

Já a intertextualidade na literatura surda, assim como em outras formas de literatura, envolve a referência, influência ou diálogo com outras obras literárias, culturais ou linguísticas. Uma obra de intertextualidade na literatura surda pode ser um poema, conto ou texto que faz referência a obras ou conceitos dentro da comunidade surda, incorporando elementos específicos da língua de sinais, cultura e história surda.

A língua de sinais é rica em recursos expressivos e criativos, o que permite que autores surdos joguem com palavras, símbolos e metáforas de maneira única. Isso pode criar intertextualidade dentro da própria língua de sinais, ou entre a língua de sinais e outras formas de expressão artística. Quando obras literárias escritas em língua de sinais são traduzidas ou adaptadas para outras línguas, podem ocorrer formas de intertextualidade, especialmente se o tradutor ou adaptador for sensível às nuances culturais e linguísticas da comunidade surda.

Pode-se entender que essas diferenças se baseiam, principalmente, na questão do suporte adaptado a ser utilizado em vídeos ou páginas. Tais suportes permitem o registro simultâneo da língua em diferentes modalidades de uso. O vídeo registra a língua em sua forma de produção textual discursiva de forma oral, ou visual-espacial.

A tecnologia tem sido uma ferramenta de extrema importância, que auxiliou muito na produção cultural dos surdos. A internet tem sido como uma vitrine de loja para todas as pessoas e, para os surdos, essa tecnologia proporciona muitas oportunidades. Eles estão sempre pesquisando e utilizando as ferramentas tecnológicas disponíveis. “Os surdos têm ocupado a internet desde o seu aparecimento, no início dos anos 90. Desde pequenos fóruns, salas de bate-papo, documentações históricas da vida passada das comunidades surdas até hoje em dia, quando quase a totalidade dos programas disponíveis é utilizada pelos surdos” (Karnopp; Klein; Lazzarin, 2011, p. 114). A intertextualidade em Libras na história de Pinóquio pode ser encontrada em várias formas, assim como acontece com textos escritos em línguas faladas. A intertextualidade refere-se à prática de incorporar elementos de outras obras literárias, culturais ou linguísticas em uma narrativa. No caso de Pinóquio em Libras, essa intertextualidade pode ocorrer de várias maneiras.

Figura 18 – Adaptação do Pinóquio para a Libras



Fonte: Madeiro (2014)

Em Libras, pode-se usar sinais específicos para representar personagens, lugares ou conceitos associados à história de Pinóquio. Por exemplo, pode-se usar sinais específicos para representar Pinóquio, Gepeto, a Fada Azul ou a Ilha dos Prazeres. A história de Pinóquio é rica em elementos culturais e literários, isso inclui elementos como o nariz, que cresce quando Pinóquio mente, a busca pela transformação de um boneco de madeira em um menino de verdade e os perigos que ele enfrenta no caminho.

Os sinais que representam conceitos universais, como no exemplo da história de Pinóquio, abordam temas como: honestidade, amizade, autodescoberta e redenção. Em Libras, os sinalizantes podem usar sinais que representam esses conceitos universais, tornando a história de Pinóquio relevante para as pessoas surdas. Em relação às variações regionais em Libras, assim como nas línguas faladas, a história de Pinóquio contada em Libras pode variar de acordo com a região geográfica, incorporando elementos linguísticos e culturais específicos dessa região.

Em todos esses anos, o artista Nelson Pimenta³⁴ tem sido um entusiasta incentivador da ação artístico-cultural e das criações científicas. Foi um de seus precursores, atuando em inúmeros vídeos e materiais pela empresa de educação LSB Vídeo, com a missão de contribuir para o fortalecimento da identidade e da cultura surda, através da difusão da língua de sinais brasileira. A partir da experiência de Nelson Pimenta, começamos a falar sobre Literatura Surda e a promover trabalhos de tradução literária em Libras. O vídeo com a história de Pinóquio se inicia com Ana Regina Campello,³⁵ já com a moral da história, em que todos nós erramos, mas que podemos nos arrepender e aprender com esses erros.

³⁴ Primeiro ator surdo a se profissionalizar no Brasil, estudou na New York National Theatre of the Deaf (NTD).

³⁵ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996), graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Santa Úrsula (1981) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008). Atualmente é coordenadora do gt libras - (ABRALIN) Associação Brasileira de Linguística, vice-diretora de articulação política da Federação Brasileira de Profissionais Intérprete

A história de Pinóquio é contada em Libras com uma legenda em português de cor amarela, existindo a performance e a utilização das marcações não manuais, com ênfase pelo artista Nelson Pimenta. A história é contada em quase quinze minutos, sendo muitas vezes cansativa. Como não existe uma interação com imagens, e sim um fundo azul em contraste com a cor de pele clara do mesmo e a sua camisa verde, muitas vezes se cria um desconforto visual. A história em si é bem resumida, apresentando os principais fatos da história. No final dos créditos, a edição responsável é a Editora Arara Azul, em parceria técnica com a LBS Vídeo, empresa que pertenceria ao próprio Nelson Pimenta.

A Literatura Surda é um artefato muito valorizado pela comunidade surda seria um verdadeiro arquivo vivo, inesgotável de criações, traduções e adaptações, 1. Adaptação a modalidade faz-se uma adaptação de clássicos literários da língua oral, voltados para as vivências dos surdos, para a sua realidade exemplo cinderela surda. 2. Interpretação, essa modalidade quando se faz uma tradução de uma língua oral para a língua de sinais. 3. Criações que a cada tempo têm sido mais exploradas, que são voltadas as vivências, experiências do povo surdo. (Silveira; Karnopp; Rosa, 2005, p. 06).

Na Universidade Federal de Sergipe, há diversas adaptações feitas na disciplina literatura surda, que são ministradas pelo prof. Carlos Magno Gomes, o qual elabora os roteiros das adaptações junto com alunos ouvintes e surdos. Essas adaptações envolvem aspectos das multimodalidades e da adaptação para Libras e para a cultura surda. No meio de algumas, foi escolhida a adaptação de “Pinóquio Surdo”, feita por Antonio Rubio, em 2022.

Figura 19 - Adaptação do clássico Pinóquio no Letras Libras – UFS

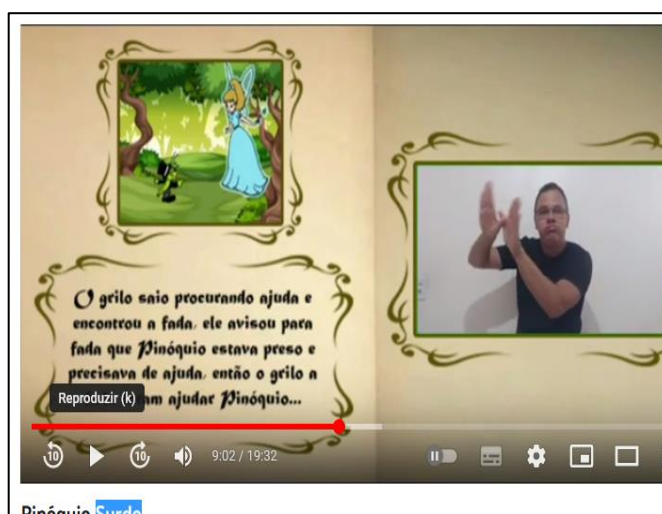


Fonte: Rubio (2022)

Este material do Pinóquio Surdo está disponibilizado no Youtube, e foi adaptado por um discente surdo da graduação do curso Letras Libras, do departamento de Letras Libras. Todos os ensinamentos dentro da disciplina possibilitaram que o discente tivesse a compreensão para desenvolver essas adaptações e utilizá-las como material em seus estágios no ensino da Libras, como L1 para os surdos, e L2³⁶ para os ouvintes.

O discente Antonio Rubio, que tem duas irmãs surdas, ressalta em seu material sua vivência e suas experiências na cultura surda através de transcrições. Ele explora essas peculiaridades ao dar destaque para a identidade surda de Pinóquio, possibilitando um melhor entendimento do enredo para a pessoa surda. Enquanto discente da graduação, ele atua em suas práticas, juntamente com suas vivências como pessoa surda e instrutor de Libras, organizando materiais didáticos para utilizar com os seus futuros alunos, após a sua formação. A sua jornada acadêmica contribuirá para elaboração de futuros materiais, aplicando o lúdico e o estético da Libras, enquanto docente.

Figura 110 - Os efeitos estéticos



Fonte: Rubio (2022)

Esse material foi organizado com a adaptação dos elementos surdos, tendo o senhor Gepeto como um famoso marceneiro surdo, o próprio Pinóquio como criação de Gepeto e que, através da fada madrinha, recebe a vida e se constitui como um personagem surdo também. A história demonstra um ponto importante, referente à comunicação que começa a existir entre ambos através da Libras.

³⁶ L1 é a língua de sinais e L2 é o português escrito para o surdo.

Existe a presença do personagem Grilo, que é um tradutor e intérprete de Libras, e ambos são instruídos a irem para uma escola bilíngue para que o Pinóquio Surdo possa estudar. A história também demonstra momentos de bullying nos quais Pinóquio sofre por parte de alguns ouvintes, chamando-o de mudo ou mudinho. No final da história, percebe-se que a fada madrinha tem o conhecimento da Libras e tudo termina com o final feliz.

No vídeo, são apresentados os sinais de cada personagem no momento de contar a história, existindo os classificadores, os sinais em Libras, as imagens coloridas, o texto em português, mas tudo sendo utilizado de forma simultânea ou híbrida como se percebe nos artefatos do vídeo. Logo, para o vídeo ter um objetivo mais pedagógico para com o público mais infantil de crianças surdas ou ouvintes, seria necessária uma preparação de glossário com os sinais e apresentações de personagens antes de iniciar a história para que o trabalho de apropriação da semântica das imagens, sinais, significados e do próprio letramento literário fossem melhor constituídos.

Existem inúmeros materiais disponibilizados na internet, principalmente na plataforma do Youtube, sendo necessário que, ao se utilizar destes, tenha-se uma competência linguística e ética para o uso do material didaticamente adequado.

Na sociedade contemporânea, a escola se responsabiliza por incentivar as crianças com experiências, gosto pelas leituras e acesso a vários livros de literatura. Por isso, as escolas se tornaram uma espécie de indicação de títulos dos livros e discursos pedagógicos e sociais, ampliados sobre a diversidade e sobre a diferença, produzidos em políticas educacionais. É preciso falar, debater sobre a diversidade, com temas que compõem as diferenças étnicas, etárias, de classe social ou deficiências. Esta é a razão pela qual a escola é como um campo que difunde a informação em geral.

Morgado (2011) afirma que a literatura serve não apenas para desenvolver a leitura e a escrita, mas serve para desenvolver competências sociais, raciocínio crítico e a percepção de mundo. Além disso, “a literatura constitui um processo ativo, cognitivo e afetivo de construção de significados a partir de um texto que envolva raciocínios complexos” (Morgado, 2011, p. 155).

4.3 Uma homenagem a primeira cinderela dos contos de fadas

Será retratada aqui uma breve homenagem à primeira Cinderela dos contos de fadas, encontrada em pesquisas sobre a Cinderela chinesa. De acordo com o autor Bettelheim (2011), a história da Cinderela já era conhecida do público desde, possivelmente, o ano de 860 d.C., e

remonta à antiga China. Era um conto que passava de geração em geração, contada oralmente, até que Tuan Ch'eng-shih decidiu escrevê-lo no seu livro Yuyang Tsatsu, sendo uma literatura antiga e possuindo histórias ricas e diversificadas que abrangem milhares de anos.

É importante notar que a literatura chinesa antiga é vasta e diversificada, abrangendo muitos estilos e gêneros. A poesia tem uma longa e venerada história na China, com dinastias como Tang e Song sendo particularmente famosas por suas obras poéticas ao longo de sua história. Ela desempenhou um papel central na cultura chinesa e influenciou a literatura de muitas outras culturas ao redor do mundo. A Cinderela chinesa traz uma informação relevante sobre o tamanho do pé, sendo um sinal de virtude, distinção e de beleza extraordinária, assim como o material do sapatinho que era feito de material precioso (Bettelheim, 2011). Na cultura chinesa, o termo "pé pequeno" geralmente se refere à prática histórica conhecida como "lótus dourado" ou "lótus de ouro", que envolvia o ato de amarrar os pés das mulheres de forma a torná-los extremamente pequenos.

Esse costume era conhecido como "pés de lótus" e foi uma prática cultural significativa na China durante muitos séculos, especialmente nas dinastias Song, Yuan, Ming e Quing, até ser proibido no início do século XX. De acordo com o autor, os pés de lótus eram considerados um símbolo de beleza e status social para as mulheres chinesas, pois indicavam que a mulher pertencia a uma família abastada e não precisava trabalhar no campo.

Figura 12 - Cinderela Chinesa e seu sapatinho



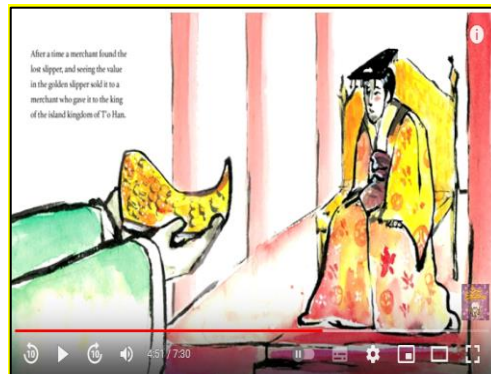
Fonte: Estevantores (2019)

Como as Cinderelas ocidentais, Yeh-hsien é uma criatura humilde, que faz os serviços domésticos e sofre tratamento humilhante nas mãos da madrasta e da filha desta. Sua salvação aparece na forma de um peixe de três metros de comprimento que acumula de ouro, pérolas, vestidos e comida. As Cinderelas que seguem nas pegadas de Yeh-hsien encontram sua salvação na forma de doadores mágicos (Tatar, 2004, p.44).

Independentemente das diferenças nas versões da história, ou das formas como ela é comunicada, o aspecto fundamental que permanece constante é a bondade de Cinderela, como

traço de seu caráter. Ela é retratada como alguém gentil, compassiva e virtuosa, independentemente das variações culturais ou adaptações da história. Essa bondade é frequentemente recompensada na história quando ela é ajudada por uma fada madrinha e recebe a oportunidade de ir ao baile real, onde ela conhece o príncipe encantado.

Figura 22 - O Sapatinho perdido



Fonte: Estevantores (2019)

Os contos de fada chineses são uma rica parte da tradição cultural chinesa, assim como os contos de fadas em outras culturas também desempenham um papel importante. Esses contos muitas vezes refletem os valores, crenças e histórias populares da China ao longo de sua longa história. Uma das interpretações mais conhecidas de Bettelheim sobre a "Cinderela" é a ideia de que o conto representa a jornada de uma jovem em busca de independência e autoafirmação. Cinderela, uma jovem oprimida e negligenciada, simboliza a criança que precisa superar desafios e encontrar a sua identidade. A fada madrinha e a transformação mágica do conto representam a capacidade das crianças de imaginar soluções para seus problemas e encontrar força dentro de si mesmas. A interpretação do autor Bettelheim sobre "Cinderela" enfatiza a importância dos contos de fadas como ferramentas para ajudar as crianças a lidar com seus próprios conflitos emocionais e para desenvolver habilidades de enfrentamento. Além disso, é importante notar que as interpretações de contos de fadas podem variar amplamente, e que outras perspectivas e análises poderão ser válidas de acordo a história de cada pessoa. A visão destes contos que surgem é apenas uma das muitas maneiras de interpretar a história de "Cinderela".

Em resumo, a moral da história da Cinderela chinesa destaca valores como bondade, perseverança, recompensa divina e justiça, mostrando que essas virtudes são recompensadas no final, mesmo em face de adversidades. A história também enfatiza a importância de permanecer verdadeiro a sua identidade e caráter, independentemente das circunstâncias. Estas são

características importantes para que as crianças ouvintes e surdas tenham conhecimento e entendimento para a construção das suas subjetividades. Ao longo dos anos, a história da Cinderela foi tomando formas e contextos diferenciados, inclusive na própria literatura surda, conforme iremos conhecer no tópico a seguir.

4.4 Cinderelas encontradas no youtube com tradução em Libras

Linda Hutcheon é uma autora renomada na área de estudos literários e culturais, conhecida por seu trabalho sobre adaptações na literatura e em outras formas de mídia. A autora nos diz: “Com as línguas, nós nos movemos”. Por exemplo, da Libras para o português, a adaptação, inevitavelmente, altera não apenas o sentido literal, mas também certas nuances, associações e o próprio significado cultural do material traduzido. (Hutcheon, 2013, p. 9).

A adaptação é inevitável no processo de tradução, isso significa que, ao traduzir um texto, não é possível manter uma correspondência perfeita entre as palavras e frases do texto original ou entre suas equivalências na língua de destino. A tradução ou adaptação requer escolhas e ajustes para tornar o texto compreensível e significativo na língua do público-alvo, e não apenas preservam o sentido literal das palavras, mas também as modificam de alguma forma. Isso ocorre porque palavras, em diferentes línguas, podem ter nuances e diferentes conotações, o que torna difícil manter uma correspondência literal completa, e da mesma forma para as línguas de sinais. As histórias carregam significados culturais, históricos ou emocionais específicos que podem ser difíceis de transmitir completamente na língua de destino.

Foram escolhidos para a apresentação alguns materiais postados no *Youtube*, vídeos disponibilizados que podem ser acessados a qualquer momento, pois estão disponibilizados no canal INES DDHCT. A primeira história da Cinderela apresentada é um material que utiliza a tradução em Libras. O tipo de tradução é intersemiótica, que é um conceito que se refere à transferência de significados de uma linguagem, ou sistema de signos, para outra. Ela envolve a transformação de informações de um meio ou sistema semiótico para outro, sem a tradução literal de palavras ou frases, mas sim com a interpretação e reconstrução dos significados subjacentes. (Oustinoff, 2011, p.114).

De acordo o autor, isso se refere ao processo de mudar informações de um formato ou sistema para outro. Isso pode ocorrer em várias situações, como tradução de idiomas, adaptação de conteúdo multimídia ou mesmo interpretação de símbolos. Este processo pode ocorrer entre diferentes formas de expressão, como da linguagem verbal para a visual, da música para a dança ou da imagem para o texto. A tradução intersemiótica busca capturar e recriar os significados,

sentimentos e intenções de uma obra original em um novo meio ou sistema semiótico, muitas vezes explorando a criatividade e a interpretação do tradutor ou artista. Isso implica que a transformação das informações requer uma compreensão mais profunda do significado original. Não se trata apenas de substituir palavras ou sinais, mas sim de entender a mensagem e expressá-la de maneira apropriada no novo meio ou sistema semiótico.

O material organizado pelo INES – Instituição Nacional de Educação de Surdos - é uma coleção que inclui ampla variedade de materiais, como livros didáticos, guias pedagógicos, manuais, vídeos e outros recursos que são utilizados por educadores de surdos, estudantes, e profissionais da área de educação inclusiva. Esses materiais podem abranger diversos aspectos da educação de surdos, incluindo estratégias de ensino, língua de sinais, acessibilidade e tecnologias assistivas. O vídeo abaixo, intitulado Cinderela, está caracterizado com o narrador vestido de bobo da corte, existindo um fundo musical instrumental que acompanha a narração da história com estilo de período medieval, uma voz masculina oralizando na língua portuguesa a história simultaneamente com a Libras e com um acréscimo de legenda em português, escrita na cor amarela.

No decorrer da história, aparece uma jovem vestida com roupas típicas da idade média, sendo que, no momento da caracterização de Fernanda Machado no personagem da Cinderela, a voz masculina é trocada por uma voz feminina, fazendo a tradução da Libras para o português. O vídeo percorre um tempo de 19 minutos e 45 segundos. Na narrativa da história em Libras, o espaço físico também é importante, os contadores de histórias podem usar o ambiente ao seu redor para criar uma representação visual da história. É importante notar que a contação de histórias em Libras não é apenas uma tradução de uma história escrita em português, mas sim uma expressão artística e cultural única, que faz uso desses elementos linguísticos específicos para cativar e envolver o público surdo. Como em qualquer língua, a habilidade de contar histórias em Libras requer prática, fluência e sensibilidade para a cultura surda.

Figura 23 - Cinderela em Libras / INES



Fonte: INES DDHCT (2017)

Figura 24 - Cinderela em Libras / INES



Fonte: INES DDHCT (2017)

Figura 25 - Cinderela em Libras / INES



Fonte: INES DDHCT (2017)

As releituras dos contos de fadas das Cinderelas sofreram alterações no sentido de se atualizarem no tempo e espaço, e de se adequarem aos novos contextos culturais e linguísticos. Tanto a obra Cinderela quanto a Cinderela Surda fazem parte desta gama de releituras, principalmente ocidentais, trazendo para o enredo uma moral desejada de acordo o público a ser representado, sejam surdos ou ouvintes. É importante demonstrarmos o nosso agradecimento à primeira Cinderela, que foi apresentada para nós ocidentais como uma criação feita na China.

Outro material encontrado no Youtube foi no canal ASL Kids Club Learn Sign Language, com 2,11 mil inscritos e 152 vídeos. O texto estava em inglês e, traduzindo do inglês para o português: “Livros infantis em linguagem de sinais americana”. Cinderela quer muito ir ao baile do palácio, mas suas meias-irmãs não a deixam! Mas quando uma fada madrinha aparece magicamente e lança um feitiço, o sonho da Cinderela se torna realidade! Esta recontagem cativante da história popular é cheia de emoção e drama. A Cinderela conseguirá voltar para casa antes da meia-noite? E o que acontecerá se ela não o fizer? Isso dispara a imaginação. A fada madrinha transforma uma abóbora em uma bela carruagem e uma família de ratos em seis lindos cavalos”.

A história da Cinderela Surda, em sua adaptação, não é apenas um processo de atividade de criação, mas também é central para a experiência do público surdo. Esse tipo de recepção de uma adaptação implica na interpretação do material adaptado à luz da obra original, gerando discussões sobre fidelidade, inovação e as escolhas feitas no processo adaptativo.

Ao analisar as versões em Libras da “Cinderela Surda” em seu livro para os vídeos no Youtube como um processo e também como um produto, reconhecemos um diálogo contínuo entre obras. A adaptação cria uma conexão entre diferentes manifestações culturais, permitindo que histórias e conceitos atravessem fronteiras artísticas e midiáticas.

A adaptação é repetição, porém repetição sem replicação. E há claramente várias intenções possíveis por trás do ato de adaptar: o desejo de consumir e apagar a lembrança do texto adaptado, ou de questioná-lo, é um motivo tão comum quanto a vontade de prestar homenagem, copiando-o. (Hutcheon, 2013, p. 28).

Em “Cinderela Surda”, a repetição na adaptação refere-se ao retorno a uma obra existente, muitas vezes recriada em um contexto diferente. Podemos citar, além disso, que essa repetição é criativa, pois envolve a reinterpretação e a reinvenção da obra original “Cinderela”, levando a uma produção única e distinta, com elementos da literatura surda. A adaptação pode ser motivada por diferentes intenções, com algumas adaptações podendo ser criadas com o objetivo de consumir ou apagar a lembrança da obra original, enquanto outras podem buscar o questionamento, desafiando ou subvertendo o texto adaptado. Essas intenções refletem abordagens diversas para a criação e recepção artística de acordo o seu público alvo.

Essa perspectiva enfatiza que a adaptação é um processo multifacetado, que vai além da simples reprodução. Ela envolve escolhas criativas e interpretativas, e as intenções por trás desse processo podem variar amplamente, desde o desejo de explorar novas possibilidades até a intenção de honrar a fonte original. Essa complexidade adiciona profundidade ao entendimento da prática da adaptação.

Hutcheon (2013) nos faz questionar esse novo sentido de tradução que está mais próximo de definir a adaptação. Em vários casos, por envolver diferentes mídias, as adaptações são recodificações, ou seja, traduções em forma de transposições intersemióticas de um sistema de signos (palavras, por exemplo) para outro (imagens, por exemplo). Isso é tradução, mas num sentido bem específico: como transmutação ou transcodificação, ou seja, como necessariamente uma recodificação num novo conjunto de convenções e signos. (2013, p. 40).

O visuo leitor, no contexto da pessoa surda, refere-se à experiência visual e interpretativa ao consumir informações visualmente, como através da língua de sinais ou de outros meios visuais. As pessoas surdas têm uma perspectiva única ao interpretar obras literárias, pois a

língua de sinais e a cultura surda podem influenciar profundamente a interpretação de narrativas e personagens.

Ao narrar em Libras, o intérprete executa uma performance em Libras, desempenhando um papel crucial na transmissão da obra literária para a pessoa surda. Sua habilidade em traduzir efetivamente os elementos linguísticos e culturais do texto original para a língua de sinais é fundamental. O intérprete também precisa ter conhecimento cultural, não apenas da língua de sinais, mas também da cultura surda e da obra que está traduzindo. Isso é vital para garantir uma interpretação precisa e culturalmente sensível.

Por outro lado, essa abordagem visual pode proporcionar uma experiência única e rica, explorando o potencial da linguagem visual e gestual para enriquecer a narrativa. A colaboração entre o intérprete de Libras e visualeitor é crucial para que o processo de recepção do texto literário se concretize, podendo ser experiências significativas para ambos.

É possível entender mais profundamente como a literatura clássica é recebida e interpretada no contexto da cultura surda. Essa pesquisa pode contribuir para uma apreciação mais ampla da diversidade de perspectivas e práticas culturais envolvidas na interpretação de obras literárias por meio da língua de sinais.

No momento de uma adaptação existe várias nuances, como as relações entre os principais modos de engajamento, ou seja, “permite-nos pensar sobre como as adaptações fazem as pessoas contar, mostrar ou interagir com as histórias”. (Hutcheon, 2013, p. 47). Isto é, contar que envolve uma narrativa verbal ou escrita, em que a história é transmitida por meio de palavras e diálogo, mostrar que se refere à apresentação visual da história, seja por meio de imagens, representações gráficas ou elementos visuais. E, por último, o interagir, que inclui a participação ativa dos receptores na história, permitindo que eles influenciem o desenvolvimento da trama ou respondam à narrativa de alguma forma.

Na literatura surda, este tipo de diálogo, que consiste em mostrar e interagir, é importante e enriquecedor em suas adaptações visuais, como acontece nos vídeos. As narrativas são frequentemente apresentadas de modo visual, usando elementos cinematográficos, como cenários, figurinos e efeitos visuais. Nas adaptações interativas, os visualeitores podem interagir ativamente com a narrativa, fazendo escolhas que afetam o desenvolvimento e compreensão da história. Ao explorar como as adaptações incorporam os modos de contar, mostrar e interagir, é possível entender melhor como essas formas influenciam a experiência narrativa e como a diversidade de opções pode atender a diferentes públicos e contextos de consumo de mídia. Além disso, as adaptações necessitam implementar a performance visual, que se estende para a direção de arte, figurinos, maquiagem e design de cenários.

A performance e a estética visual contribuem significativamente para a representação da história e para a criação de atmosfera, que também inclui técnicas cinematográficas, como enquadramentos de câmera, movimentos de câmera e edição, os quais impactam a experiência tanto visual, quanto narrativa. A performance é intrínseca a diferentes modos de engajamento em adaptações, e a qualidade dessa performance influencia diretamente a forma como a história é contada, mostrada ou interagida. Essas habilidades expressivas, técnicas visuais e sensibilidade cultural são elementos essenciais para criar adaptações envolventes e memoráveis.

4.5 A cinderela com interpretação em língua de sinais

A inclusão e a acessibilidade têm sido princípios fundamentais na educação nos últimos anos, e isso é especialmente relevante no contexto da educação de estudantes surdos. A literatura surda desempenha um papel crucial no desenvolvimento desses alunos, promovendo a cultura e a identidade surda.

A literatura surda abrange um vasto espectro de gêneros, desde contos de fadas e poesia até romances e peças teatrais. No entanto, a disponibilidade de material em língua de sinais nem sempre é abundante. Portanto, a tradução e interpretação desempenham um papel vital na garantia de que surdos tenham acesso a uma ampla gama de materiais didáticos. A tradução de obras literárias para a língua de sinais é um processo complexo, que requer um profundo entendimento da língua de sinais, bem como das nuances culturais e linguísticas da comunidade surda.

Em vídeos, é mais comum o uso da interpretação simultânea, que de maneira geral é aquela que está sendo realizada em um momento muito próximo ao texto que precisa ser interpretado. Nogueira (2016) explica este conceito de um modo mais claro: “Na modalidade da interpretação ‘simultânea’, a questão da simultaneidade, na verdade, é relativa. Existe sempre um *delay*³⁷ entre a pessoa que fala e a produção do intérprete”. Para conseguir realizar esse processo, o intérprete utiliza sua memória de curto prazo, o que exige dele também habilidades de processamento cognitivo, para que faça rápidas tomadas de decisões e escolhas interpretativas. Necessitando ainda de uma concentração absoluta e grande esforço mental, além de atenção visual e ao contexto (Nogueira, 2016, p. 79).

³⁷ O termo *delay* é usado como atraso e acontece em muitos processos de interpretação de sinais – Fonte: Dicionário on-line <<https://www.google.com/search?client=firefox-b-e&q=delay+tradu%C3%A7%C3%A3o>> acesso: 01 set. 2023

Os tradutores especializados desempenham um papel essencial na criação de versões acessíveis de obras literárias para estudantes surdos. Eles não apenas traduzem o texto, mas também transmitem a emoção, o tom e a expressão dos personagens, tornando a experiência de leitura mais rica e envolvente. Além disso, facilitam o acesso à literatura surda, à tradução e à interpretação, possibilitando o acesso a obras literárias em sua língua materna. Desta forma, os estudantes surdos podem se conectar mais profundamente com sua cultura e com sua história, fortalecendo a sua autoestima.

Nogueira (2016, p. 82) reforça que a interpretação simultânea exigirá “do intérprete um excelente conhecimento geral, uma excelente proficiência na compreensão e na produção das línguas envolvidas e habilidades, como a capacidade de coordenar o ouvir e o falar ao mesmo tempo”. É importante reconhecer e valorizar a tradução e interpretação nas disciplinas de literatura surda, que também enfrentam desafios como: a escassez de profissionais qualificados, a falta de variedade de materiais literários em língua de sinais e as barreiras linguísticas e culturais, que são obstáculos que precisam ser superados. Para enfrentar esses desafios, é fundamental investir na formação e capacitação de tradutores e intérpretes, bem como na produção de mais literatura surda.

À medida que a tecnologia avança, novas ferramentas e recursos estão disponíveis para melhorar a acessibilidade em sala de aula, isto inclui aplicativos de tradução de texto para língua de sinais, legendas em tempo real e outras tecnologias inovadoras que tornam a educação mais acessível para todos. Esse modelo é encontrado em vídeos relacionados à cultura de língua inglesa e francesa.

Figura 26 - Cinderela com tradução em Língua de Sinais Americana



Fonte: ASL Kids Club Learn Sign Language (2020)

A escolha dos vídeos de Cinderela em ASL e LSF, como exemplo, demonstram a importância de reconhecer que a preocupação em fornecer acesso ao conhecimento para pessoas

surdas não se limita apenas à Libras, mas também à ASL (Língua de Sinais Americana) e à LSF (Língua de Sinais Francesa), as quais também desempenham um papel importante na acessibilidade para pessoas surdas, transmitindo conhecimentos literários.

O vídeo disponibilizado no Youtube descreve a história da Cinderela. Com imagens acompanhadas de uma tradução em língua de sinais (ASL, *American Sign Language*) e uma voz oralizando em inglês, é conhecido como "vídeo com acessibilidade múltipla" ou "vídeo com múltiplas modalidades de acessibilidade".

Este tipo de vídeo é criado para garantir que pessoas com diferentes necessidades de acessibilidade, como surdez ou deficiência auditiva, bem como pessoas que preferem ler ou ouvir o conteúdo, possam acessá-lo de maneira eficaz. É uma forma importante de tornar o conteúdo audiovisual mais inclusivo e acessível a um público mais amplo. Além do ASL e da voz em inglês, outras modalidades de acessibilidade, como legendas, descrições de áudio e tradução em língua de sinais em diferentes línguas também podem ser incorporadas a este tipo de vídeo. O material geralmente é elaborado para um tipo de tradução e interpretação visual, na qual a comunicação é transmitida principalmente por meio de língua de sinais e imagens, em vez de somente palavras escritas ou faladas.

Figura 27 - Cinderela na Língua de Sinais Americana



Fonte: ASL Kids Club Learn Sign Language (2020)

A título de curiosidade, a Língua de Sinais Americana (ASL, *American Sign Language*) é uma língua visual-gestual usada pela comunidade surda dos Estados Unidos e partes do Canadá. Ela possui sua própria gramática, sintaxe e léxico, e não é uma simples forma de comunicação gestual baseada na língua falada. A ASL é uma língua natural e completa, com sua própria estrutura linguística e variações regionais. Em 1817, Thomas Hopkins Gallaudet, um educador americano, conheceu Laurent Clerc, um educador surdo francês, em Paris. Juntos, eles retornaram aos Estados Unidos e estabeleceram a primeira escola para surdos americana, a Escola de Hartford para Surdos (Hartford School for the Deaf), em Connecticut, 1817. A ASL

começou a ser formalizada como uma língua durante esse período, com influências da língua de sinais francesa e elementos regionais dos Estados Unidos.

A ASL foi influenciada por várias línguas de sinais regionais e pela cultura surda americana, o que levou ao desenvolvimento de diferentes dialetos e variações ao longo do tempo. A ASL não foi reconhecida oficialmente como uma língua até pouco tempo atrás. Em 1960, William Stokoe, um linguista americano, publicou estudos que demonstraram que a ASL era uma língua legítima com sua própria gramática. Stokoe é amplamente reconhecido por seu papel em demonstrar que a ASL é uma língua legítima e independente, contribuindo para o reconhecimento e para a valorização das línguas de sinais em todo o mundo, juntamente com a literatura surda em ASL.

A literatura surda em ASL e a literatura surda em Libras são duas formas distintas de expressão artística, cada uma enraizada em sua respectiva língua de sinais e em culturas surdas específicas. Embora ambas as formas de literatura surda compartilhem a característica de usar gestos e expressões faciais como meio de comunicação, elas têm origens, características e influências culturais diferentes. No entanto, é possível haver alguma influência indireta entre elas, especialmente no que diz respeito à inspiração e ao compartilhamento de ideias.

De acordo com Mourão (2016), a inovação e a criatividade da Língua de Sinais podem inspirar artistas surdos em todo o mundo, incluindo aqueles que usam a Libras. A inovação na expressão artística pode ser compartilhada internacionalmente e servir como inspiração entre ambas as comunidades. As comunidades surdas são conectadas globalmente através de eventos, festivais, conferências e recursos on-line, o que permite que artistas surdos compartilhem suas criações e ideias, independentemente da língua de sinais específica que usam. Os recursos educacionais que surgem da literatura surda em ASL podem ser traduzidos ou adaptados para uso na educação de surdos no contexto da Libras. Isso pode incluir materiais didáticos, livros infantis ou até mesmo vídeos.

O reconhecimento global da literatura surda, impulsionado por trabalhos em línguas de sinais em todo o mundo, pode aumentar a conscientização sobre a importância da literatura surda em Libras e incentivar o seu desenvolvimento. A literatura surda em todas as Línguas de Sinais é muito importante em suas formas de expressão artística, que enriquecem a cultura surda em todo o mundo.

Figura 28 – Cinderela BSL

Fonte: Access BSL (2022)

Outro material também encontrado em vídeos no Youtube com tradução para BSL (*British Sign Language*), é a história da Cinderela britânica. Nas imagens apresentadas, está sendo contada em língua de sinais britânica (BSL) de maneira semelhante à forma como é contada em outras línguas de sinais, com imagens que acompanham sua narração. Neste material, não existe a oralização e nem a legenda para o inglês, não ocorrendo uma acessibilidade para quem desconhece a BSL. Percebe-se que a história da Cinderela, apesar de ser traduzida, constitui algumas nuances de adaptação, culturalmente se adequando à cultura do Reino Unido, de acordo com as vestes que os narradores apresentam.

A história acontece no tempo de 15 minutos e 17 segundos, iniciando com uma figura feminina que conta a história em língua de sinais britânica, com acompanhamento de imagens e recortes de algum livro de literatura da Cinderela.

Podemos, assim, traduzir, adaptar e transcriar a Cinderela em muitas maneiras na literatura surda, de formas diversas em concordância com a autora:

Yeh-Hsien, Cendrillon, Cinderella, Ashenputtel, Rashin Coatie, Mossy Coat, Kattie Woodencloack, Cenerentola: estas são apenas algumas das primas folclóricas de Cinderela [ou Gata Borralheira]. Se ela foi reinventada por praticamente todas as culturas conhecidas, também sua história tem sido perpetuamente reescrita (Tatar, 2004, p. 44).

Os contos de fadas são uma parte importante do patrimônio literário mundial, e as edições sendo devidamente ilustradas e recontadas colaboram em destacar a sua relevância em diferentes contextos culturais e literários para a pessoa surda.

Figura 29 - Cinderela na Língua de Sinais Britânica



Fonte: Access BSL (2022)

O canal Access BSL tem 160 inscritos, com 34 vídeos disponíveis com materiais diversos. O canal é um tipo de suporte para apoiar os alunos a se conectarem com tutores de Língua de Sinais da comunidade surda britânica. Os vídeos acessados nas línguas ASL e BSL traduzem a história de Cinderela, baseados nos contos da literatura europeia, a citar o exemplo dos Irmãos Grimm.

Esta é um tipo de tradução “visual” ou “interpretação visual”, na qual a comunicação é transmitida principalmente por meio de língua de sinais e imagens, em vez de palavras escritas ou faladas. A história da Cinderela britânica, nas imagens apresentadas, está sendo contada em língua de sinais britânica (BSL, *British Sign Language*), de maneira semelhante à forma como é contada em outras línguas de sinais. A história da Cinderela está adaptada culturalmente, adequando-se à comunidade surda do Reino Unido. Isso inclui adaptações nos nomes dos personagens, na representação de eventos culturais específicos ou na incorporação de elementos surdos na história.

Figura 30 - Tradução de Cinderela em BSL



Fonte: Access BSL (2022)

Como visto neste capítulo, a importância de se conhecer a cultura surda é indispensável para o ensino desta literatura. Além disso, é válido destacar que as primeiras produções, que eram apenas traduções, foram ganhando mais recursos, sobretudo com a inclusão das tecnologias. Por fim, foi possível reconhecer que o ensino de literatura surda passa tanto pelo domínio da Libras quanto pelos recursos corporais e tecnológicos para serem divulgados. No próximo capítulo, estaremos apresentando como é dada a performance do intérprete na tradução do conto *Cinderela Surda* (2003), versão do ano de 2013 da história dos autores, Hessel, Karnopp e Fabiano Rosa para Libras.



5 AS ADAPTAÇÕES DA CINDERELA SURDA PELO OLHAR DO VISUOLEITOR

Como proposto até aqui, estamos preocupados em traçar percursos que contribuam para a performance do intérprete de Libras nas aulas de literatura para uma melhor compreensão para o visuoleitor, tanto para os casos de tradução interlínguas quanto para traduções intersemióticas, nas quais se exploram imagens e recursos multimodais. Em um mundo em que as fronteiras entre as artes e as mídias estão em constante evolução, a narrativa clássica do conto de fadas “Cinderela” adaptada para cultura surda é um convite para mergulharmos em alguns exemplos de tradução/adaptação em Libras, pois a “Cinderela Surda” está imersa na cultura surda e na língua de sinais, proporcionando diferentes contatos entre língua e cultura, conforme observaremos nas análises.

A arte multimídia é uma forma de expressão artística que utiliza uma variedade de meios e formatos para criar obras de arte. Apesar de serem muito parecidas, a arte multimídia se refere a obras de arte que utilizam múltiplos meios ou mídias diferentes em sua criação, obras que transcendam os limites tradicionais das mídias individuais e que explorem as possibilidades da combinação de várias mídias para expressar uma ideia ou conceito de forma mais rica e complexa.

Ela combina elementos de diferentes mídias, como texto, imagem, som, vídeo e interatividade para transmitir uma mensagem ou criar uma experiência estética. A arte multimídia pode ser encontrada em várias formas, incluindo instalações artísticas, performances, sites interativos, jogos digitais, animações ou filmes experimentais. A principal característica da arte multimídia é a sua capacidade de incorporar múltiplas dimensões sensoriais e tecnológicas, o que permite aos artistas explorar novas formas de expressão e de interação com o público.

Os estudos sobre esses processos se ocupam, em primeiro lugar, da representação linguística de textos não-verbais e da transposição de textos literários para outras artes e mídias (ilustração, filmagem e musicalização como poema sinfônico, não como canção), mas percebe-se que esses procedimentos também acontecem entre mídias não-verbais. Em todos os casos de transposição intersemiótica, trata-se, pois, da mudança de um sistema de signos para outro e, normalmente, também de uma mídia para outra.

Vale retomar a premissa de que, para esta dissertação, estamos considerando a tradução literária do texto em português para Libras uma adaptação, pois há uma performance do tradutor nesses casos. A autora Linda Hutcheon destaca a importância de considerar a tradução de uma língua para outra, uma adaptação, pois se trata de uma forma de criação artística e cultural em si, ao invés de simples cópias das obras originais. (Hutcheon, 2013, p. 15). Culturalmente, a história de “Cinderela” é uma das narrativas mais antigas e universais, como já vimos no capítulo terceiro. Suas versões remontam a séculos atrás em diferentes culturas ao redor do mundo. Suas adaptações são constantes.

A adaptação da história da “Cinderela Surda”, com foco em uma protagonista surda, é uma abordagem interessante e inclusiva. Serve como uma ferramenta educacional poderosa para promover a compreensão e a aceitação de pessoas surdas de maneira autêntica, destacando suas experiências, desafios e conquistas. Com a contribuição da diversidade linguística e a importância de representar a cultura surda de forma precisa e respeitosa, seriam evitados estereótipos prejudiciais. Essas estratégias são positivas para que se possa compreender, através do próximo tópico, a “Cinderela Surda” em seu visualeitor.

5.1 A cinderela surda e o visualeitor como exemplo

Entraremos no mundo da magia, pois não sabemos quem contou essa história pela primeira vez. Ela foi sendo recontada entre os surdos, e foi decidido registrar e divulgar este belo texto.

A maioria das pessoas conhece a clássica história da Cinderela, o nosso objetivo, aqui, é recontar essa história a partir de uma outra cultura, uma cultura surda. Assim, este livro foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito dentro da cultura e identidade surda e da escrita da língua de sinais, conhecida também como *SignWriting*. (Hessel; Karnopp; Rosa, 2003, p. 5).

A história apresentada ao visualeitor é a da “Cinderela Surda”, que foi adaptada e recriada através dos contos das “Cinderelas” existentes durante estes séculos. Neste estudo, estamos interessados em saber como o livro foi traduzido para Libras em diferentes canais do YouTube. Vamos detalhar como o/a intérprete se comporta diante das diversas possibilidades de tradução de um texto tão cheio de magia como a trajetória da personagem “Cinderela Surda”.

O importante a se dizer é que as duas formas de apresentação são da mesma história e têm a mesma essência, cuja temática principal é sobre a surdez e com dois personagens surdos. Para o visualeitor, ao se ter acesso a esse tipo de história, é importante se atribuir a ideia de que é um tema importante sobre a surdez, pois apresenta personagens surdos e momentos que vão

do sofrimento ao ápice da felicidade, os quais são pontos que conotam uma proposta interessante e inclusiva, utilizando-se principalmente do sentido das imagens, da Libras, a escrita de sinais e do próprio português escrito para a compreensão da narrativa.

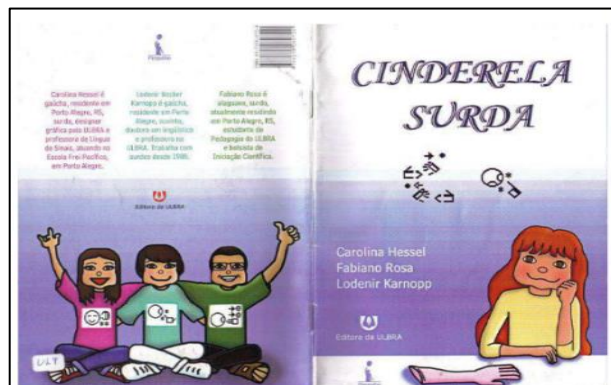
A magia do conto de fadas nos convida a uma performance estética que valorize a dinâmica da Libras, conforme argumentamos no primeiro capítulo. Com isso, a adaptação/tradução pode ser muito mais prazerosa e atrativa para a percepção do visualeitor, quando a Libras é explorada em seu potencial artístico. Além disso, a identificação do visualeitor com personagens surdos é outro atrativo dessa adaptação, que promove a representatividade e reforça que pessoas com diferentes habilidades podem ser protagonistas de contos de fadas, bem como de histórias inspiradoras e educativas.

Estes tipos de narração ampliam a valorização do empoderamento surdo e da apropriação de novos vocabulários em Libras e em português escrito, bem como a compreensão do letramento literário, reportando temas de resistência surda e podendo comparar ao seu modo de viver, conviver e absorver o mundo. Quando uma narrativa está permeada pela Libras, a demonstração a um pertencimento no território surdo, a um povo e à cultura surda é de fato um acompanhamento de amparo legal à comunidade surda.

A narração aqui analisada faz parte da produção do conto dos escritores Hessel, Karnopp e Rosa (2003), que compõem a obra da “Cinderela Surda” em vídeo e em PDF, todos disponíveis na internet. Antes de analisarmos detalhadamente esse material, vamos apresentar brevemente os dois materiais pesquisados.

O Livro “Cinderela Surda” foi publicado no ano de 2003, em sua primeira edição, e no ano de 2006 em sua segunda edição e contém 33 páginas, posteriormente uma nova edição saiu no ano de 2011. Esta pesquisa foi feita com o material em digital, com a análise da história da “Cinderela Surda” contada em mídias, a exemplo de um livro digital, provavelmente se concentrará mais nas imagens coloridas; a escrita de sinais e a escrita em português serão utilizadas no material como um tipo de acessibilidade para um público mais amplo. Isto pode incluir materiais educacionais ou informativos, disponíveis em três modalidades, para atender a diferentes grupos linguísticos.

Figura 31 - Capa do Livro em PDF



Fonte: Carnal Curso Chaplin – LIBRAS (2013)

O vídeo é apresentado em Libras e acompanhado das imagens da história do livro *Cinderela Surda*. Esse arquivo foi postado no canal do Youtube na data de 12 de dezembro do ano de 2013, e até o momento já contabilizou 48.940 visualizações, com 531 likes e 7,03 mil inscritos no canal. O canal chama-se Curso Chaplin, e também existe nas redes sociais do Facebook e Instagram, organizado pelo professor surdo Edson Franco Gomes. Ele foi o primeiro instrutor de surdos do Estado de Goiás e fundou uma escola em Goiânia, o Sistema Educacional Chaplin.

A mídia é apresentada em Libras e acompanhada de imagens da história do livro “*Cinderela Surda*”, a pessoa que sinaliza em Libras não tem o seu nome citado, mas, pela postura e a cor da roupa, seria possível inferir que é uma intérprete de Libras que sinaliza de forma simultânea, de acordo com a apresentação das imagens, recontando a história da adaptação da “*Cinderela Surda*”. Há ainda um fundo musical em toque de piano.

Levando-se em consideração a obra escrita “*Cinderela Surda*” (2003) e o vídeo do canal Curso Chaplin – Libras (2013), há uma diferença de 10 anos de história e avanços na forma de se conduzir os materiais na literatura surda. A diferença de dez anos pode refletir avanços nas tecnologias de comunicação visual. Em 2003, o livro provavelmente dependia principalmente de texto e imagens estáticas, enquanto o vídeo de 2013 aproveita os recursos de vídeo, animação e multimídia para contar a história de maneira mais dinâmica. Com essas características, esse vídeo tem a peculiaridade de ser um *livroclip*, por ser uma produção multimodal da interpretação literária, promovendo a negociação entre o imaginário do texto literário e os diversos hipertextos disponíveis na rede. (Gomes, 2019, p.85). Esse modelo de divulgação de um texto literário em vídeo, o *livroclip*, é uma tendência das plataformas digitais e tem se destacado por democratizar o acesso ao imaginário dos clássicos da literatura brasileira e universal.

A diferença de tempo poderia indicar uma mudança na abordagem, mensagem ou enfoque da história "Cinderela Surda". A narrativa poderia ter evoluído para se adaptar a um público em constante mudança, ou para refletir novos entendimentos e sensibilidades em relação às questões surdas. Em 2003, recursos de acessibilidade, como legendas ou interpretação em Libras, podem não ter sido tão comuns ou acessíveis como em 2013. O vídeo de 2013 pode ter incorporado esses recursos de maneira mais eficaz e positiva, atendendo às necessidades do visualeitor.

As imagens das capas dos materiais são bem semelhantes, pois destacam a imagem da “Cinderela Surda” com o indício da luva, que, para a comunidade surda, é uma simbologia muito importante em relação às mãos e à Libras. No vídeo, o estilo visual, figurinos e os cenários utilizados para contar a história auxiliam na imaginação do visualeitor. É importante considerar os efeitos visuais do vídeo para a contribuição dos signos para a interpretação da história.

Comparando-se com os elementos descritos no livro digital, foi elaborada a tabela abaixo, a fim de se ter uma compreensão das hipóteses de que o visualeitor tem a recepção de ambos os materiais a ter contato como ele. É válido ressaltar que essa pesquisa não foi feita através de entrevistas ou contato físico com pessoas surdas, sendo unicamente baseada nas leituras e análises de comparação.

Figura 32 - A recepção do visualeitor

A História da Cinderela Surda em Livro Digital e em Vídeo

R	LIVRO DIGITAL	VIDEO em Libras
E	É feito para ser lido	É feito para ser assistido
C	O visualeitor escolhe como ler. Pode fazer uma leitura sinótica, ou detalhada; como um todo ou em partes.	A recepção é ditada pelo tempo do vídeo, o visualeitor tem pouco ou nenhum controle sobre isso.
P	Não há corpo, somente a escrita com imagens posta no papel ou PDF	Os movimentos de transição entre os sinais e as imagens criam uma narração de multimodalidades.
Ç	O visualeitor pode explorar as imagens da página para criar os seus efeitos estéticos.	A figura do performer está presente, na sinalizante com seu jeito de sinalizar
Ã	E explorar recursos de tipografia, como as sombras, brilhos ou efeitos especiais caso tenham.	A sinalizante pode explorar os movimentos para causar diferentes efeitos estéticos.
O		É possível explorar recursos de edição de vídeo.
Tradução		Tradução Interlingual

Fonte: Autoria própria

Pode-se entender que essas diferenças se baseiam principalmente na questão do suporte utilizado para a recepção do visualeitor, ao ter acesso aos dois modelos multimodais: o Livro digital em PDF, com desenhos que acompanham duas formas de escrita (*SignWriting* e texto em português), e o vídeo em Libras.

No livro digital, há o registro escrito em língua portuguesa, a escrita de sinais e as imagens de acordo a história. Sendo assim, a recepção pode acontecer por meio de diferentes linguagens. Neste capítulo, vamos analisar os três registros, que se complementam e quando traduzidos adequadamente podem contribuir para a recepção do visualeitor.

No vídeo do canal do Youtube, há o quadro da intérprete, que faz a narrativa em Libras, acompanhada dos desenhos do livro impresso, que são trocados a cada nova cena descrita. Essa técnica faz parte da tradução multimodal, que ocorre quando a informação é transmitida em várias modalidades ou meios ao mesmo tempo. Nesse caso, a modalidade visual (imagens) é combinada com a modalidade gestual (Libras) para transmitir informações de forma mais abrangentes e acessíveis ao visualeitor.

Segundo Clüver (2006), a semiótica revela-se como uma disciplina auxiliar que nos possibilita trabalhar com conceitos e designações transmidiáticos, além da extensão semiótica do próprio conceito de “texto”. A obra de arte é entendida pelos semioticistas “como uma estrutura sígnica – geralmente complexa –, o que faz com que tais objetos sejam denominados ‘textos’, independente do sistema sígnico a que pertençam”. Portanto, um vídeo, um bolero, uma crônica, um desenho, um filme, todos figuram como “textos” que se “leem”. A palavra “texto”, na aplicação intertextual, se torna um conceito neutro e abrangente (Clüver, 2006, p. 15).

Gradativamente, no processo de aquisição dos sistemas simbólicos de sinais, o mundo objetivo é representado por sinais manuais, ou seja, por signos, levando o surdo a um salto qualitativo tanto em sua experiência objetiva que o cerca, quanto na produção e compreensão dos signos do sistema de linguagem que o cercam (Correia, 2021, p. 254). Destaca-se como a aquisição da língua de sinais por pessoas surdas não apenas facilita a comunicação, mas também transforma sua experiência e compreensão do mundo. A linguagem de sinais desempenha um papel fundamental na representação do mundo e tem um impacto significativo em sua vida cotidiana.

Na continuidade passamos a análise comparada de uma versão em PDF do conto “Cinderela Surda” e sua tradução em Libras, disponibilizada pelo Canal Curso Chaplin - Libras.

Figura 33 – Apresentação de personagens



Fonte: Montagem da autora³⁸

1. “Cinderela Surda” Digital

FIGURA 33 - A imagem é a mesma em ambos os materiais, da página 06 no livro em PDF e no vídeo.

São utilizadas as mesmas imagens para os materiais, no primeiro momento para reconhecer a personagem “Cinderela Surda”, é necessário oportunizar o desenvolvimento do olhar estético do nosso visuo leitor e levá-lo a ver e a entender a retórica da imagem, ou seja, o que a imagem mostra em seus significados. E mesmo diante de tanta informação, afinal são 03 jovens, estabelecemos com elas uma relação pouco significativa, a que Buoro (2002) nos chama a atenção para a importância de uma conscientização dessa presença em nosso cotidiano, destacando que: Espectadores frequentemente passivos, temos por hábito consumir toda e qualquer produção imagética, sem tempo para deter sobre ela um olhar mais reflexivo, o qual inclua e considere como texto visual visível e, portanto, como linguagem significativa. (Buoro, 2002, p.34).

Podemos identificar a personagem “Cinderela Surda” pelo desenho da capa, que é um referencial da história na página 06. Podemos concluir, de acordo com Buoro (2002), que dependendo da idade dos visuo leitores, e pela falta de sensibilidade imagética, se pode ter momentos conflitantes em distinguir quem seria a personagem principal da história entre as duas jovens da página 06 da história. Contudo, como sugestão, seria interessante ter alguma característica destacada da personagem “Cinderela Surda” do início ao fim da narração, como

³⁸ A partir da Figura 33 até a 46, temos montagens compostas por imagens do livro “Cinderela surda” (Hessel, Karnopp; Rosa, 2003) e da tela do Canal Curso Chaplin – LIBRAS (2013). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AE2aos08PjY>. Acessado em 10 jul. 2023.

uma luva cor de rosa com outros detalhes tipo bordados ou de menor tamanho, justificando de imediato o seu reconhecimento imagético.

Uma folha extra com apresentação de todos os personagens, com os seus distintos nomes e sinais logo no início da história também seria uma observação bem interessante, facilitando uma interação visual bem mais satisfatória e dinâmica.

Escrita de Sinais da página 06:

SINAL NOME CINDERELA É SURDA BONITA LEGAL. CINDERELA APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS AMIGOS SURDOS RUA.

Português escrito da página 06:

Cinderela e o Príncipe eram surdos e aprenderam a Língua de Sinais Francesa quando eram pequenos. Cinderela era filha de nobres franceses e aprendeu a Língua de Sinais com a comunidade de surdos, nas ruas de Paris.

2. “Cinderela Surda” em Vídeo com tradução em Libras:

O tempo do vídeo referente a esta imagem seria entre 0,21 a 0,39 segundos, “Cinderela Surda” aprendeu a língua de sinais francesa enquanto criança, Cinderela era filha de nobres ricos e aprendeu a língua de sinais com a comunidade surda em Paris.

A narração em Libras se inicia no tempo de 18 segundos, que acompanha o texto escrito da história em português, existindo um acréscimo no momento da sinalização da intérprete de Libras do vídeo, de que a personagem “Cinderela Surda” seria filha de pessoas nobres e bem-sucedidas na França e que ela aprendeu a Língua de Sinais Francesa – LSF, com a comunidade surda francesa, a mesma comunidade com a qual interagiu. A sinalização da intérprete, podemos observar que é uma forma mais funcional como um meio linguístico de comunicação, ou seja, contando a história.

No caso de nossa pesquisa, percebe-se a existência de algum ponto de compreensão a recepção, ou seja, o modo de identificação e interpretação das características como os elementos estéticos da Libras. Acontecem algumas marcações dos personagens nos espaços neutros e alguns sinais específicos, como: príncipe, francês, comunidade e surdos. A personagem “Cinderela Surda” que ela faz o sinal mais específico da história, que seria a luva.

De acordo a autora Sutton-Spencer (2021), a linguagem estética apela aos sentidos e por meio desta a experiência elevada dada ao seu público é diferenciada daquela repassada para apenas afirmar algo ou dar alguma informação.

Apesar de a história ser contada em Libras, ser uma adaptação de um clássico literário as formas estética e artística não trazem força no momento da sinalização. Por exemplo, o ritmo da sinalização se mantém o mesmo não existindo nenhuma intenção de alteração para uma estética diferenciada. Além disso, a velocidade da intérprete é padronizada voltada para uma tradução interlingual.

De acordo a autora Sutton-Spencer (2021), os sinais quando utilizados com velocidade principalmente na utilização dos classificadores traz uma conotação mais intensa de acordo os movimentos mais lentos ou rápidos. Tais movimentos podem ser percebidos de forma diferenciada, visto que a subjetividade faz parte desse processo em que as emoções do visualeitor entra em jogo na recepção. (Sutton- Spencer, 2021, p. 57).

É importante observar que, no conto “Cinderela Surda”, o contexto cultural e o contexto social dos surdos estão explícitos no livro digital e o no vídeo que foram selecionados, abordando questões relacionadas à surdez, inclusão e à diversidade. Existe de forma positiva no processo de tradução/adaptação esses elementos da cultura surda.

Figura 34 - Ensino da LSF ao Príncipe



Fonte: Montagem da autora

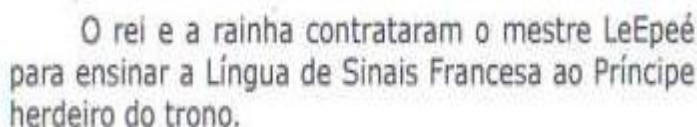
Imagem FIGURA 34: A imagem é a mesma em ambos os materiais: da página 08 no livro em PDF e no vídeo, com o professor L’Epée ensinando ao Príncipe a Língua de Sinais Francesa. A Imagem visual do quadro com o alfabeto é em Libras, mas no contexto da história era para ser o alfabeto em LSF.

3. Cinderela Surda do Livro Digital

Escrita de Sinais da página 08

SINAL NOME PRÍNCIPE MORAR CASTELO ESTUDAR APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS JUNTO PROFESSOR SINAL NOME ABBE EPEE x ENSINAR y LÍNGUA-DE-SINAIS.

Português escrito da página 08



O rei e a rainha contrataram o mestre LeEpeé para ensinar a Língua de Sinais Francesa ao Príncipe herdeiro do trono.

4. Cinderela Surda em Vídeo com tradução em Libras.

O tempo do vídeo referente a esta imagem seria entre 0,42 a 0,52 segundos, O rei e a rainha trazem o professor L'Epée para ensinar o príncipe, pois futuramente o príncipe irá assumir o trono.

Na página 08, o texto em português cita um personagem que foi referência a L'Épée³⁹ e que, para a história da comunidade surda, teve um papel importante, sendo contratado para ensinar a língua de sinais francesa ao príncipe. Uma observação foi feita na análise da imagem do quadro com o alfabeto, deveria ser em LSF, no entanto, tudo indica que o alfabeto ensinado ao príncipe é em Libras. No alfabeto, as letras G, H, Q e T, pelo menos as que aparecem na imagem, são diferentes em sua C.M, que é o alfabeto da Língua de Sinais Francesa.

De acordo com a imagem acima, demonstra-se que, na verdade, seria a Libras e não a LSF ensinada ao príncipe, não se sabe se foi proposital a imagem utilizada, ou apenas distração com a imagem errada. As imagens abaixo do alfabeto são colocadas em LSF e em Libras para que se possam perceber as diferenças de algumas letras entre si, e compará-las com a imagem do quadro da figura 35.

³⁹ De **d'Épée** desenvolveu, como pedagogo e logopedista, um método sistemático para ensinar pessoas com deficiência auditiva e um alfabeto manual, dando-lhe o nome de Língua de Sinais Francesa,

Figura 35 - Alfabeto em LSF E LIBRAS

Fonte: Montagem da autora⁴⁰

Neste trecho em Libras, durante o vídeo, existe um acréscimo em que o príncipe estaria aprendendo Libras, o que, de acordo a história, teria que ser a LSF, e não a Libras, a fim de que futuramente pudesse assumir o seu trono. A intérprete de Libras tem a liberdade de fazer as suas escolhas podendo deixar o texto mais flexível para a Libras e com mais compreensão ao visuo leitor surdo.

A escrita de sinais da página 08 do livro em PDF contribui com a informação, que eles moravam em um castelo, contudo, não existiu essa relação de acréscimo para o vídeo em Libras.

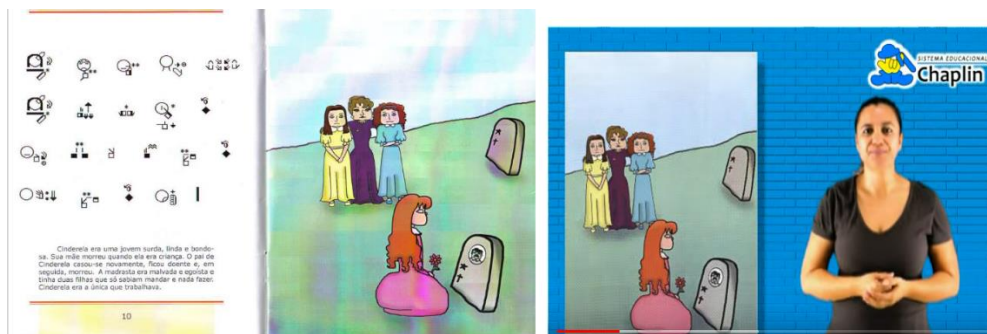
Nas adaptações dos clássicos da Cinderela ouvinte, em nenhum momento se atribui à história que o príncipe teria um professor francês ensinando-lhe, a fim de que ele viesse a assumir o trono. Isso demonstra que existiu uma recriação, ou seja, uma adaptação livre na versão para a Cinderela Surda. Essas comparações que estão sendo feitas são próprias da adaptação, conforme nos sugere a autora Hutcheon (2003), pois houve uma contextualização da cultura surda para o clássico em Libras.

A adaptação/tradução neste trecho também não aparece de uma forma criativa e brincalhona, como exemplo, se destacássemos que o professor Charles du l'Épée viria de um local muito distante, ou utilizando a incorporação de um abade religioso, inteligente e famoso entre a comunidade surda francesa. Tais recursos são próprios da poética da Libras, transformando uma sinalização constante e gramatical da Libras em algumas rimas e simetrias com a configuração de mãos. De acordo Sutton-Spencer, os elementos da literatura sinalizada chamam atenção ao visual com movimento no espaço e por isso são diferentes dos elementos

⁴⁰ Esta imagem é composta pelos sinais de Libras e da LSF.

literários na literatura escrita, principalmente na literatura escrita das línguas orais. (2021, p. 56).

Figura 36 - O falecimento do pai de Cinderela Surda



Fonte: Montagem da autora

5. Cinderela Surda do livro Digital:

Imagem da Figura 36: A relação do falecimento de seu pai e o fato de Cinderela Surda ter sido deixada nas mãos da sua madrasta e das duas meias-irmãs demonstra a retomada da versão dos clássicos europeus, em que Cinderela fica órfã de pai e mãe, vivendo da sua própria sorte nas mãos das megeras madrastas e irmãs.

Escrita de Sinais da pág. 10

CINDERELA TRISTE PAI MORRER HOJE CINDERELA SEMPRE JUNTA MADRASTA SINAL TAMBÉM DUAS IRMÃS 1-SINAL 2-SINAL.

Português Escrito:

Cinderela era uma jovem surda, linda e bondosa. Sua mãe morreu quando ela era criança. O pai de Cinderela casou-se novamente, ficou doente e, em seguida, morreu. A madrasta era malvada e egoísta e tinha duas filhas que só sabiam mandar e nada fazer. Cinderela era a única que trabalhava.

6. Cinderela Surda em Vídeo com tradução da Libras.

O tempo do vídeo referente a esta imagem seria entre 0,56 s a 1m,30s. A imagem da figura selecionada para o vídeo é a mesma da página 10 do livro em PDF. Porém, no momento da narração houve algumas informações diferenciadas:

- a) No texto em português, explica-se que “Cinderela Surda” era uma jovem muito linda e bondosa.

- b) Na escrita de Sinais, não se comenta nada sobre a mãe de “Cinderela Surda” e nem sobre a sua morte, mas faz-se menção sobre o sinal visual da madrasta e de suas meias-irmãs que não é utilizado na história em Libras. A importância do sinal visual para os surdos é muito importante, pois faz parte da cultura e identidade surda que foi silenciado no vídeo.
- c) No vídeo, a narração em Libras inicia-se contando que a mãe de “Cinderela Surda” era muito bonita e bondosa, e que “Cinderela Surda” era pequena quando a sua mãe havia morrido, ao passo que nem na história escrita em português e nem na escrita de sinais faz esse comentário.

Para o visualeitor, é importante ter essas apresentações prévias do contexto da narrativa para que não gerem conflitos de informações, pois a personagem da mãe e da cinderela surda se misturam, sendo apresentadas como as mesmas, no primeiro momento da narração. A escrita de sinais fornece mais detalhes que nem na escrita em português e nem no vídeo são utilizadas, sendo um descaso a um fator importante da cultura surda, que seria a identificação visual da pessoa surda, substituída pelo nome no momento que se refere alguém que tenha o seu sinal. No caso das duas meias-irmãs de cinderela surda, uma tem o sinal na bochecha e outra no cabelo.

Nessa parte da história, podemos observar que o visualeitor precisa ter o domínio das três linguagens usadas no material, uma vez que as informações se complementam e a adaptação em Libras é a mais importante. Os desenhos complementam tanto esses sinais quanto a língua escrita, a terceira linha de interpretação do visualeitor.

Vale destacar que as três linguagens apresentam versões que se complementam e formam um jogo intertextual que pode ser explorado pelo visualeitor. A intertextualidade é uma técnica da adaptação que envolve a incorporação de elementos de outros textos dentro de um novo texto, criando assim uma conexão ou referência entre eles (Hutcheon, 2013).

Nesta parte da história, as diferentes versões se complementam, mas o visualeitor precisará ser avisado que há informações complementares entre os códigos usados no vídeo. Portanto, a adaptação em Libras deve contextualizar melhor as informações, a fim de não deixar o visualeitor perdido em alguns trechos da narrativa, como no caso do falecimento da mãe de Cinderela e, posteriormente, do falecimento de seu pai, deixando-a sozinha. Neste momento, é necessário que o intérprete de Libras tenha uma habilidade de destacar na história, esse espaço em branco deixado pela história, para que possa ser completado pelo visualeitor com o suporte da Libras.

De acordo a autora Sandra Nitrini, essa sobreposição de textos é próprio do palimpsesto (termo cunhado por Genette), isto é, uma metáfora para a forma como as histórias pessoais e culturais se sobrepõem e interagem umas com as outras. Ela explora como as experiências individuais e coletivas se entrelaçam e se transformam ao longo do tempo, deixando vestígios e marcas que podem ser lidos e reinterpretados de diferentes maneiras. (Nitrini, 2000).

Neste momento da história, poderia utilizar algumas configurações de mãos de forma metafórica fazendo uma junção do falecimento da mãe, o falecimento do pai e a forma em que “Cinderela Surda” ficou sem família, sozinha e triste. Seria desafios a serem pesquisados, mas que teriam uma contribuição muito significativa a história. As dificuldades como pontos negativos, e a positividade de “Cinderela Surda” ser uma pessoa boa, são os contrastes e ao mesmo tempo uma fonte rica de metáforas para a valorização da história. (Sutton-Spencer, 2021, p. 58).

Figura 37 – Cinderela Surda limpando tudo sozinha.



Fonte: Montagem da autora

7. Cinderela Surda no livro Digital

Imagem da Figura 37: As duas imagens são iguais, utilizando a mensagem de que Cinderela Surda limpava tudo sozinha, enquanto as suas duas meias-irmãs ficavam somente olhando, sem fazer nada.

Escrita de Sinais página 12

CINDERELA FAZER TRABALHAR LIMPAR, LAVAR-PRATO, LAVAR-ROUPA, TUDO CASA. IRMÃS FAZER NADA SÓ xPROVOCARy MAS COMUNICAÇÃO-TRUCADA.

Escrita em Português página 12

Cinderela limpava e cozinhava, mas a madrasta e as irmãs nunca estavam satisfeitas. A comunicação entre elas era difícil, pois a madrasta e as irmãs só faziam poucos sinais.

8. Cinderela Surda em Vídeo com tradução em Libras:

O tempo do vídeo referente a esta imagem seria entre 1m,33s a 1m,50s. Na narração do vídeo, cinderela surda limpava, passava pano, fazia comida e as demais irmãs só faziam mandar. Nunca estavam satisfeitas, existia a barreira linguística, pois a madrasta e suas duas filhas não sabiam Língua de Sinais Francesa, a não ser para uma comunicação emergente.

Essa barreira linguística é realmente um histórico muito presente na vida das pessoas surdas, em grande maioria de familiares que desconhecem a sinalização, criando sinais emergentes ou sinais caseiros para se comunicar em casa. Na história da “Cinderela Surda”, não foram os seus pais que mostraram indiferença ao fato dela ser surda, pois no conto não relata a convivência entre eles, mas sim a madrasta e suas duas filhas.

A “Cinderela Surda” sabia língua de sinais, aprendeu a Língua de Sinais Francesa com a comunidade surda francesa nas ruas de Paris (p. 8), porém as pessoas que conviviam com ela sabiam pouco de sua língua, por isso, a comunicação entre elas era difícil, pois a madrasta e as irmãs só faziam poucos sinais.

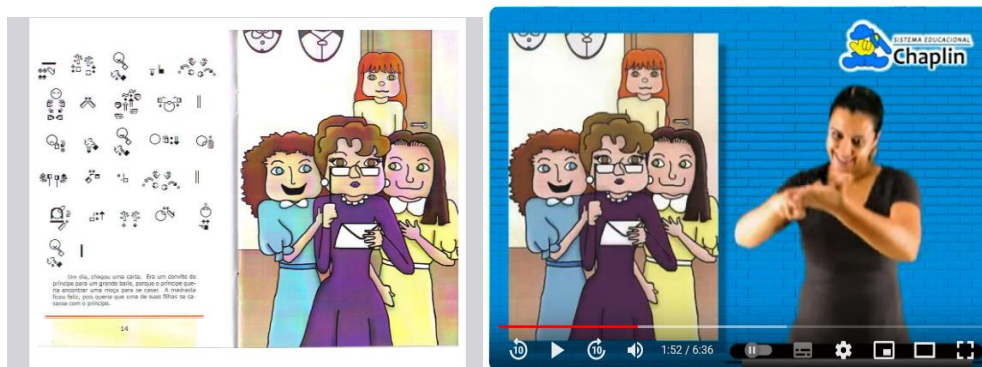
Podemos perceber que a história da “Cinderela Surda”, de forma muito sutil, nos faz identificar alguns problemas sociais vivenciados por muitas crianças surdas, que enfrentam a falta de comunicação em Libras em seus lares e com os seus familiares.

A barreira linguística existente é um dos diversos problemas enfrentados pela comunidade surda, começando dentro de sua casa. No conto, a rejeição a cinderela surda por parte da família não é necessariamente por conta da surdez, pois em nenhum momento isso é demonstrado e também porque em todas as outras versões dos clássicos das “Cinderelas”, elas são tratadas da mesma forma.

Ainda segundo a autora Sutton-Spencer (2021), o espaço de posição ajuda na construção da sequência da narrativa, uma vez que juntos, espaço e sinais, formam sequências de ideias. Por vezes, nesse contexto de sinalização, os sinais são iconicamente formados por classificadores (CL), isto é (CM) configurações de mãos que representam entidades e forma ou seu tamanho.

No momento da sinalização referente à limpeza, pode haver um maior uso dos classificadores com mais ênfase nas expressões faciais, corporais e nos referentes dêiticos. São elementos linguísticos que dependem do contexto para serem compreendidos. Em Libras, assim como em outras línguas, os dêiticos são fundamentais para a coesão e a clareza da comunicação.

Figura 38 – Convite para o Baile



Fonte: Montagem da autora

9. Cinderela Surda no livro Digital

A imagem da Figura 38 e a da página 14 do livro são iguais, utilizando referência ao convite que o príncipe envia à casa de “Cinderela Surda” para o grande baile.

Escrita de Sinais Página 14

SUSTO RECEBER CARTA É FESTA NOITE CASTELO PRÍNCIPE, MADRASTA LER CARTA IRMÃS ANSIOSAS PORQUE TER FESTA, CINDERELA CURIOSA QUERER SABER O-QUE CARTA.

Português escrito da página 14

Um dia, chegou uma carta. Era um convite do príncipe para um grande baile, porque o príncipe queria encontrar uma moça para se casar. A madrasta ficou feliz, pois queria que uma de suas filhas se casasse com o príncipe.

10. Cinderela Surda em Vídeo com tradução em Libras:

O tempo do vídeo referente a esta imagem seria entre 1m,51s a 2m,12s. Até que um dia chega a sua casa um convite do príncipe, convidando-as para o baile. O príncipe queria

encontrar uma moça para casar-se, a madrasta fica muito feliz, pois encontra nesta oportunidade uma forma de uma de suas filhas casarem-se com o príncipe.

A interpretação em Libras tem a sua forma de fazer escolhas no momento da sinalização, mas com o conhecimento prévio da história e pesquisas referentes ao léxico, pode haver escolhas de sinais conforme o ritmo narrativo da história. O vídeo em sua narração é idêntico ao da escrita em português, não levando em conta as peculiaridades da escrita de sinais, o que evidencia mais uma vez a utilização dos sinais específicos das personagens da madrasta e das duas meias-irmãs.

Podemos refletir que para a criança surda, em seu aspecto afetivo está muito mais presente quando ela se depara com a escrita de sinais, pois a mesma sente-se gratificada, com a apropriação de um sentimento de autoestima. Muitas vezes sentimentos que lhe falta no espaço de aprendizagem. A partir do momento que há uma acolhimento e compartilhamento de emoções, há espaço para troca de conhecimentos com seus colegas, as produções animadas acontecem com mais naturalidade. (Stumpf, 2005, p.220). Como sugestão, a sinalização em Libras poderia usar sinais de batismo de cada personagem para diminuir as repetições da madrasta e irmãs, fazendo-se uma economia de sinais e ao mesmo tempo utilizando recursos caricatos ou o próprio Visual Vernacular para que essas personagens tivessem os seus trejeitos destacados entre si.

De acordo o pesquisador surdo Cristiano Monteiro (2023), a mistura de classificadores e mímica utilizados no Visual Vernacular produz informações ao público de formas diferentes. A maneira de criar imagens com as mãos e o corpo entra pelos olhos dos espectadores criando um sentido de imagem com as mãos que superam as outras expressões (2023, p. 30). Isso sugere que a comunicação em Libras, devido à sua natureza visual e gestual, pode ser mais eficaz na transmissão de certos tipos de informações, como detalhes visuais, movimentos ou formas, em comparação com outras formas de expressão.

Em resumo, a combinação de classificadores, mímica e gestos na Libras oferecem uma forma única e eficaz de comunicação visual, permitindo a transmissão de informações de maneira mais rica e dinâmica.

No livro digital e no vídeo, o sinal de carta é bem explícito para o século XX, em que se recebiam cartas pelo correio com os selos colados, diferente da época em que seria um formato diferenciado, talvez um pergaminho com a marca em alto relevo de um anel com a marca do brasão de uns dos soberanos, como o rei ou o príncipe. Deixamos aqui uma sugestão para a imaginação de uma interpretação em Libras que destacasse principalmente no vídeo algo

mais da realidade da época da história narrada, ou no caso de uma ‘Cinderela Surda’ mais contemporânea, um e-mail enviado do palácio para a família.

Esse complemento do e-mail pode ser de acordo os espaços em branco deixado pelos autores, para que a imaginação possa complementar a narração de forma criativa e com os conhecimentos individuais de cada pessoa.

Nesse contexto de significação do leitor, segundo Iser (1996, p.51), qualquer obra existe apenas no plano virtual até que tenha sido lida, pois o texto, “se realiza só através da constituição de uma consciência receptora. Desse modo, é só na leitura que a obra enquanto processo adquirir seu caráter próprio”.

Essa abordagem ressalta a importância do leitor na construção do significado de uma obra literária. Cada leitor traz suas próprias experiências, conhecimentos e perspectivas para a leitura, o que influencia profundamente como a obra é percebida e compreendida. Assim, a obra literária se torna uma experiência dinâmica e em constante evolução, moldada pela interação entre o texto e o leitor.

Figura 39 - O dia do baile e seu vestido.



Fonte: Montagem da autora

11. Cinderela Surda do livro Digital

Imagem da Figura 39: A imagem da figura 39 e a da página 16 do Livro em PDF são iguais, utilizando a preparação para o baile.

Escrita de Sinais da página 16

IRMÃS ORGANIZAR VESTIDO MAS FEIO, CINDERELA xVERY TRÊS LENTAS FESTA, CINDERELA TRISTE PORQUE TER-NÃO VESTIDO BONITO.

Português escrito da página 16

No dia do baile, a madrasta vestiu as duas filhas com roupas bonitas, mas elas não ficaram bem. Cinderela pediu para ir junto, mas a madrasta não permitiu.

Cinderela implorou:

- Por favor, deixe-me ir com vocês!

- Não, você não pode ir conosco! Você não tem roupa bonita! Disseram as irmãs.

- Tchau, Cinderela!

Sinais icônicos, na linguística e na comunicação, são sinais ou representações que possuem uma relação intrínseca com o objeto ou conceito que eles representam. Em outras palavras, os sinais icônicos são aqueles em que a forma ou a representação visual estão de alguma forma relacionadas à característica física, à ação do objeto ou ao conceito em questão. Isso torna o sinal mais intuitivo e fácil de compreender, pois a conexão entre o sinal e o significado é visual ou conceitualmente evidente. (Sutton-Spencer, 2021).

Outro ponto a se refletir: O autor Bruno Bettelheim (1980) retrata o quanto os elementos simbólicos presentes nos contos de fada abordam sobre os muitos conflitos que as crianças enfrentam durante as diferentes fases de suas vidas. Apesar da pouca idade, as crianças veem nesses contos personagens e histórias que refletem sobre certos momentos que elas estão vivendo. Em muitos contos de fadas, objetos mágicos como varinhas, espelhos mágicos, poções, sapatos de cristal ou luvas podem representar o desejo de mudança ou de escapar da realidade.

Eles simbolizam a busca de soluções mágicas para os problemas que as crianças enfrentam, a exemplo da forma como “Cinderela Surda” foi proibida a ir ao baile e do fato de que, mesmo suas irmãs sabendo um pouco de sinais, não foi relatada nenhuma conversa em língua de sinais com “Cinderela Surda”. Ao contrário, elas falam com “Cinderela Surda” oralmente, ignorando a sua língua: “- Não, você não pode ir conosco! Você não tem roupa bonita!”.

A história poderia explorar mais esse contato com a Língua de Sinais, valorizando mais os sinais e a pessoa surda em sua forma de comunicação. De acordo a autora Brito (1995), as línguas de sinais nem sempre foram reconhecidas enquanto línguas naturais. Por muito tempo foram consideradas variações da língua oral majoritária.

As pesquisas sobre língua de sinais têm demonstrado quão complexas, completa, abstrata e rica pode ser uma modalidade gestual-visual. (Brito, 1995, p. 29).

Figura 40 - Fada Madrinha



Fonte : Montagem da autora

12. Cinderela Surda do Livro Digital

Imagem da Figura 40: Uma figura de simbologia de transformação – Fada Madrinha

Escrita de Sinais da página 18:

CINDERELA CHORAR RATO GATO xAJUDARy CARINHO, SUSTO FADA VIR AJUDAR CINDERELA MUDAR VESTIDO BONITO.

Português escrito da página 18

Todas elas saíram e Cinderela ficou triste, chorando. De repente, SURPRESA! Apareceu uma fada atrás de Cinderela!

- NÃO CHORE, QUERIDA, SOU UMA FADA E QUERO AJUDÁ-LA. VOCÊ VAI AO BAILE, COM ROUPA BONITA, COM LUVAS ROSA, EM UMA LINDA CARRUAGEM COM CONDUTOR – disse a fada, em sinais, para a Cinderela.

13. Cinderela Surda em Vídeo com tradução em Libras.

O tempo do vídeo referente a esta imagem seria entre 2m,46s a 3m,14s. A narrativa é mais expressiva neste momento, “Cinderela Surda” fica sozinha e chorando. De repente, aparece algo mágico, e a fada madrinha conversa com “Cinderela Surda”, dizendo: “Não chore, meu amor, vou ajudar você, vou fazer uma magia e você vai à festa, com um lindo vestido e luvas rosas. Sua carruagem redonda e seus cocheiros saberão língua de sinais”.

Uma figura importante surge que é a fada madrinha, como era de se esperar, sabe sinais, podendo ser uma intérprete de Libras que desempenha um papel crucial na vida de uma pessoa surda, e facilitando a comunicação, o acesso a serviços e a oportunidades, promovendo a

inclusão e empoderando os surdos a participarem plenamente na sociedade. Eles desempenham um papel vital na quebra de barreiras de comunicação e na garantia de igualdade de oportunidades para pessoas surdas, pois seria difícil imaginar alguém que compreendesse as dificuldades do surdo, entendesse seus dilemas e não pudesse ajudá-lo por não poder se comunicar.

Figura 41 – A Magia



Fonte : Montagem da autora

14. Cinderela Surda do Livro Digital

Imagem da figura 41: Ambas as imagens são idênticas, sendo que, na imagem do vídeo, a narradora traz um sinal de varinha mágica.

Escrita de Sinais da página 20

FADA FAZER RATO MUDAR HOMEM, GATO MUDAR CAVALO, ABÓBORA MUDAR CARROÇA, FADA xAVISARY CINDERELA VOLTAR HORA CERTA MEIA-NOTE.

Português escrito da página 20

Assim, a fada transformou a roupa simples de Cinderela em um lindo vestido de baile, colocou em suas mãos lindas luvas rosa, transformou a abóbora em carruagem, o gato em cavalo e o rato em condutor.

E a fada sinalizou:

- ATENÇÃO: À MEIA-NOITE VOCÊ DEVERÁ VOLTAR PARA CASA, POIS NÉSSA HORA A MÁGICA ACABARÁ! AGORA VÁ E DIVIRTA-SE BASTANTE!

15. Cinderela Surda em Vídeo com tradução da Libras para o português escrito.

O tempo do vídeo referente a esta imagem seria entre 3m,17s a 3m,56s. A fada madrinha transformou o seu vestido em algo esplendoroso, com mangas bufantes, além de luvas

rosas perfeitas. Transformou uma abóbora em uma linda carruagem, os gatos em cavalos e os ratos os em cocheiros. E a fada, sinalizando, diz: “Preste atenção, à meia noite você volte para a casa, pois a magia irá se desfazer. Vá, aproveite a festa e para sinalizar”.

No vídeo, é sinalizado o motorista juntamente com os homens que seguram as rédeas, para que o visualeitor tenha uma comparação de motorista e de cocheiro (mesmo que não tenha tido a datilologia e a explicação de quem seria), mas podendo o visualeitor compreender que seria alguém que conduz a carruagem, ou que poderia ser outra pessoa na história. Outra intertextualidade, apesar das diferenças culturais e de linguagem, é que o vestido deslumbrante e a carruagem mágica são elementos universais que aparecem em todas as versões.

Figura 42 – O Baile e o Príncipe



Fonte: : Montagem da autora

16. Cinderela Surda do livro digital

Imagem da Figura 42: Ambas são idênticas, sendo que a do vídeo traz o sinal à atenção de todos.

Escrita de Sinais da página 22

CINDERELA CHEGAR CASTELO, PRÍNCIPE xVER⁺y MUITAS PESSOAS,
PRÍNCIPE xVERY UMA MULHER BONITA É CINDERELA PRÍNCIPE pessoa ANDAR
CONVIDAR DANÇAR, CINDERELA SUSTO xAVISARy É SURDA PRÍNCIPE EU
TAMBÉM SURDO VAMOS DANÇAR, IRMÃS RAIVA MAS SABER-NÃO É
CINDERELA.

Português escrito da página 22

Cinderela chegou atrasada na festa e chamou a atenção de todos, principalmente do príncipe. O príncipe foi ao encontro de Cinderela, estendeu a mão, convidando-a para dançar. Cinderela sinalizou:
 - SOU SURDA!
 E o príncipe, surpreso, respondeu, em sinais:
 - EU TAMBÉM SOU SURDO!
 Felizes, o príncipe e a Cinderela dançaram e conversaram a noite toda, sem perceber o tempo a passar...

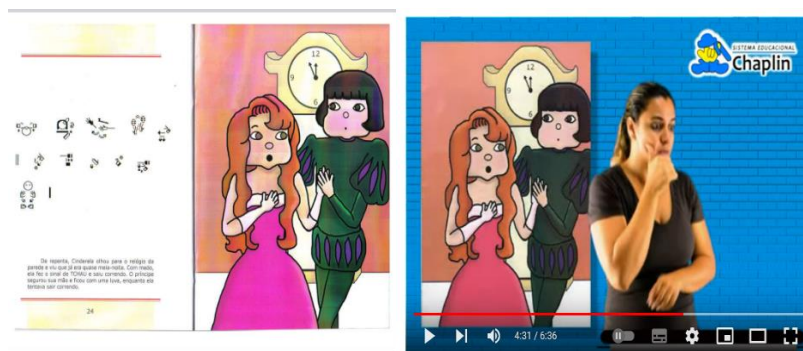
17. Cinderela Surda em Vídeo com tradução da Libras para o português escrito.

O tempo do vídeo referente a esta imagem seria entre 3m,56s a 4m,30s. Cinderela chega ao baile e todos a olham, pois estava atrasada, o príncipe fica admirado e vai ao seu encontro. O príncipe a convida para dançar e Cinderela Surda, muito envergonhada, responde: Sou surda. O príncipe surpreso responde: Eu também sou surdo e ambos começam a dançar e conversam em língua de sinais e o tempo passa muito rápido.

Existe na narração em Libras uma marcação para mulher, referente à ‘Cinderela Surda’, e uma para homem, referente ao príncipe. Sendo feita no início do vídeo, essa marcação não precisaria ser feita em todos os momentos que for referente à Cinderela ou ao príncipe.

Quando Cinderela sinaliza, ela está, assim, afirmando sua identidade. Afirmar a identidade surda é aceitar ser surdo, possuir uma língua e costumes próprios. Outra coisa que faz parte da identidade surda é a sua condição, não podendo interpretar as ondas sonoras, logo, eles não compreendem o que é dito, qual som foi emitido, o ritmo, mas conseguem sentir a vibração daquele som, principalmente se for no tom grave. Com isso, é possível que uma pessoa surda ouça música, toque instrumentos e até pratique alguma dança pelas vibrações. Pode-se imaginar que este contato da ‘Cinderela Surda’ e o príncipe foi uma afirmação de identidades. Mesmo sendo de experiências diferentes, nenhum preconceito existiu, o importante era a descoberta, o outro surdo para sinalizar.

Figura 43 – Meia Noite



Fonte : Montagem da autora

18. Cinderela Surda do livro digital

Escrita de Sinais da página 24

PRÍNCIPE CINDERELA DANÇAR CONVERSAR-LÍNGUA-DE-SINAIS SEMPRE, ACONTECER HORA JÁ QUASE MEIA-NOITE.

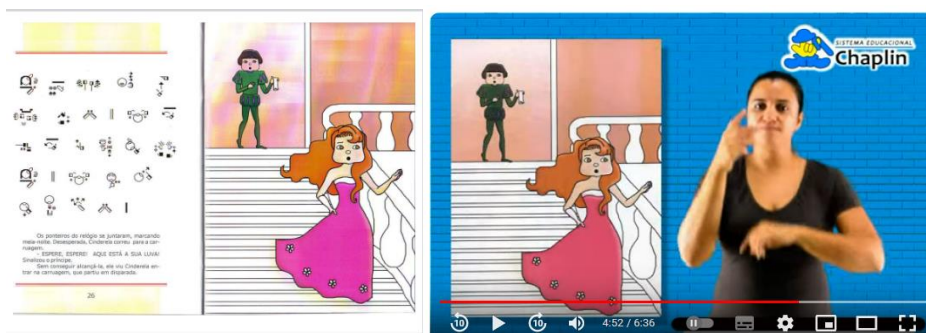
Português escrito da página 24

De repente, Cinderela olhou para o relógio da parede e viu que já era quase meia-noite. Com medo, ela fez o sinal de TCHAU e saiu correndo. O príncipe segurou sua mão e ficou com uma luva, enquanto ela tentava sair correndo.

19. Cinderela Surda em Vídeo com tradução da Libras para o português escrito.

O tempo do vídeo referente a esta imagem seria entre 4m.30s a 4m.50s. A cena da meia-noite faz parte da intertextualidade das histórias, que sempre denotam esse horário de meia noite para o encanto terminar e a Cinderela voltar a sua realidade fora da magia. Poderíamos refletir sobre a importância da inclusão e da aceitação das diferenças, pois, mesmo sendo surda, ela supera as barreiras de comunicação e preconceitos para encontrar o seu amor verdadeiro. Ela foi ao encontro a uma situação desconhecida e com muito sucesso conseguiu quebrar os paradigmas do preconceito, iniciando pela sua madrasta e suas meias-irmãs. Assim, podemos comparar com outros surdos, que conseguem se sobressair quebrando as ataduras que muitas vezes tentam paralisá-los. Para o visualeitor, é muito importante a distinção de papéis e práticas para que essa compreensão seja atingida, e também para que as evidências de que o surdo pode conquistar os seus desejos e possibilidades tornem-se realidade.

Figura 44 - O Ápice da História a Luva que fica com o príncipe



Fonte: : Montagem da autora

21. Cinderela Surda do Livro em PDF

Imagem FIGURA 44 – O momento em que Cinderela Surda foge e esquece a luva com o príncipe.

Escrita de Sinais da página 26

CINDERELA SUSTO ANSIOSA RÁPIDO SAIR CORRER LENTO CASA, PRÍNCIPE xAVISARY ESPERAR xAVISARY SUA LUVA CONSEGUIR-NÃO xENTREGARY CINDERELA, PRÍNCIPE TRISTE IDEIA MANDAR HOMEM xVISITARY CASAS.

Português escrito da página 26

Os ponteiros do relógio se juntaram, marcando meia-noite. Desesperada, Cinderela correu para a carruagem.

- ESPERE, ESPERE! AQUI ESTÁ A SUA LUVA! Sinalizou o príncipe.

Sem conseguir alcançá-la, ele viu Cinderela entrar na carruagem, que partiu em disparada.

22. Cinderela Surda em Vídeo com tradução em Libras para o português escrito

O tempo do vídeo referente a esta imagem seria entre 4m,51s a 5m,09s. Ela olha para o relógio e percebe que é quase meia noite, toma um susto, despede-se e sai correndo pelas escadas rapidamente, e a sua luva fica com o príncipe, ele tenta alcançá-la, mas a vê partir em sua carruagem rápido.

A ‘Cinderela Surda’ lida com a comunicação durante o baile. Ela pode usar a língua de sinais, ou se comunicar de outras maneiras não verbais, enquanto as outras Cinderelas dependem da fala. Essa diferença na comunicação pode tornar a cena da meia-noite ainda mais marcante.

A mão é o canal linguístico do surdo, e é por meio dela que ele compreende e interage com o mundo. A história da Cinderela Surda, na qual ela perde a luva em vez do sapatinho de cristal, pode ter significados especiais para a comunidade surda, uma vez que representa uma adaptação que respeita e valoriza a cultura e as experiências dessa comunidade. A Cinderela Surda é uma representação positiva de personagens surdos em contos de fadas e histórias populares.

É importante trazer essa demonstração para o visualeitor, com referências às escolhas de símbolos específicos em uma história e a como a diferença entre o sapatinho de cristal e a luva desempenha um papel importante na comunicação de mensagens, bem como na construção

de significados. No contexto da adaptação da história da Cinderela Surda para incluir a luva como um elemento importante, há várias maneiras de interpretar a importância desses símbolos para os ouvintes e crianças surdas:

Figura 45 – Em busca da dona da luva



Fonte : Montagem da autora

23. Cinderela Surda do livro em PDF

Imagem da Figura 45: As imagens demonstram um dos empregados do príncipe em busca da dona da luva.

Escrita de Sinais da página 28

HOMEM LENTO xVISITARY CASA CINDERELA, HOMEM xENTREGARY LUVA IRMÃS NÃO CERTA É FINGIR SURDA, MAS CONSEGUIR-NÃO LUVA, HOMEM VER CINDERELA.

Português escrito da página 28:

No dia seguinte, o príncipe pediu que todas as casas do reino fossem visitadas, até que a moça surda fosse encontrada! Os empregados do palácio procuraram muito, testando a luva em várias moças. Já estavam cansados, até que bateram à porta da casa de Cinderela.

- Entrem, por favor! Aqui temos duas moças surdas! mentiu a madrasta.

As irmãs testaram, mas a luva não serviu.

24. Cinderela Surda em vídeo com tradução de Libras para o português escrito

O tempo do vídeo referente a esta imagem seria entre 5m,10s a 5m,48s, no dia seguinte, o príncipe chamou um de seus empregados e o mandou ir a todas as casas para que encontrasse a moça dona da luva. Os empregados começaram a sua busca indo em muitas casas e experimentando a luva em várias mãos de diferentes jovens. Cansado, finalmente chega à casa de Cinderela Surda. A madrasta o manda entrar e apresenta-lhe suas duas filhas dizendo serem surdas, criando uma maneira de enganar e tirar vantagem da situação. Mas, tentaram várias vezes e a luva não entrou em nenhuma delas. Até que o empregado percebeu que tinha uma moça na cozinha, que seria no caso Cinderela Surda. Quando ele pergunta quem era aquela moça? Automaticamente inventaram uma desculpa de que Cinderela Surda não era ninguém importante, apenas uma empregada surda.

O empregado afirma que as ordens do príncipe é que todas as moças experimentassem a luva, principalmente as surdas do reino. Ao chamarem-na, sua madrasta e suas meias-irmãs ficam apreensivas, e a luva coube perfeitamente em ‘Cinderela Surda’.

O papel da madrasta, que nunca se importou com “Cinderela Surda”, ainda mais que, mal se comunicava com ela, mostrava desprezo e rejeição tanto a ela quanto à sua língua, no entanto, quando percebe que ser surdo poderia lhe trazer benefícios, seus conceitos repentinamente “mudam”. Ela aponta que suas duas filhas também seriam surdas, sendo que, na verdade, elas nunca se interessaram em aprender a LSF. Caso aprendessem a Língua de Sinais Francesa, poderiam se tornar intérprete de Libras ou professoras em alguma instituição do reino.

Tal atitude pode simbolizar o percurso histórico do surdo, pois foram muitos preconceitos, discriminações e até mesmo a proibição de utilizar uma língua espaço-visual que atendesse a suas especificidades linguísticas. A língua de sinais foi, por muito tempo, estigmatizada e considerada inferior. É importante para o visualeitor ter contato com estes contextos históricos, para valorizar a língua de sinais e a história da comunidade surda.

Muitos surdos sofrem vários preconceitos com os próprios familiares, que ignoram as suas opiniões ou os desejos de ter uma vida mais independente. Aqueles que conseguem estudar, trabalhar e ter a sua própria família através de suas escolhas, conseguem trilhar um caminho muito mais aberto para o conhecimento, diferente dos surdos cujas famílias não permitem que sejam independentes, por não acreditarem em sua autoconfiança.

No mundo do silêncio as imagens possuem valor simbólico, na ausência da percepção de sons, a percepção visual emerge como porta de entrada para a comunicação e a geração das interpretações [...] é através dos signos visuais que a criança surda

embarca no processo de comunicação e de interação e através da aquisição da língua espaço-visual ela adquire as formas de organização e de categorização de pensamento (Correia, 2021. p. 256).

Quando as crianças não podem ouvir, elas dependem muito mais das informações visuais. As imagens e a Libras têm um valor simbólico mais significativo porque se tornam a principal fonte de comunicação e interpretação do mundo para elas. Como a audição não está disponível para a comunicação, a percepção visual se torna a principal maneira pela qual as crianças surdas se conectam com os outros e compreendem o mundo.

Os signos visuais, como gestos, expressões faciais, sinais e escrita, são usados para os surdos se comunicarem. As crianças surdas precisam aprender e usar esses signos visuais para se expressar e entender bem os seus próprios pensamentos, além de poder se comunicar com outras pessoas. A importância do acesso à Literatura Surda demonstra as possibilidades que permitem o desenvolvimento da criança surda, para que ela possa encontrar através de seus aprendizados uma sociedade mais acessível.

Figura 46 – Final Feliz



Fonte: Montagem da autora

25. Cinderela Surda do Livro em PDF

Imagem da Figura 46: A mesma figura, sendo que em Libras tem o sinal de casamento que é a união de duas mãos.

Escrita de Sinais da página 33

PRÍNCIPE CINDERELA CASAR VIDA SEMPRE.

Português escrito da página 33

O Príncipe e a Cinderela casaram-se e foram felizes por muito tempo.

26. Cinderela Surda em vídeo com tradução em Libras para o português escrito

Os dois se casaram e foram felizes para sempre.

O tempo do vídeo referente a esta imagem seria entre 6m,18s a 6m,26s. A “Expressão Facial” prevalece nessa cena e indica movimentos ou expressões realizadas com a testa, as sobrancelhas, os olhos, e nariz, as bochechas e a língua, enquanto a “Expressão Corporal” está relacionada a movimentos realizados com a cabeça, os ombros e o tronco. Na contação da história podemos perceber que é bem utilizado mesmo sendo de uma forma menos artística, mas que acompanha a sinalização de acordo com que a história está sendo interpretada.

Modificação de sinais, variação de sinais, utilização de componentes não manuais (expressão corporal e facial), uso de classificadores, recorrência a metáforas, interiorização de personagens com suas características, mudança de papéis para representar diferentes personagens ou situações. (Morgado, 2011a, p. 62).

Na literatura infantil é muito importante nesse contexto introduzir a Libras de forma mais lúdica, pois ela pode ser usada para introduzir e reforçar a língua de sinais, bem como para proporcionar histórias, personagens e situações em que as crianças surdas como, visuoleitores podem se relacionar de forma significativa. Através de livros ilustrados, histórias e material de leitura visual, as crianças surdas podem expandir seu vocabulário e compreensão da língua de sinais, além de desenvolver habilidades de leitura e de narrativa. A literatura infantil inclusiva também ajuda a promover a representatividade e a diversidade, permitindo que as crianças surdas vejam personagens e histórias que refletem suas próprias experiências e identidades. A literatura infantil, pois, desempenha um papel crucial no desenvolvimento linguístico, cognitivo e social das crianças surdas.

Abaixo, será apresentada uma tabela com os principais artefatos da Língua de Sinais, da Identidade e da Cultura Surda, avaliando se a história da Cinderela Surda contempla as narrativas da pessoa surda.

Tabela 1 - Signos da História

Pagina	Escrita de Sinais	Escrita em Português	Libras
06	Sou SURDA Afirmação	Cinderela Surda e Príncipe Surdo / Pares	Aprender Libras Aquisição
08	Aprender Libras Aquisição	LEpee – História dos Surdos – Referência	Ensinar Libertação
10	Sinal Visual: Cabelo enrolado e Bochecha	-	-
12	Falta de Comunicação Sem acessibilidade	Poucos Sinais Analfabeto de sinais	Barreira Linguística Estrangeiro em seu país
14	-	-	-
16			
18	Fada- Possibilidades	Comunicação	Luvas
20			

22	Sou Surda (auto afirmação)	Surdo (Identidade)	Conversar a noite toda
24	Libras	Ficou com a Luva	Luva (Mãos)
26	Luva (Mãos)	Sinalizou o príncipe	Luva (Mãos)
28	Surda (Identidade)	Falsa identidade Surda	Surda (Identidade)

Fonte: Autoria própria

5.2 Análise do vídeo em Libras

Ao analisarmos como a versão do livro da “Cinderela Surda” é interpretado em Libras, no canal Chaplin, do Youtube, observamos que prevalece uma tradução interlingual, faltando elementos estéticos da Libras. A versão em PDF e o vídeo incorporam diferentes estratégias de composição do campo visual, demandando “um processo de recepção ativa para além da série literária” (Gomes, 2019, p. 85). Ao identificarmos linguagens híbridas nas duas versões, constatamos que elas combinam diferentes formas de expressão, como texto, imagem e som, provocando o visualeitor a fazer diferentes conexões entre essas linguagens, sugerindo que os visualeitores precisem se envolver ativamente na compreensão e interpretação do conteúdo. Isto vai além de uma leitura passiva, uma vez que envolve a interação com diferentes modalidades de expressão. Para que a interpretação aconteça, é necessária a conexão entre as linguagens multimodais.

A linguagem do vídeo é mais dinâmica e envolvente, mas, exige que o visualeitor faça pontes entre as diferentes linguagens que compõem o material: imagens, cores, escrita em L2, entre outros. Destacamos que para uma tradução voltada para o visualeitor, mais detalhes devem ser apresentados em Libras, uma vez que estamos explorando um texto literário em uma mídia digital, conforme sugere Gomes:

Tal processo passa pela tradução do texto literário por meio de linguagens fronteiriças que se mantenham coerentes com a obra divulgada. Logo, o leitor tem papel fundamental de aproximar duas técnicas de contar uma história: com o texto escrito e com as imagens e vídeos capazes de traduzir o enredo. (2019, p. 86).

Por essa perspectiva, o visualeitor que domina a linguagem digital terá mais facilidade para compreender o vídeo, já aquele que não tem um letramento digital poderá optar pelo livro impresso, por ser mais simples e trazer a versão da escrita de sinais.

Desta forma, conforme o embasamento teórico utilizado nesta dissertação, temos a compreensão, quando pensamos no visualeitor, de que os diferentes formatos apresentados no vídeo e no livro da adaptação de “Cinderela Surda” contribuem para a recepção visual da história. Entre as características analisadas, destacamos 8:

1. Na versão livro, a escrita em português é um modo de comunicação textual adequado, pois envolve o domínio de L2 para os surdos. Trata-se da adaptação mais simples desses materiais.
2. Na versão livro, o uso do *SignWriting* é outra contextualização da versão surda e aproxima-se mais do visualeitor que tem uma formação nessa língua desenhada. A proposta visual dessa versão da Libras traz novos códigos para o processo de interpretação visual.
3. Os desenhos de Hessel, tanto no livro impresso, quando no vídeo em Libras, reforçando o propósito de um texto multimodal para surdos. Essa marca é uma das mais importantes da tradução intersemiótica do vídeo. Cabe salientar que ela não faz parte das atividades do intérprete, o qual não faz comentários sobre as imagens.
4. No vídeo, adaptado em Libras, encontramos diferentes informações das versões escritas. A performance da intérprete foi própria de uma tradução interlingual, portanto bem executada, mas sem uma preparação especial. Sua tradução para Libras privilegia elementos linguísticos, visto que não priorizou a performance, apesar de haver algumas passagens com uso de expressões faciais que complementam os sinais.

Em resumo, pela perspectiva multimodal, consideramos que o papel do intérprete no vídeo do canal Chaplin é de adaptar a versão do Livro para Libras. O que acontece de maneira satisfatória nesse caso, pois há linguagens complementares a Libras, como os desenhos de Hessel. Com isso, acreditamos que o horizonte interpretativo do visualeitor foi alcançado, visto que o vídeo prioriza Libras e os desenhos para a construção da narrativa por meio de uma tradução interlingual.

Se pensarmos em uma performance estética, a tradução poderia trazer novos códigos para o visualeitor explorando o encantamento do conto “Cinderela Surda” e a riqueza de detalhes estéticos da Libras. Sabemos que não é fácil uma versão mais artística, pois envolve um planejamento de seleção de vocabulário e escolha de sinais e elementos estéticos da Libras. Para as versões mais estéticas, necessitamos desenvolver um roteiro cinematográfico que capture os principais elementos da narrativa impressa da Cinderela surda, incluindo os diálogos em língua de sinais, descrições visuais e detalhes que transmitam a experiência dos personagens, espaço, tempo, local e incorporação da história.

Como o vídeo seguiu o mesmo roteiro de imagens, ele contempla a perspectiva do visualeitor, pois os cenários incorporam elementos da cultura surda, como a escola para o príncipe, ou espaços onde a língua de sinais é naturalmente usada, como no caso da ‘Cinderela Surda’, que teve acesso à associação de surdos. Cabe destacar, que mesmo assim, o vídeo está

mais voltado para uma versão didática, sem muita criatividade, visto que os desenhos, muitas vezes não era apresentados pela narradora em Libras. Tais processos de tradução são complexos, já que

Nenhuma dessas duas mídias performativas, entretanto, transcodifica textos impressos com facilidade. Contar não é o mesmo que mostrar. Tanto as adaptações para o palco quanto para a tela devem usar o que Charles Sanders Peirce chamou de signos indexicais e icônicos - isto é, pessoas de verdade, lugares e coisas -, enquanto a literatura utiliza signos simbólicos e convencionais. (Hutcheon, 2013 p. 73).

De acordo a citação acima, essa distinção destaca a complexidade da adaptação de obras literárias para mídias performativas, evidenciando que o processo vai além da mera transposição de palavras escritas para ações visuais. A transcodificação envolve a seleção cuidadosa de signos indexicais e icônicos para criar uma representação viva e envolvente da obra original. A adaptação de textos literários para Libras enfrenta desafios, pois a gravação precisa explorar planos e aspectos performativos da língua de sinais, fortalecendo a comunicação visual em suas múltiplas modalidades.

Quando uma obra é adaptada, a representação dos personagens e emoções muitas vezes requerem o uso de atores reais, cenários concretos e objetos físicos, isso é necessário para transmitir a história de uma maneira visual e envolvente. Quando nos referimos aos signos, existe uma relação direta com o objeto ou conceito que representam. Por exemplo, a imagem de uma pessoa é icônica, pois se assemelha visualmente à pessoa representada. O uso de atores reais, cenários tangíveis e objetos físicos em mídias performativas é considerado indexical e icônico.

Nas considerações finais desse capítulo, gostaria de retomar o debate sobre a variedade de performances em Libras que temos nas plataformas digitais.

Nas plataformas digitais, temos cada vez mais narrativas performáticas em Libras, classificadas como Visual Vernacular (VV), que misturam diferentes códigos artísticos de criação para privilegiar a estética visuo-espacial. A VV articula os sinais de forma diferenciada ao relacionar os classificadores e as técnicas de performance ao espaço. Além disso, trata-se de uma técnica que aproxima a língua de sinais da linguagem corporal, explorando a sinalização de forma econômica, com recursos cinematográficos como o zoom e câmera lenta, entre outros, aproveitando-se, muitas vezes da representação de animais ou objetos. (Gomes; Silveira, 2023, p. 92-93).

A citação acima descreve o conceito de Visual Vernacular (VV) nas narrativas em Libras, como uma técnica que destaca a estética visuo-espacial e a linguagem corporal nas performances em língua de sinais. A VV explora a sinalização de maneira criativa e econômica, incorporando recursos cinematográficos, como zoom e câmera lenta, além de representar animais e objetos. Essa abordagem permite uma articulação única dos sinais, utilizando

classificadores e técnicas performáticas que se relacionam com o espaço e a linguagem corporal.

Portanto, estamos diante de novas possibilidades de tradução de um texto literário. Essa forma de arte contribui para a diversidade cultural e linguística, destacando a importância da inclusão e reconhecimento das expressões surdas em vídeos que priorizam a performance visual. Em uma interpretação em Libras utilizando o VV para a narração da história da Cinderela Surda, os aspectos que devem ser explorados para uma melhor atuação e apresentação da história seriam a mistura de diferentes códigos artísticos, incluindo a Libras, performance corporal e elementos cinematográficos. Essa abordagem multifacetada contribui para a criação de uma narrativa rica e visualmente estimulante. A relação entre classificadores (sinais que representam características humanas ou de objetos) e técnicas de performance ao espaço indica uma abordagem cuidadosa na utilização do ambiente ao redor para aprimorar a narrativa. Isso pode incluir gestos específicos, movimentos e interações com o espaço circundante.

A VV se aproxima da linguagem corporal, sugerindo uma conexão íntima entre a expressão em Libras e a comunicação corporal mais ampla. Essa abordagem pode tornar a performance mais envolvente e acessível para o público, mesmo aos ouvintes que não dominam a Libras. A incorporação de recursos cinematográficos, como zoom ou câmera lenta, destacam a adaptação da Libras para o meio digital.

A linguagem audiovisual tem o poder de despertar a imaginação, através da criação dos mundos visuais, o estímulo no visuoleitor permite envolvimento emocional com a história. Ao exemplo da história que nos traz à tona temas como abusos domésticos, trabalho escravo e discriminação devido ao fato de a pessoa ser surda, o conto se torna uma forma de conscientização sobre questões sociais relevantes. Os vídeos podem ser referências como meio de comunicação visual, sensibilizando o público surdo e ouvintes para as experiências de grupos marginalizados.

Outras contribuições da linguagem audiovisual são os planos de câmera em seus movimentos, que poderiam ser utilizados na história Cinderela Surda. Em uma das filmagens, poderiam ser utilizados, no momento da narração, ângulos diferenciados com um plano geral, em que na história escrita se destaca muito bem através das imagens coloridas em espaços como a cozinha, contextualizando a situação em que Cinderela Surda está vivenciando na história.

Além desses planos, temos o médio, para mostrar a interação entre a Cinderela Surda e os outros personagens como a sua madrasta, enfatizando as expressões faciais da Cinderela Surda ao transmitir suas emoções diante das situações de abusos feitas pela sua madrasta.

Utilizar o plano seria empregar closes, destacando detalhes importantes, como as mãos de Cinderela Surda ao comunicar-se em língua de sinais, concentrar-se nos olhares e expressões da personagem para intensificar a conexão emocional com o público.

A exploração desses planos na história da “Cinderela Surda”, ao citar os detalhes a objetos simbólicos, focaliza as suas roupas esfarrapadas da jovem, que desempenham um papel significativo na história: representam uma pessoa pobre e que passa por muitas necessidades, precisando de ajuda. Quantas pessoas surdas não precisam de ajuda? Dentro dos seus mundos, muitas vezes sem a compreensão de uma língua ou de sua realidade enquanto pessoa surda.

Introduzir os planos subjetivos para mostrar o mundo de ‘Cinderela Surda’ a partir de sua perspectiva auditiva realça a experiência única em sua personagem surda, em seus pensamentos de um coração bondoso e com eternas saudades de seus pais.

Explorar os movimentos da câmera em suaves sintonias cria uma sensação de fluidez e envolvimento emocional nas cenas mais delicadas. A iluminação pode ser usada de forma simbólica, com ambientes mais escuros refletindo as dificuldades enfrentadas pela Cinderela Surda, e ambientes mais claros representando momentos de esperança e superação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A divulgação de materiais como os vídeos da “Cinderela Surda” na plataforma Youtube dá visibilidade à importância das narrativas das histórias de vida da comunidade surda, ressaltando a literatura surda. Ao destacar essas narrativas de vida, reconhecemos a importância de dar voz às experiências individuais e coletivas. Essas narrativas contribuem para a construção da história de vida da comunidade surda, em forma de expressões diversas da cultura e identidades surdas. Ao considerar esses aspectos, percebemos como a combinação de expressão visual, filmagem e plataformas on-line desempenham um papel fundamental na divulgação e valorização destas narrativas.

De acordo o pesquisador Saulo Vieira (2016): “A expressão visual imagética em Libras através das filmagens serve para divulgar as narrativas para a comunidade surda”. Vieira destaca a importância das filmagens como uma ferramenta poderosa para a disseminação de narrativas visuais em Libras, entre a comunidade surda. Ao enfatizar a "expressão visual imagética", ele sublinha como a comunicação visual, através de vídeos, não só preserva a língua de sinais, mas também amplia o acesso à cultura e à informação para pessoas surdas. Isso reforça a ideia de que o uso de tecnologias audiovisuais é essencial para a inclusão e valorização das narrativas culturais surdas.

Essas combinações multimodais podem trazer um gozo emocional em relação aos sentimentos da pessoa surda ao ter esse contato pela primeira vez, permitindo que ela receba informações visuais e linguísticas de maneira sincronizada, respeitando as particularidades da língua de sinais. A utilização das plataformas digitais para armazenar esses conteúdos em Libras enriquece as experiências visuais do visuo leitor, proporcionando não apenas a linguagem visual, mas também os elementos culturais e emocionais, transmitidos por meio da estética e da performance da Libras.

As variações dos recursos linguísticos auxiliam no dinamismo e enfatizam partes importantes da mensagem narrativa. Isso com certeza mantém o interesse e a atenção do público surdo. Um intérprete de Libras que utiliza a narração de forma criativa pode tornar a interpretação visualmente mais cativante. O uso de inovações tecnológicas, como transmissões com gráficos ou elementos visuais adicionais, pode enriquecer a apresentação visual. Isso é particularmente relevante quando a interpretação é transmitida em plataformas on-line. Além disso, as escolhas e a inclusão de ângulos de câmera, iluminação adequada e outros elementos visuais destacam a interpretação.

Ao considerar esses aspectos, os intérpretes de Libras podem aprimorar a sua capacidade de tornar a interpretação visualmente mais atraente, criando uma experiência envolvente para o visualeitor. Essa abordagem não apenas facilita a compreensão, mas também valoriza a expressividade e a riqueza da Libras. Sendo assim, a nossa atuação enquanto profissionais na área de literatura surda está voltada para exploração de diferentes estratégias de tradução estética que possam ampliar a capacidade de recepção do visualeitor.

Hutcheon (2013) nos faz fortalecer a ideia que uma adaptação com engajamento utiliza os elementos de contar, mostrar e interagir mais com o tempo e com o espaço dentro de uma cultura e sociedade. Podemos ressaltar, então, a influência desses diversos fatores na interpretação de uma história adaptada para Libras, especialmente considerando que mudanças significativas no contexto da pessoa surda, devem ser levadas em conta para a compreensão do texto pelo visualeitor.

O contexto da pessoa surda pode ser visto como um novo intertexto para o conto “Cinderela Surda”, que pode ser entendido como um palimpsesto de referências ao clássico original e à adaptação a cultura surda. De acordo a Hutcheon, nas adaptações, estamos diante de elementos da história original, com novas camadas de significado. Nesse caso, o termo "palimpsesto" sugere que a adaptação preserve algumas características da história tradicional de “Cinderela”, enquanto incorpora elementos distintos relacionados à cultura surda.

Como destacamos nas considerações sobre o vídeo do canal Chaplin, trata-se de um vídeo que segue a tradução interlingual, com destaque para uso das imagens para complementar a tradução para Libras. O conto adaptado ganhou uma versão em vídeo que contempla linguagens híbridas e facilita a interpretação do visualeitor. Conforme Linda Hutcheon (2013), essa capacidade de adaptação entre mídias reforça a flexibilidade das narrativas e das expressões artísticas, permitindo que histórias sejam contadas e experimentadas de maneiras inovadoras. No caso de "Cinderela Surda", a adaptação para o vídeo ampliou o sentido da obra em PDF, pois usou recursos próprios da Libras para recontar o clássico, possibilitando experiência uma experiência visual para além da obra impressa.

Cabe destacar a importância da divulgação desses vídeos em plataformas digitais como no YouTube, que passam a ser vistos como modelos para outras produções. A comunidade online é dinâmica e responsiva, e os criadores frequentemente adaptam, reinterpretem e expandem conceitos que foram bem-sucedidos anteriormente. Além disso, a natureza colaborativa e participativa do YouTube permite que diferentes criadores adicionem suas próprias perspectivas e estilos únicos à narrativa.

Essa dinâmica de adaptação e reinterpretação nas mídias performativas, reflete a natureza evolutiva da narrativa visual. À medida que as histórias são contadas e mostradas de maneiras inovadoras, a comunidade surda continua a responder, remixar e criar novas adaptações, criando assim um ciclo contínuo de expressão criativa e adaptação.

Os adaptadores cinematográficos, em outras palavras, têm à sua disposição uma verdadeira riqueza de possibilidades técnicas, convenções adquiridas e aceitas que ajudam a enfrentar a passagem do impresso para a tela, até mesmo no caso de textos que são temporalmente complexos ou claramente interiorizados. (Hutcheon, 2013, p. 101).

Portanto, as adaptações em vídeos tendem a ser as melhores opções para a formação de um visualeitor que pode acompanhar em sua língua original, Libras, textos complexos traduzidos pela performance artística de um intérprete. Essas ferramentas ajudam a traduzir o conteúdo impresso de maneira eficaz e visualmente envolvente, mantendo a essência da obra original enquanto a reinterpreta por meio da linguagem corporal e dos elementos estéticos da Libras.

Quero fechar esse texto falando de minha experiência como intérprete. Enquanto interpreto algum texto literário, eu sempre rabiscava em mim mesma algo que aproximasse o intérprete de Libras enquanto um ator, aquele que em vários momentos pode ser tudo e, ao mesmo tempo, nada. Tudo, pois posso ser o professor, o aluno, a mãe do aluno, o amigo, o marido, a ‘Cinderela Surda’, o pagador de promessas, o padre, a amante, a cartomante, enfim, são muitos papéis em que vivemos diariamente. De acordo com Hutcheon (2013), podemos considerar a questão dos atores como adaptadores, destacando um aspecto importante no contexto das produções encenadas, como teatro e outras formas de performance ao vivo.

Os atores não apenas memorizam linhas de diálogo, mas também incorporam o personagem em todos os aspectos. Eles dão vida ao papel, utilizando expressões faciais, gestos, movimentos corporais e voz para transmitir a personalidade e emoções do personagem. Mudanças na postura, posicionamento e movimentação podem contribuir para a clareza e impacto da interpretação, a expressividade facial e corporal torna-se ainda mais crucial. Gestos, expressões faciais e movimentos corporais devem ser usados de maneira acentuada para transmitir nuances e emoções.

Portanto, ao interpretarmos em Libras, desempenhamos um papel crucial na materialização e na expressão destas adaptações, que nos são repassadas no momento de atuação. A interpretação em Libras pode envolver escolhas interpretativas únicas feitas naquele momento, e temos a liberdade artística de reinterpretar e dar uma nova perspectiva ao papel, contribuindo assim para a natureza adaptativa da performance. Podemos utilizar a oportunidade

de explorar a profundidade psicológica e emocional dos personagens, proporcionando uma compreensão mais rica e multifacetada da narrativa.

A resposta desempenhada em uma interpretação em Libras é importante na evolução da performance literária, podendo ajustar as interpretações com base no feedback recebido pelo visualeitor, tornando a adaptação um processo dinâmico, pois sempre sofrerá ajustes todas as vezes que for executada por um intérprete diferente.

A adaptação da “Cinderela Surda” do livro para o vídeo tem uma representação também importante em relação ao capital cultural da comunidade surda. Disponibilizar vídeos na plataforma é ampliar o repertório dos surdos, assim como acontece com as adaptações para ouvintes como nos explica Hutcheon (2013, p. 132): “Confira os sites virtuais de quaisquer filmes ou adaptações para o palco que tenham “pretensões” educacionais: há hoje uma indústria educacional secundária dedicada a ajudar alunos e professores a “retirar o máximo” das adaptações (Hutcheon, 2013, p. 132).

O mercado educacional desempenha um papel significativo no consumo de adaptações cinematográficas e teatrais de obras literárias. Muitas dessas adaptações são exploradas em contextos educacionais, como escolas e universidades, onde professores e estudantes buscam enriquecer a experiência de leitura por meio da apreciação de diferentes formas de mídia. O curso de graduação em Letras Libras, na UFS, tem desempenhando um papel muito importante nessas divulgações, principalmente para os discentes surdos, que entram neste espaço acadêmico sem nenhum conhecimento literário.

Assim acontece com muitos intérpretes de Libras, que atuam em sala de aula nas disciplinas sobre Leitura, Introdução a Teoria Literária, Poesia visual ou Literatura Surda, sem nenhuma base teórica da literatura em si, vindo muitos com o conhecimento mínimo de ensino médio. É importante reconhecer a necessidade de formação específica para intérpretes de Libras que atuam em disciplinas de literatura, já que possui uma linguagem específica e conceitos teóricos que demandam uma compreensão sólida para ser interpretados adequadamente. Para proporcionar uma experiência educacional mais completa, os intérpretes de Libras deveriam receber treinamento adicional quando for atuar nessas disciplinas, que proporcionará um aprofundamento em conceitos literários, análise de obras, e compreensão da linguagem específica da literatura.

A colaboração estreita entre intérpretes de Libras e professores de literatura pode ser benéfica. Professores podem compartilhar materiais didáticos, orientar na interpretação de conceitos literários e criar estratégias de ensino inclusivas. Garantir que intérpretes de Libras tenham acesso a recursos didáticos adaptados, como glossários especializados, material

visualmente rico e apoio em língua de sinais para termos literários, pode melhorar a eficácia de suas interpretações. A formação e o desenvolvimento profissional contínuo são componentes fundamentais para garantir que os intérpretes atendam às demandas da tradução performática e proporcione melhor compreensão dos textos em Libras para o visualeitor.

Nesta dissertação, constatamos que a adaptação/tradução para Libras do conto “Cinderela Surda” não é simplesmente uma cópia mecânica de um clássico para outro formato, não se trata de reprodução direta, mas sim de um processo mais intrincado. A repetição em outra língua não implica uma duplicação exata da obra original. Em vez disso, a adaptação mantém elementos essenciais, mas permite variação, inovação e ajustes conforme o necessário. No caso das traduções, temos a familiaridade do visualeitor com a contextualização em Libras da história que está sendo narrada. No caso da adaptação à cultura surda, teremos elementos novos que surpreendem e inovam a obra original.

Embora tenham sido feitos progressos significativos, ainda existem desafios e lutas contínuas para garantir que os surdos tenham seus direitos e sua língua respeitada em todo o mundo. A conscientização e o apoio contínuo são fundamentais para promover a inclusão e a igualdade para a comunidade surda. É vital que a conscientização e o apoio continuem a ser direcionados a essas questões para que a igualdade e a inclusão se tornem uma realidade para as pessoas surdas em todo o mundo. Isso envolve não apenas mudanças nas políticas e na legislação, mas também uma mudança cultural mais ampla em direção à aceitação da diversidade e à valorização das contribuições da comunidade surda.

A aceitação mútua entre os surdos e os ouvintes, bem como a aceitação de si mesmos enquanto surdos, contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa. Esta aceitação é um passo importante em direção à eliminação de barreiras e à promoção do respeito pelos direitos e identidades das pessoas surdas.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX, Marcia. **Poéticas do visível**: ensaios sobre a escrita e a imagem. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras Estudos Literários da Faculdade de Letras UFMG, 2006.

BALTAR, Marcos Antonio Rocha; BEZERRA, Charlene. Paulo Freire e os estudos críticos do letramento: o suleir e a relação norte-sul. **Revista Línguas & Letras**. [S.l.], v. 15, n. 28, 2000. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewFile/>. Acesso em 18 maio 2023.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 21 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Lei Federal nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2002.

COSSON, Rildo. Letramento literário: educação para vida. **Vida e Educação**. Fortaleza, v. 10, p. 14-16, 2006. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>. Acesso em: 18 maio 2023.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

CLÜVER, Claus. Inter textus, inter artes, inter media. **Aletria**: Revista de estudos de literatura. Belo Horizonte, v. 14, p. 10-41, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18067>. Acesso em: 18 maio 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

GOMES, Carlos Magno. A Recepção Multimodal do Texto Literário. **Revista do Gel**. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 80-94, 2016. Disponível: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/1845/1642>. Acesso em: 01 maio 2023.

GOMES, Carlos Magno. Letramento Digital: O vídeo como recepção do texto Literário. In: GOMES, Carlos Magno (org.). **Didática on-Line: letramentos, narrativas e materiais**. 1. ed. Maceió: Edufal, 2016.

GOMES, Carlos Magno; SILVEIRA, Raquel Ferreira da. Da tradução à adaptação dos clássicos no ensino de literatura surda. **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana, SE, v. 37, n. 1, p. 91–103, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/v37p91>. Acesso em: 5 fev. 2024.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Trad. Adelaine La Guardia Resende. et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HESSEL, Carolina; KARNOPP, Lodenir Becker; ROSA, Fabiano. **Cinderela Surda**. Canoas: ULBRA, 2003

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Trad. André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena.; LUNARDI-LAZZARIN, Marcia Lise. **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Editora ULBRA, 2011.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação**. Pelotas, v. 19, p. 155-174, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Netzel/Downloads/1605-Texto%20do%20artigo-2091-1-10-20121128.pdf>. Acesso em: 18 maio 2023.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura Surda**. Texto-base da disciplina de Literatura Visual do Curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina na modalidade à distância. Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf. Acesso em: 18 maio 2023.

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura Surda. **ETD - Educação Temática Digital**. Canoas, v. 7, n. 2, p. 98-109, 2006. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-101624>. Acesso em: 27 fevereiro de 2023.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais**: estudo longitudinal de uma criança surda. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1999. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/60505> . Acesso em: 01 maio 2023.

KLAMT, Marilyn Mafra; **O Ritmo na Poesia em Língua de Sinais**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2014.

LADD, Paddy. **Em Busca da Surdidade: Colonização dos Surdos**. Trad. Mariana Martini Sintagma. Toronto: Editora Europress Industria Gráfica, 2013.

LOPES, Silvana Fernandes, “RETRATOS” de Mulheres na Literatura Brasileira do século XIX. **Revista Plures Humanidades**. Ribeirão Preto, n. 15, p. 117-140, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/122396/issn1518-126x-2011-12-01-117-140.pdf?sequence=1&isallowed=y> Acesso em: 08 set. 2023.

MACHADO de Araújo, Fernanda; **Simetria na Poética Visual na Língua de Sinais Brasileira**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2013. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_cda2187a0a31973b235eda86733cfca4. Acesso em: 18 maio 2023.

MORGADO, Marta. **Literatura das línguas gestuais**. Lisboa: Editora Universidade Católica, 2011.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura surda**: produções culturais de surdos em língua de sinais. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32311/000785443.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 maio 2023.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura Surda**: experiência das mãos literárias. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/151708/001012805.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 jun. 2023.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. Edusp. 2. Ed. São Paulo, 2000. Disponível em: <https://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/Cap%C3%ADtulo%20%20-%20Literatura%20Comparada.pdf>. Acesso em: 18 maio 2023.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras - Português no contexto de conferência**: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2016. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_cc8870ef5f358f4a3756cf1f56d5bdeb. Acesso em: 18 maio 2023.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução, História, Teorias e Métodos**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PERLIN, Gladis. O lugar da cultura surda. In: THOMA, A. da S.; LOPES, M. C. (Orgs.). **A invenção da surdez**: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos. **A surdez. Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PINKER, Steven. **Tábula Rasa**: A Negação Contemporânea da Natureza Humana. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PIN, Leonardo Veloso. Steven Pinker: Estruturas Mentais Inatas e a Ontologização do Homo oeconomicus. In: PINKER, Steven. **Tábula Rasa**: A Negação Contemporânea da Natureza Humana. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de. **Libras - Linguística para ensino superior**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUADROS, Ronice Muller; Karnopp, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira**: Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA, Eloisa Acires Cardal. A pedagogia e a educação infantil. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, 2001.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998

SANTAELLA, Lucia; WINFRIED, Nöth, **Imagem**: Cognição semiótica, Midia. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2012.

STROBEL, Karin Lillian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. Disponível em: <http://www.youblisher.com/p/219074-surdos-100-piadas-capitulo-10/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

STUMPF, Marianne Rossi. Sistema Sign Writing: por uma escrita funcional para o surdo. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Orgs.). **A invenção da surdez**: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras**. Trad. Gustavo Gusmão. 1. ed. Petrópolis: Arara Azul, 2021.

TATAR, Maria. **Contos de Fadas**. Edição Comentada e Ilustrada. Edição, introdução e notas Maria Tatar. Trad. Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

VIEIRA, Zulmar Saulo, **A produção narrativa em Libras**: Uma análise dos vídeos em língua brasileira de sinais e da sua tradução intersemiótica a partir da linguagem cinematográfica. Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/175315>. Acesso em: 18 maio 2023.

WITKOSKI, A. **Introdução à Libras**: língua, história e cultura. Curitiba: Ed. UTFPR, 2015. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/1598>. Acesso em: 12 mar. 2023.

ANEXOS

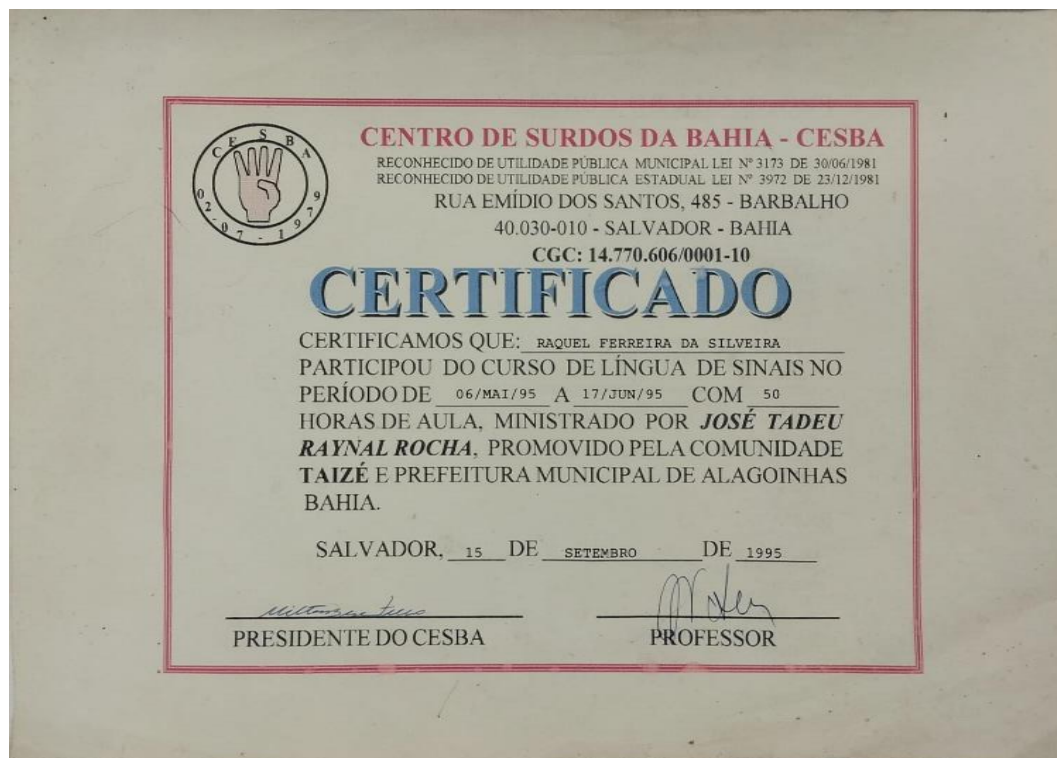
ANEXO A – Carteira de associado

CENTRO DE SURDOS DA BAHIA		CENTRO DE SURDOS DA BAHIA	
CNPJ 14.770.606/0001-10 RECONHECIDO DE UTILIDADE PÚBLICA MUNICIPAL LEI N.º 5.561/99 RECONHECIDO DE UTILIDADE PÚBLICA ESTADUAL LEI N.º 7.444 de 20/05/1999 SEDE PROVISÓRIA: Rua Augusto Guimarães, 172 Ladeira da Soledade (Barbalho). Tel/Fax: (71)243-0828 CEP.: 40301-035 – Salvador – Bahia.		FILIADO À: FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. LINEDS – Liga Nordeste Desportiva de Surdos. CBDS – Confederação Brasileira Desportiva de Surdos.	
CARTEIRA DE IDENTIDADE SOCIAL NOME: Raquel Ferreira da Silveira Nº SÓCIO: 418 EMISSÃO: 06/06/1995 DATA DE VALIDADE: Maio/2010 TIPO DE SANGÜINEO: B+ PRESIDENTE: Marcelo Ferreira Barreto		ENDEREÇO: Trav. Antonina Mendes 37E BAIRRO: Cabula CEP: 40035000 NATURALIDADE: Salvador - Ba ASSINATURA DO ASSOCIADO: Raquel Ferreira da Silveira	

ANEXO B – CESBA NO BAIRRO SOLEDADE - SALVADOR



ANEXO C – CERTIFICADO CURSO DE LIBRAS



ANEXO D – Prof Surdo Tadeu Raynal



ANEXO E – PADRE VICENTE – SURDO



ANEXO F – CAMPEONATO FUTSAL – CESBA ESSE DA SETA AZUL É MEU PRIMO SURDO MARCELO

